



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**ENTRE PRÁTICAS E APROPRIAÇÕES: OS GÊNEROS RETÓRICO-POÉTICOS
DO FOLHETO DE AMBAS LISBOAS (1730-1731)**

SUELEN OLIVEIRA DE BRITO

JOÃO PESSOA
AGOSTO DE 2019

SUELEN OLIVEIRA DE BRITO

**ENTRE PRÁTICAS E APROPRIAÇÕES: OS GÊNEROS RETÓRICO-POÉTICOS
DO FOLHETO DE AMBAS LISBOAS (1730-1731)**

Dissertação apresentada como requisito necessário para a qualificação no mestrado do Programa de Pós-graduação em Letras da UFPB como requisito para obtenção do grau de Mestre em Letras.

Área de concentração: Literatura, Teoria e Críticas

Linha de Pesquisa: Leituras Literárias

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Socorro de Fátima Pacífico Barbosa

Co-orientador: Prof.^o Dr. Natanael Duarte de Azevedo

JOÃO PESSOA

AGOSTO DE 2019

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

B962e Brito, Suelen Oliveira de.
ENTRE PRÁTICAS E APROPRIAÇÕES: OS GÊNEROS
RETÓRICO-POÉTICOS DO POLHETO DE AMBAS LISBOAS
(1730-1731) / Suelen Oliveira de Brito. - João Pessoa,
2019.
99 f. : il.

Orientação: Socorro de Fátima Pacífico Barbosa.
Coorientação: Natanael Duarte de Azevedo.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Polheto de Ambas Lisboas. 2. Gêneros
retórico-poéticos. 3. Apropriação. 4. Práticas de
Leitura e Escrita. I. Barbosa, Socorro de Fátima
Pacífico. II. Azevedo, Natanael Duarte de. III. Título.

UFPB/CCHLA

**ENTRE PRÁTICAS E APROPRIAÇÕES: OS GÊNEROS RETÓRICO-POÉTICOS
DO FOLHETO DE AMBAS LISBOAS (1730-1731)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para a obtenção do Título de Mestre em Letras, na área de concentração de Literatura, Teoria e Crítica.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Socorro de Fátima Pacífico Barbosa
(Orientadora)

Natanael Duarte de Azevedo

Prof. Dr. Natanael Duarte de Azevedo
(Co-orientador)

Hermano de França Rodrigues

Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues
(Examinador Interno ao Programa)

Idalberto de Oliveira Paes

Prof. Dr. Idalberto de Oliveira Paes
(Examinador Externo ao Programa)

JOÃO PESSOA
AGOSTO DE 2019

*Aos pesquisadores que mesmo diante de tantos
percalços lutam com resistência para produzir
conhecimento neste país.*

AGRADECIMENTOS

Ao Senhor, meu Deus, pela presença em todos os momentos de minha vida.

Aos meus pais, fonte motivação nessa caminhada.

A minha vizinha, dona Maria, por acreditar mais em mim do que eu mesma e por me estender palavras tão afetuosas sempre.

Aos meus irmãos, irmãs e sobrinhos pelo apoio, carinho e amor incondicional. Obrigada por proferirem palavras de apoio e gestos significativos.

Meus sinceros agradecimentos a professora Socorro Barbosa pelo caminho que trilhou junto comigo na graduação, iniciação científica e mestrado. Agradeço à paciência com que me orientou, pela confiança a mim depositada, o conhecimento compartilhado e a contribuição na minha formação enquanto ser humano, mulher, professora e pesquisadora.

À Nathanael Azevedo por ter aceito me coorientar, pela solicitude, leituras e contribuições teóricas dadas neste trabalho.

Ao professor André Belo por ter solucionado algumas dúvidas e ter respondido tão gentilmente a todos os meus e-mails.

Agradeço ainda ao Programa de PósGraduação em Letras (PPGL) e a secretária Rose... que sempre me atendeu tão prontamente nos trâmites institucionais; à bolsa de estudos da CAPES que me proporcionou o suporte necessário para desenvolvimento da pesquisa.

Das contribuições na escrita, meu obrigada, as professoras Wiebke pelas considerações dadas na banca de qualificação e Camila Brugardt pelas referências, fundamentais no desenvolvimento dessa pesquisa.

Agradeço aos meus amigos queridos: Lucivaldo Gomes pela torcida e cumplicidade e a Gildeci Manuel pelas palavras de carinho, a compreensão e parceria estabelecida. Agradeço, em especial, a Luis Carlos da Silva, meu amigo de cidade, escola, universidade e de vida, pelos conselhos, experiências compartilhadas e palavras de acolhimento em momentos decisivos.

Enfim, gratidão a todos que contribuíram para que este momento se tornasse realidade!

O documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, das sociedades que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio (LE GOFF, 1994, p.547).

RESUMO

Esta pesquisa busca analisar e dar visibilidade aos gêneros retórico-poéticos do *Folheto de Ambas Lisboas* (1730 – 173) além de investigar a relação entre esse folheto português e o periódico oficioso *Gazeta de Lisboa Occidental* (1715-1760). Assim, procuramos restabelecer práticas de leitura e de escrita que regiam os gêneros no período setecentista. Nesta análise, utilizamos procedimentos previstos e aplicados pelas convenções letradas em vigência no período (PÉCORA, 2001) de circulação do folheto jocoso atribuído a Jerônimo Tavares Mascarenhas de Távora e a seu colaborador Victorino José da Costa. Para tanto, foi feita a catalogação e a análise qualitativa dos gêneros retórico-poéticos, buscando demonstrar o jornal como um espaço experimental que dava vazão a produção escrita no período setecentista. O estudo fundamenta-se, metodologicamente, na História Cultural, que lançou um olhar diverso do que comumente se tem sobre os objetos literários do passado, concebendo-os como fruto de um tempo histórico, agregando valor ao suporte e considerando objetos e autores relegados, apagados e preteridos em razão de uma visão anacrônica presente na Historiografia Literária que os condenou ao esquecimento e silenciamento. Desse modo, importou-nos observar as prescrições da historiografia da época para esses gêneros, o lugar de fala dos redatores, a importância do suporte na circulação e propagação dos gêneros retórico-poéticos, e as prescrições retórica e poética dos escritos na época. Para isso, consideramos os estudos de Barbosa (2007; 2017), Carvalho (2007), Chartier (1990; 1991; 1999; 2004), Gama (1846;1851), Hansen (2013), Honorato (1879), Lopes Moraes (1856), Machado (1746), Mattoso (2011), Mckenzie (2004), Mello Moraes (1856), Moraes Silva (1789) Mota (2003; 2005) e Pécora (2001), Quintiliano (2015) entre outros. Além disso, recorreremos aos arquivos eletrônicos do *Folheto de Ambas Lisboas* e a *Gazeta de Lisboa Occidental* (1715-1760) da Biblioteca Nacional de Portugal reconhecendo as fontes primárias como importantes fontes de pesquisa.

Palavras-chave: Folheto de Ambas Lisboas. Gêneros retórico-poéticos. Apropriação. Práticas de Leitura e Escrita.

ABSTRACT

This research aims to analyze and highlight the rhetorical-poetic genres of the *Ambas Lisboa Leaflet* (1730 - 1731) as well as investigate the relation between this portuguese leaflet and the unofficial journal *Gazeta de Lisboa Occidental* (1715-1760). Therefore, it was sought to reestablish the reading and writing practices that governed the genres in the 18th century. In this analysis, it was used procedures foreseen and applied by the lettered conventions in activity time (PÉCORA, 2001) of circulation of the jocular leaflet assigned to Jerônimo Tavares Mascarenhas de Távora and his collaborator Victorino José. To do so, a cataloging and a qualitative analysis of the rhetorical-poetic genres were made, in order to point out the newspaper as an experimental space that give vent to written production in the 18th century. The study is methodologically based on Cultural History, which took a different look at what it commonly has about the literary objects of the past, conceiving them as the fruit of a historical time, providing value to the support and considering relegated, erased and despised authors and objects because of an anachronistic view present in Literary Historiography which condemned them to oblivion and silence. Thus, it was extremely important to observe the prescriptions of the historiography of the time for these genres, the speech place of the writers, the importance of supporting the spreading and circulation of rhetorical-poetic genres, and also the rhetorical and poetic prescriptions of the writings at that time. For this purpose, it was considered the studies of Barbosa (2007; 2017), Carvalho (2007), Chartier (1990; 1991; 1999; 2004), Gamma (1846; 1851), Hansen (2013), Honorato (1879), Lopes Moraes (1856), Machado (1746), Mattoso (2011), Mckenzie (2004), Mello Moraes (1856), Moraes Silva (1789) Mota (2003; 2005) and Pécora (2001), Quintiliano (2015) among others. In addition, it was resorted to the electronic archives of the *Ambas Lisboa Leaflet* and the *Gazeta de Lisboa Occidental* (1715-1760) from the National Library of Portugal recognizing the primary sources as important research sources.

Keywords: *Ambas Lisboas Leaflet*. Rhetorical-poetic genres. Appropriation. Reading and Writing Practices.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 O SUPORTE FOLHETO E SUA COMPOSIÇÃO MULTIFACETADA.....	19
1.1 CARACTERIZAÇÃO DA <i>GAZETA DE LISBOA OCIDENTAL</i> E DO <i>FOLHETO DE AMBAS LISBOAS</i> : UM PERIÓDICO OFICIOSO VERSUS UM PERIÓDICO JOCOSO.....	21
2 OS REDATORES E AS TÉCNICAS RETÓRICAS NA FORMULAÇÃO DOS GÊNEROS RETÓRICO-POÉTICOS EM PORTUGAL.....	34
2.1 ENTRE A PENA E O PRELO: O <i>FOLHETO DE AMBAS LISBOAS</i> E SEUS REDATORES...34	
2.2 ESCRITOS LUSITANOS: O QUE SE PUBLICAVA NO <i>FOLHETO DE AMBAS LISBOAS</i> ?	40
2.3 OS GÊNEROS POÉTICOS E AS TÉCNICAS RETÓRICAS.....	43
3 O JOCOSO NOS GÊNEROS RETÓRICO - POÉTICOS DO <i>FOLHETO DE AMBAS LISBOAS</i>.....	51
3.1 O ESTILO JOCOSO.....	53
3.2 DO EPITÁFIO, ENDEXA, SONETO, GLOSA, REDONDILHA, COPLA, ENIGMA.....	60
3.3 UMA ACADEMIA FICTÍCIA: ACADEMIA DOS FLEUGMÁTICOS.....	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
REFERÊNCIAS.....	90
ANEXOS.....	96
APÊNDICE.....	99

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Anúncio	20
FIGURA 2 – Primeiro número do Folheto de Ambas Lisboas de 1730.....	22
FIGURA 3 – Notícias divididas por circunscrições.....	24
FIGURA 4 –Notícia do casamento entre o tempo e a mocidade na freguesia de Santa Justa...	25
FIGURA 5 – Frontispício.....	26
FIGURA 6 – Folheto nº 13 - Letra capitular.....	27
FIGURA 7 – Gazeta de Lisboa Ocidental.....	29
FIGURA 8 – Notícia da chegada do Conde Waldgrave.....	30
FIGURA 9 – Letra capitular da Gazeta.....	31
FIGURA 10 – Anúncio sobre a venda do Folheto.....	32
FIGURA 11 Notícia sobre a briga entre dois bêbados.....	32
FIGURA 12 – Advertência.....	41
FIGURA 13 – Dedicatória	41
FIGURA 14 – Epitáfio em forma de soneto.....	62
FIGURA 15 – Frontispício da Academia dos Fleugmáticos.....	78
FIGURA 16 – Folheto nº2 - Primeira alusão a academia dos Fleugmáticos.....	79

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Catalogação dos gêneros retórico-poéticos do <i>Folheto de Ambas Lisboas</i>	99
--	----

INTRODUÇÃO

O presente estudo teve início a partir do projeto *Ler e Escrever nos Folhetos periódicos lusos dos séculos XVIII e XIX*¹, coordenado pela professora Socorro de Fátima Pacífico Barbosa. Na época, como bolsista PIBIC (2015-2016), conheci o *Folheto de Ambas Lisboas – corpus* desta pesquisa – bem como leituras, teóricos, conceitos e estudos consistentes sobre a relação entre o jornal e a literatura. Trata-se de uma pesquisa situada no âmbito da História da Literatura, particularmente, nos estudos que envolvem à história da literatura portuguesa e visa analisar os gêneros literários retóricos e poéticos, pouco conhecidos ou considerados no campo da historiografia literária, presentes no Folheto de Ambas Lisboas que circulou em Lisboa, Portugal, entre os anos 1730 e 1731.

A pesquisa da Iniciação Científica culminou, para tanto, no trabalho de conclusão de curso em 2016, intitulado *o estilo jocoso nos gêneros retórico-poéticos do Folheto de Ambas Lisboas (1730-1731)*, todavia, vale ressaltar, que se tratava de um estudo embrionário, tendo em vista que na época, não estávamos de posse de todos os folhetos, aos quais, só tive acesso quando estes foram disponibilizados pela Biblioteca Nacional de Portugal. O acesso a todos os folhetos permitiu que a pesquisa prosseguisse para o Mestrado, agora, com um olhar mais apurado observando o jocoso a partir de preceitos retóricos, os quais regiam a escrita no século XVIII e influenciavam na construção dos gêneros retórico-poéticos.

O estudo em jornais e as leituras teóricas realizadas ao longo deste percurso me apresentaram a História Cultural que me fez lançar um olhar diverso do que comumente se tem sobre os objetos literários de séculos passados, imbuído de uma visão anacrônica e não raras vezes adepta da imanência do escrito. A História Cultural, principalmente, a partir dos estudos de Roger Chartier, contribuiu para que esta pesquisa fosse além do escrito, agregando valor ao suporte e ao contexto de produção, não desconsiderando para tanto, a literatura contida nos periódicos, que durante muito tempo foram objetos renegados. Se por um lado, constatamos que esses objetos foram apagados e relegados assim como muitos outros pela História da Literatura por outro, verificamos que vários são os pesquisadores² que atualmente vem dando visibilidade a esses objetos, por meio de pesquisas

¹ Projeto de pesquisa desenvolvido no PPGL/UFPB, com financiamento do CNPq.

² Roger Chartier, Marcia Abreu, João Luís Lisboa, Luis Carlos Villalta, José Terraguinha, Marlyse Meyer, Socorro de Fátima Pacífico Barbosa, André Belo, só para citar alguns.

consistentes no meio acadêmico, nos fazendo compreender os motivos que levaram uma fonte de estudos tão valiosa ter sido preterida.

Um longo percurso até mudar esse pensamento foi percorrido. De início, o foco dos estudos estava nos conteúdos, nas formas dos veículos de circulação da palavra impressa, mas com isso, buscava-se decifrar quem eram seus possíveis redatores e autores, pois estes, não raras vezes, se escondiam atrás de pseudônimos, isso porque, naquela época, havia a prevalência da palavra escrita e não daquele que a escreve (BARBOSA, 2007), contrariamente, ao que vivenciamos na atualidade.

A dissimulação, do latim *dissimulatio*, era um procedimento retórico comum aos leitores-escretores – categoria estabelecida por Barbosa (2007) – que funcionava como instrumento para despistar a vigilância editorial ao mesmo passo que visava cativar o leitor. Por dissimulação entendemos a

[...] técnica retórica que consiste em encobrir e dissimular os procedimentos de escrita. Manifestada das mais variadas formas, exige do pesquisador cuidado com as fontes, as citações, as designações de autoria. Partilhada e compreendida pelos leitores, estas astúcias vão além do pseudônimo, do anonimato, das letras invertidas. Eles incluem, conforme veremos adiante, modificar o gênero do escrito, trocar o autor, recorrer à antiga astúcia de dizer ter encontrado os escritos e até mesmo de encobrir o enredo com ilustrações ou gravuras; estes são, conforme veremos, elementos constitutivos de alguns periódicos luso-brasileiros. Enfim, trata-se de pensar essa dissimulação como economia interna da linguagem, ou seja, como elemento constitutivo de um modo de escrever e de ler de um tempo, nos periódicos luso-brasileiros dos séculos XVIII e XIX (BARBOSA, 2015, p. 61).

Por isso, as citações referentes ao *Folheto de Ambas Lisboas*, neste trabalho, têm como referência autoral o próprio Folheto, afinal, só posteriormente, foi atribuído a autoria a Jerônimo Tavares Mascarenhas de Távora e ao seu colaborador, em dois números, Victorino José da Costa.

Nesse cenário, a figura do autor ainda não estava consolidada, pois o autor não vivia da sua pena e preferia a “dissimulação do nome próprio sob anonimato da obra” (CHARTIER, 1999, p. 43). Todavia, não eram só esses aspectos que influenciavam a escolha de pseudônimos, os autores faziam uso desse artifício também para se prevenirem de punições legais, preservarem seu nome caso fossem uma pessoa de alta posição, influente ou ainda, pelo motivo contrário, por seu nome não ter importância. Consequentemente, esses personagens – os autores – e suas obras foram apagados da história da literatura e esquecida a contribuição que os jornais e suportes tiveram na circulação do texto literário (BARBOSA, 2007).

Por muito tempo, os periódicos e alguns gêneros literários foram considerados matéria pouco importante a ser estudada, de modo que apenas um ou outro escrito publicado nos jornais ficaram

consagrados passando a fazer parte do cânone³ literário, como é o caso, dos sonetos e alguns romances publicados nos jornais em forma de *folhetim*⁴ que posteriormente tornaram-se livros muito conhecidos. Mediante a valorização do cânone esqueceu-se que o jornal serviu de berço para muitos “textos” literários e autores (pertencentes ao cânone ou não) da literatura ocidental e que muitos dos romances e autores hoje consagrados surgiram nas páginas desse suporte.

A desvalorização do jornal como importante fonte de pesquisa não é resultante apenas da limitação dos estudos que desconsideram os suportes que dão forma aos objetos, os abstraindo de suas circunstâncias históricas, mas também de uma visão anacrônica que ainda leva estudiosos a atribuírem a objetos de séculos passados o conceito atual de literatura, concebendo-a como sendo aquela que abarca apenas os escritos criativos e imaginativos. Para nos desvencilharmos dessa visão, procuramos situar o *corpus* desta pesquisa, o *Folheto de Ambas Lisboas*, no século em que ele circulou. Para isso, é imprescindível compreendermos o que se considerava literatura no século XVIII, já que o termo e o conceito tal qual conhecemos hoje só passou a existir no século XIX. Segundo Eagleton (2006, p. 25):

Na Inglaterra do século XVIII, o conceito de literatura não se limitava, como costuma ocorrer hoje, aos escritos “criativo” ou “imaginativos”. Abrangia todo um conjunto de obras valorizadas pela sociedade: filosofia, história, ensaios e cartas, bem como poemas. Não era o fato de ser ficção que tornava um texto “literário” e sim sua conformidade a certos padrões de “belas letras” – o sec. XVIII duvidava seriamente se viria a ser literatura a forma recém surgida do romance - Os critérios do que se considerava literatura eram, em outras palavras, francamente ideológicos: os escritos que encerravam os valores e ‘gostos’ de uma determinada classe social eram considerados literatura.

O teórico se refere à Inglaterra no século XVIII, mas essa definição pode ser facilmente ampliada para outros contextos de produção escrita da mesma época, pois vamos encontrar nos jornais portugueses de cunho literário, deste período, diversos escritos que possuíam “a perspectiva horaciana de instruir e deleitar” (BARBOSA, 2007, p. 30). O literário nessa época era, portanto,

³ O termo cânon (cânone) vem do grego “kânon”, espécie de vara de medir. O termo entrou para as línguas românicas com o sentido de “norma” ou “lei” e foi utilizado pelos teólogos para selecionar textos e autores que mereciam ser preservados e incorporados a Bíblia. Sendo assim, o conceito de cânon está ligado ao princípio de seleção (e exclusão) não estando desvinculado do poder, e estes que selecionam e excluem são aqueles investidos de autoridade para fazê-lo e o farão de acordo com seus interesses e se realiza em um determinado espaço institucional, a exemplo da igreja (REIS, 1992, p. 70).

⁴ Nos referimos aos “romances publicados de forma fragmentada em jornais e marcados por uma estratégia de corte que provocava a curiosidade do leitor pelos ‘próximos capítulos’, estratégia mantida atualmente pelas novelas televisivas” (ALVIM, 2008). Entre esses romances podemos citar *A mão e a luva*, *Quincas Borba*, *Memórias póstumas de Brás Cuba*, de Machado de Assis, *O Guarani*, de José de Alencar, *A carteira de meu tio*, de Joaquim Manoel de Macedo.

sinônimo de conhecimento, erudição. Para Morel e Barros (2003, p. 41) os homens das letras tinham “[...] sobretudo, a crença de que estariam imbuídos de uma missão pedagógica, esclarecedora, civilizadora”. Portanto, o conceito de literatura da época e esse caráter pedagógico devem ser considerados pelo pesquisador ao lidar com objetos de estudo de séculos passados.

Zilberman (2006) afirma que os periódicos não só contêm literatura, mas fazem parte dela, pois a reformulação de alguns gêneros literários se deu juntamente com (e) os (nos) jornais. Desse modo, os periódicos fazem parte também da história da literatura e são pertencentes a um contexto histórico que possui práticas de leitura e de escrita diferentes das que temos hoje além de terem sido influenciados pelos leitores/consumidores e seu caráter propagador e formador de gostos, posto que “a recepção também inventa, desloca e distorce” (CHARTIER, 1998, p. 09 e 17).

Assim sendo, para melhor entendermos nosso *corpus* recorreremos a conceitos utilizados pela História Cultural, teoria que lançou um novo olhar sobre os suportes em que os objetos considerados pouco “nobres” circulavam e sobre a comunidade que os consumiam e os produziam. Dessa maneira, analisaremos os objetos literários como resultantes de práticas culturais de uma época e produzidos e consumidos por certa comunidade (BARBOSA, 2014, p. 14). O estudo desses objetos literários, contudo, requer atenção às formas – os suportes – que darão significação ao texto, bem como aos leitores, que em diferentes épocas constroem significações diversas para os escritos.

Os leitores também se constituem como um elemento importante na análise visto que “um texto só existe se houver um leitor para lhe dar significado” (CHARTIER, 1999, p. 11). É na leitura que o texto se constrói uma vez que “[...] a leitura [que] é por definição, rebelde e vadia” (CHARTIER, 1998, p. 07). Nesse sentido, é importante entender que mesmo diante da leitura que foge aos seus ‘caprichos’, o escritor sempre projetará um leitor que fará a leitura almejada, mas para que isso aconteça ele se valerá de protocolos de leitura visando restringir a possibilidade que o leitor tem de atribuir sentidos diferentes para um determinado escrito. O intuito é, portanto, promover o “convencimento e cerceamento para uma leitura única e autorizada que, por fim, também se projetava como modelo para outros escritos” (BURGARDT, 2018, p. 28). Não à toa Michel Foucault afirma ser o discurso uma área “[...] controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos [...]” (FOUCAULT, 2011, p. 09), reconhecendo assim a coerção e a vigilância depositada nos escritos pelas instâncias que o legitimam, nesse caso, o suporte impresso. Apesar disso, sabemos que o leitor sempre oferecerá resistência a essa leitura autorizada e passiva buscando estratégias para subvertê-la.

Nesse processo o leitor é parte fundamental, mas não é o único responsável. O escrito é produto de um tempo histórico e assim como a sociedade, ele também muda ao longo do tempo. Pesquisar objetos de séculos anteriores nos impõe o desafio de não olharmos o escrito literário do passado com os olhos do presente, mas buscarmos compreender os aspectos históricos envolvidos, como as práticas de leitura e de escrita, que definiam modos de ler e escrever.

Em *O verdadeiro Método de Estudar*, carta XVI, Verney (1991) considerou a sociedade portuguesa de séculos passados como não letrada, dotada de altas taxas de iliteracia, sem considerar para tanto, as diferentes práticas de leitura que existiam neste contexto – a leitura em voz alta, a leitura coletiva e a leitura da ilustração – que perpassam a leitura silenciosa e com os olhos que fazemos atualmente (CHARTIER, 1999).

Essas diferentes práticas tornavam acessíveis os folhetos, pois a leitura nessa época “[...] não é somente uma operação abstrata de intelecção; ela é engajamento do corpo, inscrição num espaço, relação consigo e com os outros” (CHARTIER, 1999, p. 16). Trata-se de uma leitura compartilhada, realizada em praça pública por alguém letrado que lia em voz alta para que os não letrados pudessem e se dispusessem a ouvir. A escrita também era compartilhada tendo em vista que existiam os profissionais especializados que faziam a intermediação entre aqueles que sabiam ler e escrever e os que não sabiam.

Para Chartier (1991), o historiador da escrita deve enlaçar, numa mesma história, o estudo dos textos – canônicos⁵, literários ou “sem qualidade” – o dos suportes de sua transmissão e disseminação, àquele de sua leitura, de seus usos e interpretações. Assim, é necessário considerar, portanto, todos os escritos sejam eles canônicos ou não canônicos bem como os suportes a que estão vinculados.

Este estudo busca, portanto, dar visibilidade a um folheto português desconhecido por muitos pesquisadores – o *Folheto de Ambas Lisboas* – chamando a atenção para uma forma de periódico do período setecentista, que “ora é apagada pela historiografia da imprensa, ora é por esta desdenhada e nem mesmo chega a fazer da chamada literatura da época” (BARBOSA, 2017, p. 673). Nessa perspectiva, estudos que revisitem as fontes primárias são de suma importância para inseri-los nos quadros da historiografia lusa e da imprensa portuguesa.

⁵ Os escritos canônicos na literatura são aqui entendidos como aquele “perene e exemplar conjunto de obras – os clássicos, as obras-primas dos grandes mestres – patrimônio da humanidade (e, hoje percebemos com mais clareza, esta ‘humanidade’ é muito fechada e restrita) a ser preservado para as futuras gerações, cujo valor é indisputável”. (REIS, 1992, p.70).

Em termos de crítica literária é necessário restituir os gêneros retórico-poéticos ao presente de sua enunciação, o que implica não utilizar categorias anacrônicas a objetos cuja história não pode ser concebida como “infância do presente, sobre os quais se pode legislar tranquilamente, com base em transferências imediatas de categorias atuais”, as quais “são sempre naturalizações de uma mitologia determinista da história” (PÉCORA, 2001, p. 11). Essas considerações, orientam esta pesquisa na análise sobre o *Folheto de Ambas Lisboas*, considerando-o, como produto histórico-cultural de um tempo, que fora impresso e formulado por estratégias de escrita, nas quais estava previsto o estilo jocoso⁶. O Folheto é, portanto, aqui analisado enquanto uma “fórmula editorial” (CHARTIER, 1990, p. 178), cuja origem está ligada à prática de editores tornarem os impressos mais baratos e “destiná-los à maioria” (CHARTIER, 2004, p. 262), tornando-os assim importantes popularizadores da literatura.

Assim sendo, essa pesquisa busca analisar e dar visibilidade aos gêneros retórico-poéticos do *Folheto de Ambas Lisboas* (1730 – 1731) além de investigar a relação entre esse folheto português e o periódico oficioso *Gazeta de Lisboa Occidental* (1715-1760).

No que tange aos procedimentos metodológicos, para que fossem alcançados os objetivos elencados, foi necessário além dos conhecimentos teóricos, um trabalho catalográfico que visou quantificar e apresentar os gêneros retórico-poéticos (conforme apêndice A) e a consulta aos acervos digitais, os quais foram de grande valia no desenvolvimento desta pesquisa. Assim, o acesso às versões digitalizadas dos periódicos – *Folheto de Ambas Lisboas* (1730-1731) e da *Gazeta de Lisboa Ocidental* (1715-1760) – se deu por meio do acervo digital da Biblioteca Nacional de Portugal. Utilizamos também a *Biblioteca Lusitana* (1746), de Diogo Barbosa Machado para conhecermos a vida e obra do editor e do colaborador do folheto português. Dois dicionários publicados próximos à época que circulou o *corpus* desta pesquisa nos possibilitaram entender os sentidos conferidos a termos que nos eram desconhecidos: o *Dicionário Bibliográfico Português: estudos de Inocêncio Francisco da Silva aplicáveis a Portugal e ao Brasil* (1859) e (1862) e *Dicionário da língua Portuguesa composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado e acrescentado por Antônio de Moraes Silva* (1789). Todavia, buscamos atualizar a ortografia dos escritos do *Folheto* e das citações retiradas dos dicionários para melhor entendimento.

⁶ O estilo jocoso trata-se do emprego do humor que nada mais é do que ter disposição para descrever espirituosamente sobre certos fatos, como se apresentam, com minúcias e graça (BRAREN, 1992).

O presente trabalho está estruturado em três capítulos contendo ainda introdução e considerações finais. O primeiro capítulo trata do surgimento do *Folheto de Ambas Lisboas* e apresenta uma caracterização do *Folheto* e da *Gazeta de Lisboa Ocidental*, apontando as semelhanças e diferenças entre esses periódicos, um de cunho jocoso e o outro oficioso que reverberarão práticas de escritas distintas.

No segundo capítulo discorreremos sobre quem eram os redatores atrás da pena, de modo a entender o lugar de fala desses homens das letras. Além disso, buscamos a partir da catalogação dos gêneros retórico-poéticos verificar o que se publicava no *Folheto de Ambas Lisboas* e as técnicas retóricas utilizadas pelos escritores no período setecentista reconhecendo assim a contribuição do *Folheto de Ambas Lisboas* na formulação dos gêneros retórico-poéticos em Portugal.

No terceiro capítulo, por sua vez, iremos tratar, especificamente, sobre o jocoso nos gêneros retórico-poéticos, trazendo em forma de análise definições e apontamentos estruturais sobre os gêneros a partir dos preceitos retóricos. Além disso, buscaremos entender a criação de uma academia fictícia denominada no folheto português de Academia dos Fleugmáticos.

Por conseguinte, este trabalho busca contribuir com a investigação sobre a dívida da literatura para com o jornal e percebê-lo não como um arquivo morto, no qual está depositado o escrito, mas como suporte que abrigou os mais diferentes gêneros literários e se constituiu como importante veículo da cultura letrada da época.

1 O SUPORTE FOLHETO E SUA COMPOSIÇÃO MULTIFACETADA

A História Cultural possibilitou que novos métodos e novas estratégias do fazer historiográfico pudessem lançar luz sobre objetos, práticas, representações e autores do passado antes esquecidos pela Historiografia (BURKE, 2005). A partir disso, os suportes puderam ser considerados como importantes fontes de investigação no âmbito das pesquisas acadêmicas, as quais percebiam sua interferência na produção e circulação dos escritos e na construção de sentidos diversos. Neste capítulo, discutiremos sobre o suporte folheto enquanto fonte na qual circulavam os mais variados escritos, entre eles, os literários do período setecentista.

A propagação dos gêneros literários ao longo dos séculos está vinculada às formas tipográficas que lhes informam – os suportes (MCKENZIE, 2004), visto que, os gêneros novos e as transformações dos antigos nascem da exigência tanto de novos leitores quanto dos suportes. O autor considera, a partir do que chama de “sociologia dos textos”, que a maneira como os escritos são dados a conhecer e a ler gera interpretações diferentes de um mesmo escrito, isto porque, as formas, elementos não verbais como a disposição dos escritos no suporte bem como detalhes tipográficos e de diagramação possuem significação. Desse modo, não há texto fora do suporte que lhe permite ser lido (ou ouvido) e nem compreensão de um escrito, qualquer que seja, que não dependa das formas pelas quais atinge o leitor (CHARTIER, 1991), pois são elas que conferem sentido aos escritos.

O desprezo conferido ao jornal ao longo do tempo foi resultante do pensamento de que estes suportes eram “desprovidos de qualidade literária” devido ao seu caráter dinâmico e “não perene” (BARBOSA, 2007). Por esse motivo, os impressores procuravam dar aos jornais formato e tamanho de livro com paginação em série para que se formasse um único exemplar, assim “os folhetos, ou os papéis têm sua principal forma de circulação apagada das histórias da literatura e da imprensa” (BARBOSA, 2017, p. 673). Contudo, antes de tornarem-se livros, os jornais, inclusive a *Gazeta de Lisboa Occidental*, circulavam em forma de folhetos de breves páginas o que facilitava sua circulação bem como tornava o preço mais acessível (BELO, 2001), o que não ocorria com os livros, os quais devido ao elevado custo de produção eram considerados artigo de luxo.

Dada sua periodicidade e tamanho, a gazeta possuía tempo de edição diferente, sua produção era mais rápida que a dos livros que demorava muitos meses em burocráticos e complexos processos de verificação pelas várias censuras. O ritmo de publicação da *Gazeta* era pautado pelos dias da

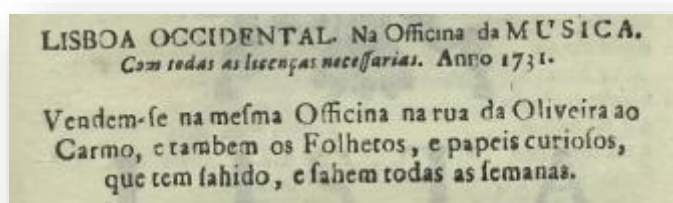
semana (BELO, 2001, p. 42) e essa liberdade era também percebida em outros periódicos da época como *Folheto de Ambas Lisboas*.

O folheto e o periódico são formas tipográficas distintas que segundo Belo (2001) apresentam algumas características em comum, como a circulação em mesmo formato. Ainda conforme o autor “as gazetas e outros periódicos distinguam-se”, pois os “folhetos ou <<papéis>> eram vendidos avulsos por livreiros impressores ou pelos cegos <<papelistas>>” (BELO, 2001, *grifos do autor*). Essa constatação é reiterada por Santos (1987) quando afirma que esses “papéis” circulavam em folhetos, *in quarto* e *in oitavo*, semanalmente ou mensalmente, sendo vendidos por cegos. Sobre a distinção entre as folhas volantes (*Folhetos*) e os periódicos Belo (2001) faz a seguinte afirmação:

pelo seu caráter ocasional, os folhetos eram vendidos de forma volante, enquanto os periódicos revelavam maiores preocupações em fidelizar um público e assegurar uma base fixa de leitores, para o que existia o expediente do sistema de venda por assinatura. Assim, enquanto os periódicos tinham em princípio um local fixo de venda, os folhetos de publicação ocasional eram vendidos em tendas ou em venda ambulante (BELO, 2001, p. 44).

Essa distinção não nos parece tão clara, quando tomamos conhecimento que folhetos jocosos como o *Folheto de Ambas Lisboas* também apresentavam um local fixo de venda, como é possível observarmos na figura a seguir:

Figura 1– Anúncio



Fonte: Folheto de Ambas Lisboas (1730)

Acrescentamos, contudo, que a referência ao local de venda só é encontrada a partir do décimo terceiro folheto, nos anteriores, há menção apenas a oficina da música pela qual saia impresso o folheto.

Belo (2001) assinala ainda que a diferença entre as duas formas tipográficas – os folhetos ocasionais e as gazetas – reside na maior popularidade que os folhetos ocasionais aparentemente tinham. Com efeito, alguns folhetos são referidos em escritos da época como tendo um consumo mais acessível, portanto, mais baratos que a *Gazeta* e outros periódicos. Assim, o autor reafirma a popularidade e acessibilidade como características inerentes aos folhetos e periódicos mais baratos.

Feitas as devidas distinções, entendemos os suportes como um importante elemento no entendimento dos escritos, pois eles funcionaram como palco de experimentação da escrita, promovendo diálogos e influenciando, inclusive, na estrutura que deveriam ter os escritos literários.

Dessa maneira, entendemos que “para compreender as significações dos livretos de grande circulação, é necessário evidentemente voltar ao impresso, na sua própria materialidade” (CHARTIER, 2004, p. 275), de modo que é necessário suportes esquecidos e relegados e investigar a partir deles para que assim os estudos ganhem algum sentido.

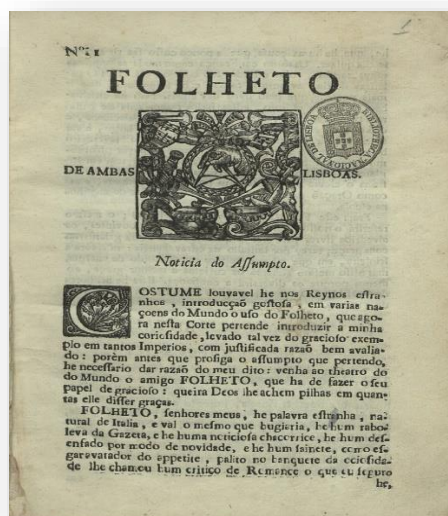
Os periódicos, por sua vez, são constituintes de boa representação das práticas literárias, e editoriais, pois foram produzidos em contato com o cotidiano representando modos de ver e de dizer, e, portanto, são fundamentais para a divulgação e circulação cultural da época (BARBOSA, 2007). Pensando assim, consideramos o *Folheto de Ambas Lisboas* mais que um veiculador de gêneros literários, é também aquele que surgiu junto com a imprensa e fez emergir novos gêneros, novos leitores e fez circular práticas de escrita. Para além, a dinamicidade dos folhetos e a facilidade de circulação (devido a publicação regular) o formato e o custo reduzido, são fatores que corroboraram para que o suporte folheto se constituísse como gênero favorável a circular na sociedade lisboeta.

Por outro lado, a inscrição do folheto no tempo histórico é visível no diálogo que estabeleceu com um jornal oficial de larga circulação na época, conhecido como *Gazeta de Lisboa Ocidental*. Apesar da relação existente entre esses periódicos, podemos dizer que neles circulavam gêneros distintos tendo em vista os objetivos e o público leitor que possuíam na sociedade lisboense. Feito essas considerações, passemos a conhecer as características desses periódicos portugueses que certamente estão relacionadas a função jocosa ou oficiosa que detinham na época.

1.1 CARACTERIZAÇÃO DA GAZETA DE LISBOA OCIDENTAL E DO FOLHETO DE AMBAS LISBOAS: UM PERIÓDICO OFICIOSO VERSUS UM PERIÓDICO JOCOSO

O *Folheto de Ambas Lisboas* é um periódico composto por um conjunto de vinte e seis folhetos jocosos. Esses folhetos circularam em Lisboa - Portugal entre os anos de 1730 e 1731 e traziam uma variedade de notícias fictícias, bem como, diversos gêneros literários. Vejamos a capa do primeiro número do periódico:

Figura 2 – Primeiro número do Folheto de Ambas Lisboas de 1730



Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal

Conforme os estudos de Belo (2001) o surgimento destes folhetos se relaciona com um periódico oficioso de larga circulação, muito conhecido na época, a *Gazeta de Lisboa Ocidental*. Concomitantemente, essa relação está atrelada a um fato histórico importante, conforme discorreremos a seguir.

O *Folheto de Ambas Lisboas* é um periódico jocoso e seu título faz alusão à divisão que se pretendia fazer de Lisboa em duas circunscrições eclesiásticas: o arcebispado de Lisboa Oriental e o patriarcado de Lisboa Ocidental. Durante o reinado de Dom Pedro II e de seu filho D. João V se buscou recuperar o prestígio e a influência passada que Portugal tivera na Santa Sé. O restabelecimento e a valorização das relações com Roma serviriam para elevar o prestígio do país e consequentemente do rei. Essa aproximação resultou em uma grande troca de favores, na qual Portugal recebia novos títulos e privilégios para a Igreja e a Cúria Romana em troca recebia dinheiro para auxiliar nas questões do galicismo, jansenismo e na defesa dos ataques turcos. Desses favores surgiu o título de Honorífico de Patriarca, entretanto, houve dúvida a quem dá-lo, pois em Lisboa, havia dois metropolitas. Pelo “teor da bula, a ereção da Colegiada em Patriarcado levava à criação de nova Metrópole. Para esse efeito, a cidade de Lisboa foi dividida em Lisboa oriental e ocidental”

(COELHO, 2012, p. 317), em janeiro de 1717, conforme consta em Alvará⁷. Com a divisão, Lisboa Oriental (cidade velha) continuaria sediada na catedral românica e Lisboa Ocidental (cidade nova), teria a capela real elevada à dignidade de catedral. Nesse período, Lisboa gozou de esplendor e privilégios. O Imperador D. João V chegou até a designá-la como a “nova Roma”. No entanto, essa divisão na prática nunca aconteceu, levando o Papa Bento XIV incorporar “[...] o arcebispado de Lisboa Oriental no Patriarcado e D. João V, por fim, abolir a divisão da cidade por meio do alvará de 31 de agosto de 1741” (COELHO, 2012, p. 318). Isso reverberou inclusive, na divisão dos senados que de fato aconteceu, mas foi revogada no mesmo alvará que pôs fim a divisão da cidade⁸.

Outro aspecto que nos parece remeter a origem e ao nome do folheto lusitano é a expressão “ambas lisboas”. Pelo caráter jocoso, O *Folheto* pode ter seu nome relacionado com o título de outro periódico, a *Gazeta de Lisboa Ocidental*⁹, posto que revela seu destino tanto a Lisboa Oriental quanto a ocidental fazendo uma alusão jocosa ao título da *Gazeta* que pelo título parecia se dirigir a apenas uma parte da Cidade, a ocidental.

Assim, acreditamos com Belo (2001) que o título do *Folheto* está relacionado tanto a divisão da cidade de Lisboa quanto ao periódico que parodiava, a *Gazeta de Lisboa Ocidental*. Por ser um periódico dirigido também as camadas mais pobres – ao contrário de outros periódicos – o editor cria um título que dar ênfase a essa ideia tornando-o conhecido, buscando de certo cativar todos os leitores lisboenses.

No primeiro número do *Folheto de Ambas Lisboas*, o editor demonstra saber que era necessário não só que os leitores gostassem, mas que o gênero se tornasse conhecido e por isso, procura apresentá-lo, dando notícia sobre assunto que irá tratar o folheto (ver anexo A). No intuito de atrair o interesse dos leitores é usado um tom jocoso e persuasivo afirmando ser o gênero já conhecido e bem recebido em várias partes do mundo. Em seguida, é feito um convite para que o *Folheto* adentre ao teatro do mundo e faça seu papel de gracioso, ou seja, daquele que deleita e move o riso (SILVA, TOMO I, 1789).

⁷ Alvará de D. João V pelo qual divide a cidade de Lisboa em Senado da Câmara de Lisboa em Senado de Lisboa Ocidental e Senado de Lisboa Oriental – 15 de janeiro de 1717. Disponível em: <https://issuu.com/camara_municipal_lisboa/docs/cad_2s_n1/247>. Acesso em: 15 de maio de 2018.

⁸ Alvará de D. João V pelo qual extingue a divisão da cidade em Lisboa Ocidental e Lisboa Oriental – 31 de agosto de 1741. Disponível em: <http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/fotos/editor2/Cadernos/num1/documenta06.pdf>. Acesso em: 15 maio 2018.

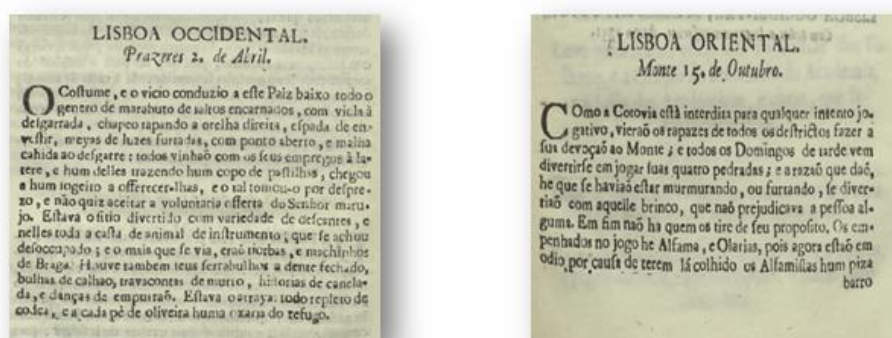
⁹ Cabe dizer que a *Gazeta* teve vários nomes, entretanto, quando o *Folheto de Ambas Lisboas* surgiu circulava com o nome de *Gazeta de Lisboa Ocidental*.

Assim como outros periódicos, o folheto revela aos leitores qual é seu objetivo: “queira Deus que lhe achem pilhas em quantas ele disser graças” (FOLHETO DE AMBAS LISBOAS, S/D, 1730, Nº 1, P.01). Circulando em um período em que a Igreja detinha poder e privilégios e no qual a sociedade era dotada de muita fé cristã, o redator inicialmente apela a Deus, pedindo sua intercessão para que o público possa gostar de suas graças. Ao mesmo tempo em que se aproxima do público, o editor revela o caráter jocoso do periódico.

O objetivo do folheto é divertir o povo fazendo “graças” e isso é visível quando o editor afirma que na França as senhoras mães usam-no como moda, fazendo-as rir nas reuniões às quintas feiras e afirma haver moças que leem mais ele do que o livro das almas – a Bíblia. Além disso, na Inglaterra “vai recitando a Madama, na cozinha a escuta a servente, no prado o lê o Adônis, e até como Oração Acadêmica o introduz o Mestre de meninos na escola” (FOLHETO DE AMBAS LISBOAS, S/D, 1730, Nº 1, P. 02). Com o intuito de induzir o leitor a comprar o folheto, o editor demonstra a dimensão de leitores no mundo que foram envolvidos e que agora também pretende atingir: senhoras, moças, ricas (madamas) pobres (serventes) e também os mestres e as crianças. Assim, coloca o folheto, acessível a todos, até no custo já que “vale o mesmo que bugiaria”, ou seja, quase nada.

As notícias que encontramos no periódico estão divididas conforme as duas partes da cidade: algumas se referem a Lisboa Oriental e outras a Lisboa Ocidental, vejamos:

Figura 3 – Notícias divididas por circunscrições

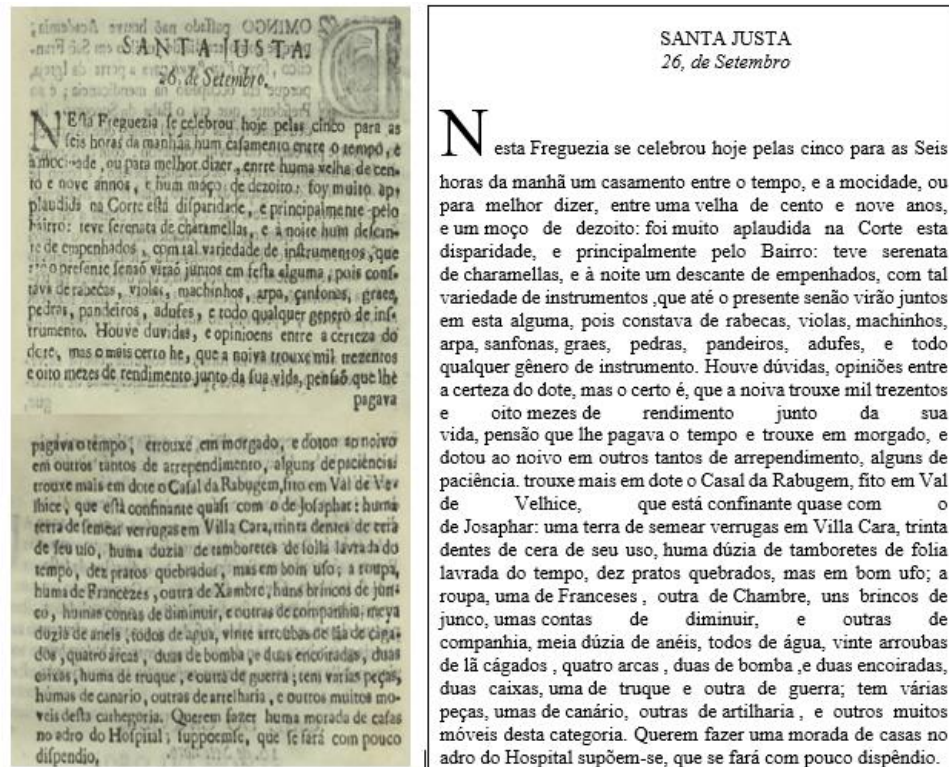


Fonte: Folheto de Ambas Lisboas (1730).

Além disso, são indicados os locais da circunscrição onde aconteceram as notícias podendo ser em ruas como a rua das Gáveas, ruas das cadeiras, rua larga, rua do norte ou bairros entre eles a Pampulha, Santa Clara, Mouraria, Costa do Castelo, Cotovia, Boa Vista, entre outros. Os locais existem, mas as notícias são fictícias, apresentam uma pequena narrativa que ora ali se encerram, ora possuem continuidade no mesmo *Folheto* ou no próximo *Folheto* publicado. Trata-se de pequenas

narrativas jocosas que lembram pequenos contos, tendo em vista que apresentam personagens, temática, espaço, tempo e uma conclusão. Sobre essas pequenas narrativas, vale dizermos que mereciam um estudo mais consistente, tendo em vista, que ao que nos parece, são algumas das primeiras experimentações dos escritores com textos literários em prosa. Vejamos um exemplo:

Figura 4 – Notícia do casamento entre o tempo e a mocidade na freguesia de Santa Justa



Fonte: Folheto de Ambas Lisboas (1730)

Na fig. 4 percebemos que no alto da notícia encontra-se o lugar onde ela aconteceu, nesse caso, a freguesia da Santa Justa. Ao longo do folheto, todas as notícias vêm com a rua ou bairro mencionados mesmo sendo fictícia. Acima, temos exemplo de notícia jocosa como todas as outras que aparecem no folheto português, com vistas a causar o riso o editor discorre sobre o casamento entre o tempo e a mocidade. O assunto de que trata é o casamento entre uma velha de cento e nove anos com rapaz de dezoito que pelo o que o editor dar a entender é feito por conveniência já que a velhota possui um bom dote. Além disso, a narrativa possui um teor moralizante, apresentado mais explicitamente nas seguintes palavras “foi muito aplaudida na Corte esta disparidade, e principalmente pelo Bairro”. Há, pois, uma discordância no folheto ao casamento de pessoas de idades diferentes por conveniência.

Além disso, o editor revela outro aspecto sobre o folheto, o fato de ele ser desconhecido em Portugal, mas popular em outras nações, aludindo ao surgimento do gênero: “FOLHETO, senhores meus, é palavra estranha, natural de Itália” (FOLHETO DE AMBAS LISBOAS, 1730, S/D, Nº 1, P.01). Anos mais tarde, Inocêncio da Silva afirma ser o *Folheto* o “primeiro do seu gênero, de que acho notícia entre nós” (SILVA, 1859, TOMO TERCEIRO, 279), conferindo-lhe valor.

No que se refere à caracterização estrutural do *Folheto de Ambas Lisboas*, informações contidas no site da Livraria Castro e Silva¹⁰ nos permitem dizer que o mesmo foi publicado geralmente em oito páginas com formato *in 4º* de 20,5x15 cm, com 124 fólios inumerados. A publicação era periódica, composta por 26 folhetos, sem nome do autor, numerados sequencialmente, e datados de 22 de junho de 1730 a 17 de agosto de 1731. O *Folheto* foi publicado junto com *Queixas de Manoel de Passos*, número I, Lisboa ocidental, na Oficina de Pedro Ferreira, 1731, esse último com 8 fólios inumerados e encadernação da época em pergaminho. Os números de cada folheto se encontram no alto da página, havendo na maioria deles a presença de um frontispício:

Figura 5 – Frontispício



Fonte: Folheto de Ambas Lisboas (130-1731)

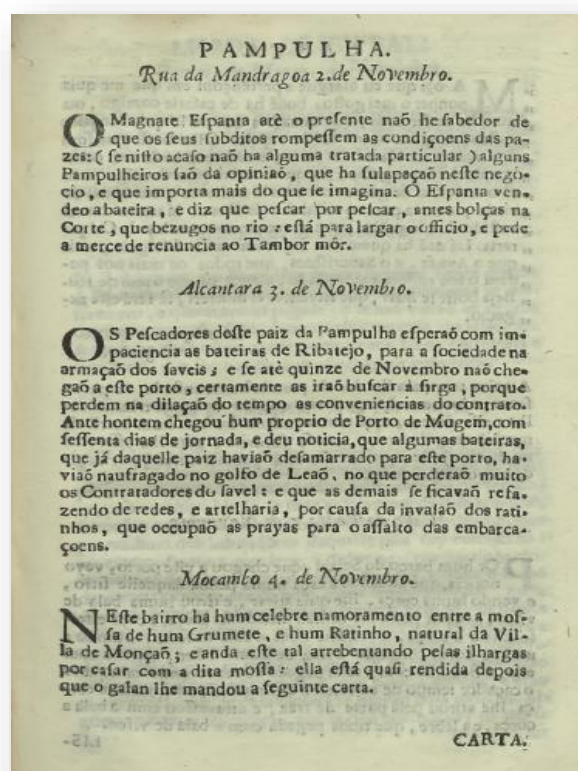
Esse frontispício está presente em quase todos os números do folheto lusitano e nele podemos observar numa circunferência a mão direita segurando um compasso e ao redor vários instrumentos musicais. Essa escolha talvez tenha relação com o conteúdo abordado no periódico, pois há várias

¹⁰ Fundada em 1957 por Ezequiel Castro e Silva a Livraria Castro e Silva é uma organização comercial de bibliografia, bem conhecida no mercado de livro antigo e alfarrabista nacional e internacional. É uma das mais conceituadas livrarias portuguesas no seu gênero, com clientes em vários continentes. Procura perpetuar uma tradição familiar que remonta aos anos vinte do século passado. A atividade principal da livraria é a elaboração e difusão periódica de catálogos bibliográficos. As informações aqui mencionadas foram encontradas no site da livraria. Espaço para quem procura livros antigos, raros, de coleção ou estudo. Disponível em: <http://www.castroesilva.com/store/sku/1112CS034/mascarenhas-de-tavora-jeronimo-tavares>. Acesso em: 18 set. 2018.

menções a festas religiosas e danças africanas, nas quais se utilizava vários instrumentos musicais. Além disso, temos a presença de gêneros poéticos como a xácara, que por aquele tempo, eram declamados ou cantados acompanhados por algum instrumento musical.

Logo após o frontispício, há uma letra capitular. De acordo com Garcia (2007) o termo “capitular” do latim *capita* significa “cabeça”, “capítulo” “começo” e trata-se daquelas letras de grande formato que inicia uma obra, capítulo ou parágrafo tendo um tamanho substancialmente maior que as letras maiúsculas e minúsculas que acompanham o texto. Essas letras ocupam em geral, duas ou três linhas, não sendo raro que ocupem mais linhas, incluindo a margem esquerda inteira da página de uma coluna de texto ou página de livro. No *Folheto de Ambas Lisboas*, as letras se repetem no início de cada notícia ou gênero retórico-poético, como é possível vermos a seguir:

Figura 6 – Folheto nº 13 - letra capitular



Fonte: Folheto de Ambas Lisboas (1731).

A letra capitular é usada no Folheto como forma de distinguir as notícias já que o periódico contém duas ou três notícias em cada página e como não apresenta numeração esse tipo de letra

contribui para localizá-las assemelhando-se a prática dos monges da Idade Média, conforme relata o pesquisador García:

Durante toda la Edad Media, la utilización de letras capitulares ricamente adornadas fue una constante. Su utilización no sólo tenía una misión ornamental, sino que la ventaja práctica de destacar los principios de los párrafos debió ser importante en aquella época, si pensamos, por ejemplo, em los libros utilizados em los ritos litúrgicos por los monjes en lugares com poca luz como las iglesias, y la dificultad que entrañaría encontrar um fragmento determinado. Es evidente que uma colorida y destacada letra capitular ayudaría mucho para localizarlo (GARCÍA, 2007, p. 4).

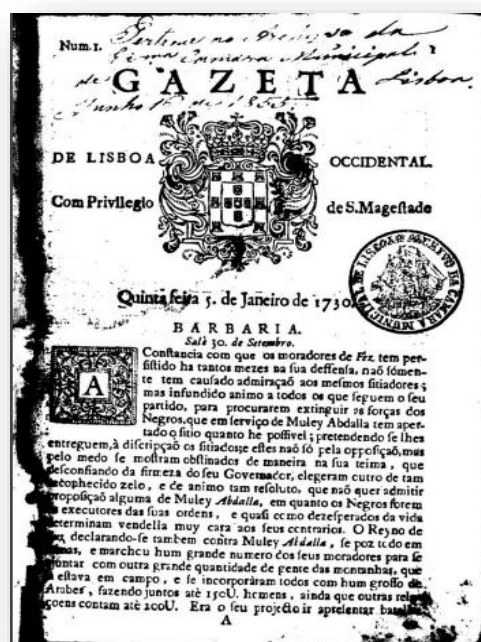
García afirma nos ritos litúrgicos medievais com pouco luz, os monges usavam as letras capitulares adornadas no intuito de encontrar um trecho determinado com mais facilidade. As letras capitulares são encontradas em muitos periódicos e são utilizadas desde os antigos manuscritos romanos.

No que se refere ao local de impressão e ao período de circulação, os folhetos foram impressos em Lisboa Ocidental na Oficina da Música. O primeiro saiu em agosto de 1730 e o último em agosto de 1731, cada número continha 8 páginas impressas, sem numeração no alto. A publicação semanal e o curto período de circulação do periódico (apenas um ano) pode ter relação com quantidade reduzida de pessoas trabalhando nas oficinas tipográficas impedia o aumento da periodicidade dos jornais, por isso a maioria deles saía duas vezes por semana; alguns eram semanários” (MOREIRA, 2006). Ademais, “o custo para se publicar um periódico só 80 % dele era gasto com a compra de papel e o restante com as despesas referentes à redação e distribuição” (MOLINA, 2015, p. 446). Dessa maneira, manter a publicação de um periódico demandava gastos elevados e pessoas especializadas e isso contribuía para que os periódicos deixassem de circular ou que fossem vendidos por alto valor. Assim sendo, o *Folheto de Ambas Lisboas* apresentou algumas interrupções e de acordo com Silva (1859) a coleção que possuía e julgava completa continha 26 números.

Compreendendo que o trabalho do historiador não deve se limitar ao escrito nem mesmo ao objeto que o abriga e que assim precisamos conforme assinala Barbosa (2007) cotejar o objeto de estudo não só com outros jornais, mas também com outros documentos históricos a ele contemporâneos, consideramos importante traçar um paralelo entre o nosso objeto de estudo, o *Folheto de Ambas Lisboas*, com outro periódico da época, a *Gazeta de Lisboa Occidental*.

A relação entre *Folheto de Ambas Lisboas* e a *Gazeta de Lisboa Occidental*¹¹ chegou ao nosso conhecimento por meio dos estudos de André Belo (2001) e pode ser percebida no folheto de número nove quando o redator ao tratar do surgimento da Academia dos Fleugmáticos revela ser o Folheto "lacayo da Gazeta" (FOLHETO DE AMBAS LISBOAS, 20/10/ 1730, Nº 9, P. 03). Faz-se necessário então que apresentemos a *Gazeta*:

Figura 7 - Gazeta de Lisboa Occidental de 1730



Fonte: Hemeroteca Digital

O primeiro número da Gazeta saiu em agosto de 1715 com o título de *Notícias do estado do mundo*, após o editor Antônio Correia de Lemos receber o privilégio de tradução e impressão de todas as "notícias de gazetas e mais papéis políticos" (BELO, 2001, p. 35), vindos do estrangeiro. Nos números seguintes, passou a intitular-se *Gazeta de Lisboa*, e posteriormente, em janeiro de 1718 o periódico passou a receber o nome de *Gazeta de Lisboa Occidental* devido a divisão da diocese e da cidade de Lisboa em oriental e ocidental, permanecendo assim até 1741 quando a divisão perdeu o efeito e o periódico voltou a ter a designação inicial. Em 1752 a Gazeta passou a redigida por José

¹¹ Todos os números da Gazeta podem ser encontrados no site da Hemeroteca Digital. Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/GazetadeLisboa/GazetadeLisboa.htm>. Acesso em 2 abr. de 2019.

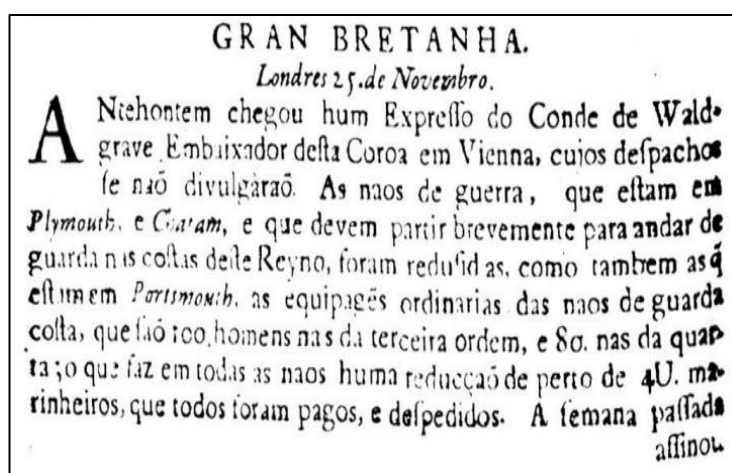
Freire de Montarroi Mascarenhas de modo que teve publicação ininterrupta até janeiro de 1760 (BELO, 2001).

A publicação era realizada normalmente às quintas-feiras e iniciou com 4 páginas, mas aumentou para oito em 1717, mantendo-se assim no período de circulação do *Folheto de Ambas Lisboas*. As páginas eram numeradas com formato *in 4º*, permitindo a esse periódico um preço mais acessível que os livros, todavia, ainda tinham um preço mais elevado do que alguns folhetos que circulavam em sua época (BELO, 2001). Ainda segundo o autor, a *Gazeta* foi a publicação periódica portuguesa mais duradoura até meados do século XVIII e durante muito tempo a única com impressão autorizada. A autorização é perceptível através do frontispício presente na fig. 7 que remete ao brasão da coroa portuguesa bem como no que está escrito ao lado do brasão “Com o privilégio de S. Magestade” revelando, portanto, a filiação política do periódico. Sobre o caráter oficioso das gazetas, Morel afirma:

as gazetas em geral eram oficiais ou oficiosas, isto é, direta ou indiretamente financiadas pelas administrações monárquicas no quadro do Absolutismo, tinham como característica não o debate político, mas o relato (seleccionado, como todo relato) das ocorrências no âmbito da Coroa [...] (MOREL, 2009, p. 156).

Pelo cunho oficial a *Gazeta de Lisboa Ocidental* veiculava notícias da corte privilegiando figuras nobres tais como reis, rainhas, princesas e príncipes. Conforme Belo (2001) apresentava uma rigorosa restrição social de modo que as notícias versavam desde cerimônias religiosas a acadêmicas bem como acontecimentos das principais cidades e províncias do reino referentes a nobreza cortesã, observemos:

Figura 8 – Notícia da chegada do Conde Waldgrave, embaixador da coroa portuguesa



Fonte: Gazeta de Lisboa Ocidental, 5 de janeiro de 1730.

Percebam que a notícia trata da chegada de um nobre, o Conde de Waldegrave, diplomata britânico que serviu de embaixador na Áustria e na França. Notícias sobre a chegada, saída e cerimônias religiosas como procissões, casamentos, viagens e relatos fúnebres de pessoas nobres (ver anexo B) estão espalhadas por todas as páginas da Gazeta. Notem também que no topo da notícia há a menção ao país e a cidade a qual se refere semelhante-se as informações contidas no Folheto, já mencionadas anteriormente nesse trabalho, todavia, em sua maioria são notícias relacionadas a países estrangeiros.

Assim como o *Folheto de Ambas Lisboas*, a Gazeta de Lisboa Occidental também possuía letras capitulares como essa a seguir:

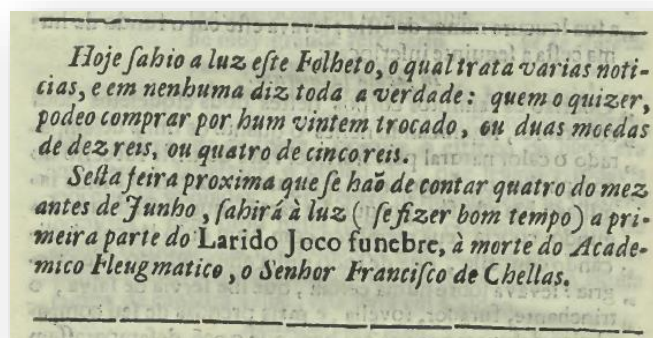
Figura 9 – Letra capítular da Gazeta



Fonte: Gazeta de Lisboa Occidental (1730)

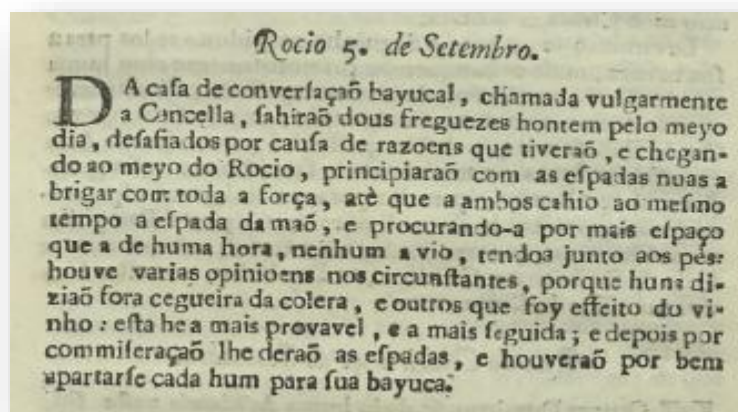
Dessa maneira, além das letras capitulares simples, encontramos no início de cada número da Gazeta uma letra capítular adornada assemelhando-se a um azulejo português como vemos na fig. 9. Assim como no Folheto, essas letras facilitavam a leitura, pois assim dividiam as notícias ao longo de cada página. Algumas dessas notícias eram bélicas divididas em reinos, regiões europeias e por ordem cronológica (BELO, 2001), isso era outra estratégia para facilitar a leitura, assim o leitor sabe antes de ler a que se referiam.

Diferentemente da Gazeta, o *Folheto de Ambas Lisboas* representava tipos sociais satíricos que remetiam a vida da sociedade de Lisboa e ao mundo acadêmico, havendo ausência de noticiário internacional. O Folheto era destinado a todos, devido ao baixo valor a que era comercializado. O Folheto de nº 16 traz informações sobre a venda do Folheto:

Figura 10 – Anúncio sobre a venda do Folheto

Fonte: Folheto de Ambas Lisboas (1730).

O anúncio dar a entender que os folhetos eram vendidos de acordo com aquilo que o público desejava pagar, portanto, podia ser adquirido e lido pelas camadas mais pobres da sociedade. Os tipos sociais representados eram de classe social baixa, pois se era um folheto destinado ao povo, não havia porque representar apenas personagens da elite, se gostaria de adquirir a simpatia e atenção de outras camadas da sociedade. Observemos essa notícia contida no Folheto de nº 4:

Figura 11 – Notícia sobre a briga entre dois bêbados

Fonte: Folheto de Ambas Lisboa (1730).

Notemos, que os personagens da notícia fictícia são dois bêbados que começaram uma briga e não conseguem golpear o outro devido os efeitos do vinho ou quem sabe da cólera. Portanto, trata-se de personagens presentes na sociedade lisboense. Periódicos officiosos como a *Gazeta de Lisboa Ocidental*, por sua vez, por servirem de suporte para divulgação de notícias oficiais publicam notícias

da esfera internacional, sobretudo, relatos de viagens e funerais, nascimento de pessoas nobres, entre outros. Portanto, não havia espaço para notícias fictícias em suas páginas.

Podemos dizer que O *Folheto de Ambas Lisboas*, trazia temáticas semelhantes à da Gazeta, no entanto, as notícias eram fictícias e as personagens não eram da nobreza, mas tipos sociais da sociedade lisboense que eram representados em estilo jocoso e sério, havendo também relatos jocosos e de procissões religiosas e vários gêneros retórico poéticos.

Percebemos, pois, que ao mesmo tempo que esses periódicos se assemelham, eles divergem em muitos aspectos, sejam estruturais ou temáticos. Todavia, não podemos deixar de perceber a relação entre esses periódicos, e sua importância, no caso da Gazeta, no que concerne ao conteúdo informacional divulgado sobre a corte e as instâncias internacionais, ou ainda, influenciando a criação de outros periódicos como o *Folheto de Ambas Lisboas*, no qual circulou os mais diversos escritos jocosos como narrativas fictícias e gêneros retórico- poéticos pertencentes a cultura letrada da época, da qual os redatores faziam parte como veremos na próxima subseção.

2 OS REDATORES E AS TÉCNICAS RETÓRICAS NA FORMULAÇÃO DOS GÊNEROS RETÓRICO-POÉTICOS EM PORTUGAL

A grande arte do poeta é saber ocultar a arte que emprega em suas composições (HONORATO, 1879, p. 297).

2.1 ENTRE A PENA E O PRELO: O FOLHETO DE AMBAS LISBOAS E SEUS REDATORES

O século XVIII possui um universo literário riquíssimo devido o advento e a propagação no ocidente de “uma nova técnica, baseada nos tipos móveis e na prensa, transfigurou a relação com a cultura escrita” (CHARTIER, 1999, p. 7). Esta técnica reduziu o tempo de produção e o custo do livro, pois, até então, “só era possível reproduzir um texto copiando-o à mão” (CHARTIER, 1999, p. 7). Este acontecimento ficou conhecido como a *Revolução de Gutenberg*, que foi o responsável por desenvolver a prensa gráfica.

A inserção da prensa no universo da escrita foi um processo gradativo de modo que houve uma coexistência da cultura dos manuscritos e a cultura do impresso, apesar de durante muito tempo ter-se acreditado numa ruptura total entre elas (CHARTIER, 1999). Sendo assim, apesar do aumento no número e na circulação dos escritos terem ocorrido apenas no século XVIII, no século XVII já havia surgido o primeiro jornal português *Relações* multitemáticas de notícias, extraídas de uma série de 31 relações manuscritas intituladas *História Portuguesa e de outras Províncias do Ocidente, Desde o ano de 1610 até o de 1640 da Feliz Aclamação D’El Rei D. João o IV Escrita em Trinta e Uma Relações*” (SOUSA, 2008) escritas impressas de Manoel Severim de Faria, publicadas em 1626, 1627 (reedição) e 1628 (segundo número). No entanto, o primeiro periódico impresso foi a *Gazeta da Restauração* publicado em 1641 que tinha por objetivo relatar as notícias do período (SOUSA et al. 2011). Sendo assim, o literário que já circulava nos periódicos manuscritos passou a circular também nos impressos.

Os jornais impressos possibilitaram que os escritos possuíssem larga circulação e houvesse a diminuição do custo dos periódicos, principalmente dos folhetos, já que podiam ser produzidos em maior número e de forma mais rápida. Entre os primeiros jornais impressos está o *corpus* desta pesquisa, o *Folheto de Ambas Lisboas* (1730-1731). Esse *Folheto* circulou semanalmente em Lisboa

(Portugal) e foi atribuído ao editor Jerônimo Tavares Mascarenhas de Távora¹² e a seu colaborador Victorino José da Costa.

Para Silva, o periódico tem sua valia “[...] para quem procurar saber os costumes e usos da capital no tempo em que viviam nossas bisavós” (SILVA, TOMO TERCEIRO, 1859, p. 279). Acreditamos que mais do que fonte de costumes e usos antigos, o folheto possui representações de práticas de escrita e de leitura utilizadas pelos escritores e leitores da sociedade portuguesa do setecentos. Nesta pesquisa, nos ancoramos na História Cultural, mais precisamente, nos estudos de Roger Chartier, para entendermos o conceito de representação que o historiador francês concebe como sendo

[...] classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real. Variáveis consoante as classes sociais ou os meios intelectuais, são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo. São estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço decifrado. As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas (CHARTIER, 1990, p. 17).

A noção de representação, portanto, se configura como o modo que a realidade passada chega até o historiador, tendo em vista que passado o tempo, só resta-o acessar essa realidade por meio de registros e sinais que expressam a maneira de uma sociedade pensar em dada época sobre si, sobre os outros e sobre o mundo em que vive.

Apesar de aspirarem a universalidade, as representações variam conforme as disposições dos grupos e classes sociais, portanto, não há ‘discursos neutros’, já que esses são permeados pelos interesses dos que os criam. Assim sendo, podemos através das representações “entender os mecanismos e os modos como um grupo se fixa ou tenta se fixar, a concepção de mundo por ele veiculado, seus valores e domínio” (BURGARDT, 2018, p. 24). Com a investigação das representações o que é compreendido como real ganha novo sentido, uma vez que, “ele é construído na historicidade da sua produção, na maneira como é criado, na intencionalidade da sua escrita e nos

¹² Atribui-se com todo o fundamento a Jerônimo Tavares a composição de uma espécie de gazeta, ou periódico jocoserio, que se publicava anônimo e que talvez vale alguma coisa mais que as suas poesias (SILVA, TOMO TERCEIRO, 1859, p. 279).

artifícios textuais empregados” (BURGARDT, 2018, p. 24) revelando assim faces desconhecidas que forjaram o objeto analisado.

É imprescindível, pois, considerarmos quem são os redatores do *Folheto Ambas Lisboas*, pois, acreditamos que quem eles são influenciará certamente na construção dos escritos. Na luta por impor uma autoridade e legitimar escolhas, o poder e a dominação estão sempre presentes nas estratégias e práticas de modo a instituir no outro uma concepção de mundo social. Quando feita por sujeitos diferentes a representação será, portanto, sempre variável. Dessa maneira, consideramos neste estudo não só a história dos sujeitos que escreveram o folheto português, mas também o contexto social em que eles estavam inseridos, pois ambos pertenciam a uma sociedade, uma cultura e, portanto, falam a partir de um lugar de maneira que seus escritos não são dotados de neutralidade. Seguindo este pensamento, Reis (1992) afirma que no processo de escrita fazemos uso dos signos verbais para se apropriar do objeto falado e concomitantemente, recriar este objeto numa outra dimensão simbólica, humana, social e cultural. Assim, a linguagem não só metaforiza o real, mas falseia de tal modo que os textos estão associados a uma configuração ideológica e o que é dito depende de quem fala e de sua inscrição social e histórica. Por isso, é tão importante levar em consideração na pesquisa o suporte em que os textos estão inseridos, o contexto histórico que se insere o texto e quem são os autores do objeto analisado.

Essa dimensão ideológica permite então que o suporte *Folheto* vá além do propagar literatura, pois se constitui como instrumento de poder na medida em que possui a função de “instruir e deleitar” (BARBOSA, 2007) conforme segue os preceitos poéticos e retóricos. Para Reis (1992) a escrita sempre foi uma forma de poder, já que as sociedades que utilizavam a escrita fizeram uso do alfabeto para subjugar as sociedades ágrafas, disseminando através de diversas formas discursivas, ideologias que garantem a sua dominação social. É da escrita, portanto, que se valem as camadas dirigentes para assegurar seu domínio.

Isso nos leva a refletir sobre as relações de poder que permeiam nosso objeto de estudo, um periódico jocoso, que circulava na sociedade de Lisboa, propagando notícias e que ao mesmo tempo dialogava com um periódico oficioso ligado a corte portuguesa da época.

A Livraria Castro e Silva acrescenta que o *Folheto de Ambas Lisboas* surgiu no fim de 1730 com apenas dois números, os vinte e quatro folhetos restantes foram impressos em 1731. Os folhetos nem sempre continham 8 páginas *in quarto* (quatro folhas frente e verso) porque dependendo do assunto o escritor dava mais ou menos extensão ao escrito. Assim, Jerônimo Tavares Mascarenhas de Távora não só alterou a forma de sua publicação bem como não deu a todos os folhetos o mesmo

título de *Folheto de Ambas Lisboas*¹³. O Folheto, que a livraria denomina ser uma espécie de gazeta, crítica e humorística, em prosa em verso, que possui várias alterações. A manipulação¹⁴ do escrito era algo muito comum na época, além das alterações feitas pelo escritor o texto também submetido à interferência do editor nas tipografias. Sobre o *Folheto*, a livraria também afirma:

É certo que estes folhetos e papéis curiosos, como eram denominados pelos vendedores de livros daquela época, saíram com a numeração seguida de 1 a 26 [...]. E depois do último número vem junto em alguns exemplares o primeiro e creio que único de outra publicação, em que se figura agredir o autor dos Folhetos citados pelo modo como fazia tal publicação. Posto que o estilo seja mais cuidado, seria o próprio Jerônimo Tavares quem escreveu o novo opúsculo para dar fama e voga às suas anteriores elucubrações joco serias? Este n.º 1, todo em prosa, tem o título seguinte: Queixas de Manuel de Passos, em que sua essência se mostra escandalizado, por não ser na academia fleumática admitido. Fielmente traduzidas do idioma lusitano para a frase portuguesa, ou mais claro passadas de um papel de letra de mão para outro de letra redonda, por um curioso, criado antigo da casa de sua essência¹⁵.

Essa manipulação feita pelo editor – e posteriormente, pelo criado – era recorrente, inclusive nas tipografias da época, e reflete as relações de poder a que o escrito está submetido e se assemelham as relações que hoje são estabelecidas entre autores e editoras, revistas, anais de eventos, plataformas digitais, nos quais o texto passa por alterações para se adequar aos suportes e as normas de publicação. Diante disso, buscaremos neste capítulo compreender o lugar de fala do editor e do colaborador do *Folheto* entendendo a partir de suas relações sociais quem eram esses homens das letras.

Conforme já mencionamos, o folheto setecentista é atribuído ao editor Jerônimo Tavares Mascarenhas de Távora e a seu colaborador Victorino José da Costa. Pouco se sabe sobre esses autores, mas tentaremos traçar um perfil, percebendo-os como homens do seu tempo, que mediante a posição social que ocupavam utilizaram-se de artifícios como o pseudônimo para escrever em um periódico jocoso. Sobre o editor, Jerônimo Tavares Mascarenhas de Távora, temos o seguinte:

Formado em Cânones pela Universidade de Coimbra, Advogado de causas forenses em Lisboa, e depois Juiz de fora de Marvão, na província do Alentejo. Foi Sócio das Academias

¹³ “[...] com o título de *Folheto de Ambas Lisboas*, só existem na coleção conhecida os números 1, 2, 3 a 8, 10, 12, 13, 16, 19, 23 e 25”. O texto divulgado pela livraria não apresenta paginação, mas está disponível em: <http://www.castroesilva.com/store/sku/1112CS034/mascarenhas-de-tavora-jeronimo-tavares>. Acesso em: 03 mar. 2019.

¹⁴ Nesta pesquisa tomamos o termo manipulação não com o sentido de falsificação ou adulteração que o campo semântico da palavra permite considerar, mas nos referimos as alterações e influências sofridas pelo escrito até chegar ao leitor, afinal estamos tratando de um escrito localizado em um século em que não existia a conceito de autoria e plágio o que não impedia o escrito de ser copiado, alterado ou que sofresse modificações para se adaptar a determinado suporte seja pelo próprio escritor, pelo editor ou por funcionários das tipografias.

¹⁵ O texto divulgado pela livraria Castro e Silva não apresenta paginação, mas está disponível em: <http://www.castroesilva.com/store/sku/1112CS034/mascarenhas-de-tavora-jeronimo-tavares>. Acesso em: 03 mar. 2019.

dos Juvenis, e dos Aplicados, e **celebrado no seu tempo pelas poesias que compunha, e que pelo estragado gosto dos contemporâneos eram tidas em grande conta.** N. em Lisboa, provavelmente pelos anos de 1708 a 1710. A data da sua morte é ainda ignorada. Parece-me supérfluo ocupar uma inteira página do dicionário com a enumeração dos muitos versos que compôs, e publicou, hoje completamente esquecidos, e que quem quiser poderá procurar na Bibl. de Barbosa; mas o que poderá talvez ser de alguma utilidade, ao menos para alguém que pretenda completar aquela Bibl., é dar aqui a seguinte notícia, que lá não vem, e isso me levou a abrir o presente artigo. (SILVA, 1859, TOMO TERCEIRO, 278- 279, grifos nossos).

Como percebemos, além de advogado, juiz, e sócio de academias, o editor era um escritor ativo, celebrado por seus contemporâneos pela poesia que compunha. Apesar de Silva (1859) não considerar importante citar as suas poesias esquecidas, encontramos na Biblioteca Lusitana uma menção as suas obras, entre elas: *Lugubre Victima y holocausto &c.* Lisboa, 1727, o Folheto *Los arrojós por amor &c.* comédia, Lisboa, 1727, *Soneto a morte da Senhora Infante D. Francisca* e a coleção *Epitalâmio a D. Luiz de Almeida &c.* Lisboa, 1738, *Elogio a Antônio Guedes Pereira &c.* Lisboa, 1739, *Academia epitalâmica &c.* (MACHADO; FARINHA, 1786, TOMO II, p. 231-232). Mediante o menosprezo de Silva a obra, nos pareceu pertinente recorrer às palavras de Machado (1746):

natural de Lisboa, e filho de João Tavares Mascarenhas, e D. Luzia Josefa de Távora. Acabados os primeiros estudos na sua pátria frequentou a Universidade de Coimbra até se formar em a Faculdade dos Sagrados Cânones no ano de 1731. Depois de exercitar alguns anos em Lisboa o Ofício de Patrono das Causas Forenses fez exame em o Desembargo do Paço e a 4 de setembro de 1738, onde foi aprovado a sua ciência legal para os lugares da República sendo o primeiro, que ocupou o de juiz de fora da Villa de Marvão em a Província do Alentejo. Foi Acadêmico Juvenil, e Aplicado, e em ambas estas eruditas Assembleias foi ouvido com aplauso tendo muito versado nas letras humanas, e na Arte da Poesia (MACHADO, 1746, p. 527).

Percebe-se que ao discorrer sobre a filiação do editor, Machado ao contrário de Silva, cita algumas de suas obras. As informações elencadas, permite-nos notar que o editor – Jerônimo Tavares Mascarenhas de Távora – era um homem letrado, influente e de prestígio na época em que compunha suas poesias. Sobre o pai do editor, João Tavares Mascarenhas, temos o seguinte:

Foi muito instruído nas letras humanas, e preceitos poéticos merecendo pela sua erudição ser Acadêmico de várias Academias onde era ouvido com atenção e aplauso. Casou com D. Luiza Josefa de Távora de quem teve ao Doutor Jeronimo Tavares Mascarenhas de Távora que não degenerou de seu pai na inclinação à poesia do qual se fez merecida memoria em seu lugar (MACHADO, 1746, p. 772).

Como nota-se a inclinação do editor para a poesia foi, provavelmente, influência do pai, homem culto e tido em grande consideração pelos contemporâneos por causa das poesias que compunha e assim como o filho, era membro das academias da época. Por sua vez, Victorino José da Costa, colaborador do *Folheto* era:

Presbítero secular, e egresso da Ordem dos Monges Beneditinos, na qual professara, e já era sacerdote, com o nome de Fr. Victorino de Saneta Gertrudes. — N. em Lisboa, em data ignorada; bem como se ignora a do falecimento, que parece ter sido anterior ao ano de 1752. — Foi no seu tempo um dos mais fecundos escritores de *Relações*, *Notícias* e semelhantes papeis avulsos, e redator ou publicador de outros, com a singularidade de imprimir a maior parte deles anônimos, ou sob diversos nomes supostos. Deixou ainda uma porção de obras manuscritas, cujos títulos podem ver-se na *Bibl. Lus.*, da qual tirei a indicação das impressas tal qual a dou transcrita, não me sendo possível verificar todas por exame próprio (SILVA, 1862, TOMO SEPTIMO, p. 444).

Pelas informações sobre a vida do presbítero, sabemos ser ele, natural de Lisboa, padre e um escritor ativo, publicando inclusive anonimamente, prática muito comum em sua época, na qual o escrito tinha mais valor do que quem o escrevia, pois, o poder em torno da figura do autor ainda não havia sido construído¹⁶. Na *Biblioteca Lusitana*, Machado acrescenta:

Natural de Lisboa, o qual professando o instituto da augusta Religião do Príncipe dos Patriarcas S. Bento com o nome de Fr. Victorino de S. Getrudes aprendeu letras humanas com o Mestre Fr. Gaspar Barreto, as ciências escolásticas com o Doutor Fr. José Vilhalva, e música com o Mestre Fr. Plácido de Sousa irmão do Excelentíssimo Marquês das Minas todos três Monges Beneditinos. Impelido da inconstância do seu gênio deixou a religião sendo já Sacerdote, e se ocupou de exercitar o talento, de que Deus liberalmente o dotara em diversas composições assim sagradas, como profanas em que mostrou a vasta notícia da Gramatica Latina, Poesia vulgar, Matemática, Astrologia, Musica, e Historia Eclesiástica, e Secular, como claramente publicam as obras seguintes divulgadas em diversos nomes. Com o de Victorino José imprimiu *Curiosa Dissertação, ou discurso físico moral sobre o monstro de suas cabeças, quatro braços, e de duas pernas que na Cidade de Medina, e Sidonia deu á luz Joana Gonçalves em 29 de fevereiro de 1736 que escrevendo sendo consultado o Reverendo Padre Mestre Fr. Bento Jerônimo Feijó Monge Beneditino da Congregação Costela. Lisboa por Miguel Rodrigues Impressor do Senhor Patriarca 1737. 4. He tradução., Teleológico Moral, e politicas aos discursos particulares, que sobre estes Meteoros se tem feito.* Lisboa pelo dito Impressor 1742.4 (MACHADO, TOMO III, 1752, p. 789, *grifos do autor*).

Percebemos, pois, que além de sacerdote, Victorino José era um homem versado nas letras humanas, ciências escolásticas e música. Dentre a vasta relação de escritos do padre constam como obras publicadas sem o seu nome o “Folheto de 21 de maio de 1731, Folheto de 25 de maio de 1731, Apresentação de Joseph Rato na Academia Fleumática. Lisboa na Oficina da Música 1731” (MACHADO, TOMO III, 1752, p.790) o que revela sua participação no *Folheto de Ambas Lisboas* de números 21 e 23.

Pelo exposto, notamos ser o editor e seu colaborador homens cultos que conseguem criar o primeiro periódico jocoso a circular em Lisboa - Portugal a partir de práticas de escrita adquiridas seguindo os preceitos instituídos pela Retórica e pela Poética, os quais também eram seguidos pelos escritores de seu tempo.

¹⁶ Para saber mais ver: CHARTIER, Roger. A figura do autor. In: **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2ª ed. 1998.

Apesar de a retórica se constituir como a arte de falar bem, não significa como afirma Hansen “falar o Bem ou a verdade” (HANSEN, 2013, p.13). Portanto, apesar de estarmos lidando com um periódico escrito por homens letrados, conhecedores da arte do falar bem e das técnicas de escrita que ela enseja, não quer dizer, contudo, que esses autores falem o bem ou a verdade, mas que falar bem, não no sentido da correção gramatical, mas de modo eficaz, para conseguir atingir o público convencendo-o daquilo que eles têm como verdade. É tanto, que estamos lidando com escritos jocosos que vão desde notícias fictícias a composição de gêneros poéticos, que como veremos mais adiante, satirizam tipos sociais, defeitos físicos e levam os leitores ao riso ao passo que tecem críticas a sociedade da época.

Contudo, para talvez preservarem-se perante a sociedade lisboense, já que eram homens atuantes em outras esferas da sociedade, publicavam o periódico anonimamente, tecendo críticas a instituições como as academias literárias dotadas de um elitismo intelectual que não permitiam a participação daqueles de classe mais abastada bem como criticava tipos sociais lisboense utilizando-se da escrita jocosa e com preço acessível visando atingir os leitores de Lisboa.

2.2 ESCRITOS LUSITANOS: O QUE SE PUBLICAVA NO FOLHETO DE AMBAS LISBOAS?

Ao folhearmos periódicos como o *Folheto de Ambas Lisboas* podemos nos deparar com mais diferentes escritos e gêneros posto que muito do que foi publicado foi sequer mencionado pela História da Literatura, e, portanto, foi relegado ao esquecimento, restando uma enorme dívida da literatura para com os jornais, espaço que se constituiu muitas vezes como berço para os escritos literários ainda em amadurecimento, alguns dos quais, adquirindo mais tarde caráter perene em formato de livros.

Dentre os vários escritos que abriga o *Folheto de Ambas Lisboas* está uma boa variedade de gêneros retórico-poéticos sobre os quais discorreremos com mais detalhes no capítulo três. Neste momento, passemos a conhecer os escritos publicados no Folheto que vão de anúncios de obras à advertências, como a que veremos a seguir:

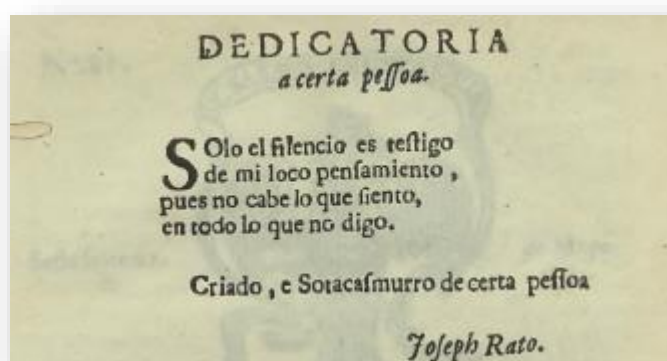
Figura 12 – Advertência



Fonte: Folheto de Ambas Lisboas

A dedicatória da fig. 12 está no verso do *Folheto* número 20 e nela o editor dar um motivo cômico para justificar o esquecimento da dedicatória que não foi posta por dois motivos: esquecimento e por ter-se ocupado a página com a dita advertência. Sobre as dedicatórias Chartier (1999, p. 39) afirma que é um “gesto que inicia estas relações de clientela, ou de patrocínio, é o da dedicatória, um verdadeiro rito”. Por essa relação de interesse, era muito comum nas obras e periódicos da época, as dedicatórias a pessoas da nobreza, muitas vezes, reis e rainhas. No caso da advertência mencionada, o editor opta por satirizar a inexistência dela naquele folheto ou ainda fazê-la em segredo:

Figura 13 – dedicatória



Fonte: Folheto de Ambas Lisboas (1731)

Outra vez, a dedicatória não é feita a nenhum membro da nobreza, mas a uma pessoa anônima e como percebem em espanhol. Dado o caráter jocoso do Folheto a dedicatória só poderia ser feita a uma figura do povo, na verdade, nesta a pessoa nem nome é atribuído, é feita de forma anônima. A escrita em espanhol também revela que o editor conhecia a língua e isso se deve ao “conhecimento da poesia escrita, à época, na Itália e Espanha, que se faz sentir em Portugal desde o início do século XVI” (CARVALHO, 2007, p.20). Não por acaso, é possível encontrar no folheto lisboense epitáfios escritos em línguas diferentes espanhol, italiano e latim ou romances e endechas escritas em espanhol.

No que se refere, aos gêneros retórico-poéticos, podemos encontrar as mais diversas composições, publicadas todas elas de forma jocosa, muitas hoje desconhecidas e/ou desconsideradas, alguns dos quais sequer mencionados nos manuais de escrita ou secretários: romances, sonetos, glosas, líras, endexas, o romance jocoso, epitáfio, contradança, décimas, enigma entre muitos outros. Muitos desses gêneros estão contidos dentro de outros gêneros, como os epitalâmios e os laridos joco-fúnebres que vão abrigar vários dessas formas poéticas. Todas essas composições representam a prática de escrita do período setecentista.

São gêneros que caíram no esquecimento, devido a categorização conveniente e cômoda que os transformaram após a revolução romântica em um gênero maior, “poema”, quando na verdade, tratavam-se de objetos de tradições letradas e muito distintas, difíceis de justapor ou englobar, e que, portanto, pertencem ao que denominamos de “gêneros menores”. Tomamos por “gêneros menores” as formas poéticas precisas, com teoria, história e efeitos particulares que são próprias da tradição clássica, as quais não se denominam, nem se reconhecem, genericamente, como “poema”, por exemplo, mas como madrigal, soneto, romance pastoril (PÉCORA, 2001). Formas que, salvo algumas poucas exceções, como o soneto, são desconhecidas na academia e nas escolas a quem foi negado o direito de conhecer a história dos gêneros literários.

Segundo Carvalho a retórica, a poética e a língua literária são três sistemas que estão na origem da poesia vernácula, por isso a abordagem retórica da poesia portuguesa do século XVII se faz relevante. (CARVALHO, 2007). Por isso, a abordagem que faremos dos gêneros poéticos do *Folheto de Ambas Lisboas* será a partir dos estudos da retórica, tendo em vista que os poetas do século XVIII, imitavam os antigos, pois a escrita dos gêneros segue modelos ditados por poetas considerados melhores na *imatatio*, portanto, a análise de gêneros poéticos dos setecentos não deve desconsiderar as práticas de escrita vigente na época. É sobre essas práticas que discorreremos a seguir.

2.3 OS GÊNEROS POÉTICOS E AS TÉCNICAS RETÓRICAS

Na investigação de gêneros literários de séculos passados devemos considerar que a visão que se tinha sobre os gêneros literários até meados do século XVIII era muito diversa da que temos na contemporaneidade. Primeiro que para ser considerado um bom texto, os escritos tinham como prerrogativa pertencer a um gênero específico do discurso o que determinava a adequação discursiva e a leitura de sua recepção. Assim os gêneros, de certo modo, tinham sua significação determinada pelas formas literárias que estavam sujeitas a protocolos de escrita instituídos desde a Antiguidade pela Retórica e também pela Poética já que esta, sendo a arte do fazer, se vale daquela para produzir com os seus escritos os efeitos desejados.

Devemos compreender que nos setecentos mesmo aqueles leitores que não tinham passado pela educação formal sobre a Retórica estavam acostumados a lidar com sua presença nos impressos.

Começamos discorrendo sobre a que se refere o termo “Retórica” que estamos tratando nesta pesquisa. Retórica – do grego *rhetoriké* com prefixo grego “rheo”, “escorro”, e em termos latinos e portugueses, como *currere*, “correr” que dar noção geral de “movimento” e sufixo grego -ik- de *rhetoriké*, e -ic-, em latim e português, *rhetórica*, *retórica*, remetendo a ideia grega de *thékne*, “técnica” – é entendida neste trabalho com o sentido que tem na fórmula grega *thékne rhetoriké*, “técnica retórica”, e na latina *ars rhetorica*, “arte retórica”, em que é adjetivo, como em português, não substantivo, a Retórica (HANSEN, 2013). Dessa maneira, temos a possibilidade de pensar a retórica enquanto técnica.

Ao adotar o adjetivo, evita-se pensar a retórica enquanto um corpo unitário, fechado e acabado, como saber ou objeto que espera apenas reconhecimento. O emprego do adjetivo como afirma Hansen (2013) permite eliminar o idealismo e ressaltar a materialidade contingente das práticas que recorrem às técnicas retóricas, nos permitindo pensar, portanto, em usos da retórica aplicada a vários gêneros. Assim, o adjetivo:

significa uma qualidade, a qualidade própria das técnicas de longa duração da instituição retórica greco-romana, que especifica mimeticamente os enunciados dos regimes discursivos da oratória antiga e, quando a arte de falar bem, se associa a arte de fazer bem, *ars poética*, também os enunciados dos gêneros poéticos e os preceitos de outras artes não discursivas (HANSEN, 2013, p12).

Nesse sentido, é importante discorrermos sobre a Retórica enquanto uma instituição presente desde a Antiguidade e que produz práticas de escrita compartilhadas pelos homens letrados até meados do século XVIII, quando ocorre a Revolução Romântica concomitantemente a outros eventos

históricos que corroboraram com a desvalorização dessas práticas bem como com a criação e propagação de convencionalismos que são tidos como verdades absolutas até os dias atuais.

No que se refere ao escrito poético, especificamente, existiam finas distinções entre os diversos tipos de poesia a: épica, lírica, satírica, trágica, didática, dentre outras, contrariamente a ideia geral que temos hoje, na qual a poesia é toda lírica (CARVALHO, 2013). É a partir de meados do século XVIII quando surgiu a modernidade nas artes guiadas pelo pensamento iluminista na filosofia, que há uma mudança radical nas estruturas que definiam o discurso em todas as instâncias das letras. A chamada Revolução Romântica ou da Modernidade incidiu sobre todos os planos discursivos e alterou de maneira definitiva a configuração do texto em prosa e em verso (CARVALHO, 2013).

Nesse período, há em Portugal a retirada das disciplinas chamadas humanistas (latim, retórica, grego, filosofia) dos currículos universitários, devido à política de intensa reforma do sistema educacional exigida por Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal, em meados do século XVIII. Na época, o Marquês acreditava que o seu projeto político-ideológico iluminista estava ameaçado pelos jesuítas¹⁷ que possuíam o controle do ensino em Portugal e ultramar além de um extenso patrimônio cultural. Isso fez o Marquês em 1759 interromper toda a atividade exercida pelos jesuítas decretando a expulsão destes de todo o território português bem como iniciou uma campanha antijesuítica que resultou em várias acusações¹⁸. Diante desse contexto, o ensino baseado na *Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Iesu* (Plano e Organização de Estudos da Companhia de Jesus) é deixado em segundo plano e mesmo criando-se aulas régias que supririam as disciplinas extintas pela reforma pombalina, houve alterações¹⁹ que não permitiram que se conferisse aos estudos das disciplinas antigas, a mesma importância.

Ainda neste século ocorre uma importante mudança, a chegada do Romantismo na literatura que culminou na criação do “eu poético”, o sujeito falava através do texto literário. Nesse sentido, “o poeta cria uma paisagem identificada com os seus estados de alma, prolongamento físico do «eu», pretexto para a contemplação interior” (GUERREIRO, 2015, p. 67).

¹⁷ Os Jesuítas foram para Portugal a convite do Rei D. João III e em 1540 fundaram a *Companhia de Jesus* (DIAS; AMARAL; COBOS, 2012, p. 112).

¹⁸ Para saber mais ver “A influência dos Jesuítas no Ensino em Portugal”. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3943908.pdf>. Acesso em: 15 maio 2019 e “SOB AS LUZES DAS REFORMAS POMBALINAS DA INSTRUÇÃO PÚBLICA: a produção dicionarística luso-brasileira”. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/4721/1/ALVARO_CESAR_PEREIRA_SOUZA.pdf. Acesso em: 16 maio 2019 ou ainda HUMANISMO JESUÍTICO E IDENTIDADE DA EUROPA: uma comunidade pedagógica europeia, de Margarida Miranda. Disponível em: https://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas53/03_Miranda.pdf. Acesso em: 15 maio 2019.

¹⁹ Uma das mudanças introduzidas foi ao ensinarem latim os professores deveriam antes ensinar por seis meses a língua vernácula, assim o ensino de latim seguia caminho inverso ao antes praticado (SOUZA, 2001, p.08)

As mudanças promovidas no campo educacional e na literatura corroboraram para a rejeição das questões relativas aos gêneros e a Retórica influenciando nos estudos posteriores e contribuindo, inclusive, com a naturalização romântico-positivista da ignorância do simbólico por jornalistas e outros profissionais de Letras que hoje produzem discursos sobre o campo da cultura, fazendo entender retórica como ‘artificialismo’, ‘formalismo’, ‘falsidade’, ‘ornamentação’, ‘beletrismo’ etc. (HANSEN, 2013). Assim, a Retórica passa a ser entendida, pejorativamente, como o uso da linguagem para fins persuasivos ou de manipulação, todavia, na Roma Antiga, a Retórica possuía outra finalidade, pois era parte constituinte da formação do cidadão enquanto participante da vida da cidade o que lhe exigia saber expor de modo eficaz seus pontos de vista e argumentos.

As técnicas eram aplicáveis, portanto, a todo e qualquer enunciado, e não em frases isoladas, que são produzidos intencionalmente em situação singulares, pois são nessas situações que a produção dos enunciados pressupõe e implica ambiguidades e contradições de um corpo e a história do seu encontro com o outro e os outros (HANSEN, 2013).

Na perspectiva romântica, a obra resultante da expressividade do autor. Dessa concepção irá surgir uma tradição literária que considerará em seus estudos a tríade contexto, autor e obra buscando perceber como a obra reflete o autor em seu tempo. Daí tira-se a convicção que o texto literário é reflexo da realidade, no entanto, de acordo Hansen (2013) isso não deve ser tido como verdade, posto que o que hoje tomamos como realidade nos séculos passados não era.

Essa percepção vem reverberando até os dias atuais levando alguns pesquisadores a caírem no equívoco de estudar os escritos literários antes dos setecentos a partir de perspectiva romântica, completamente estranha aos objetos de tempos passados, resultando em um estudo anacrônico. Todavia, essa perspectiva de estudo não se aplica aos gêneros literários produzidos até meados do século XVIII, pois não abrange a significação que lhe é pertinente. Cada gênero literário desse período, é resultante de uma produção literária que está ligada a emulação, ou seja, a imitação de determinada matriz de gêneros. Portanto, seguem modelos e protocolos de escrita criados pelos autores clássicos que se valem das técnicas retóricas. De acordo com Hansen (2013) no mundo anterior a Revolução Romântica existe duas perspectivas diferentes sobre o que seria a retórica.

Para o pesquisador, a partir do século IV Antes de Cristo (A.C), portanto, desde Aristóteles, o que existe é o que ele denomina de instituição retórica, o que os latinos chamavam de *consuetudo*, costume. Para o professor, Aristóteles incluía a retórica na prática e ao mesmo tempo na *poiética*, sendo dessa maneira uma arte prática e uma arte de fazer. Assim, desde cedo se cria uma espécie de homologia entre a arte aplicada a produção de discursos com as outras artes. Dizemos “artes” porque

para o autor, não existe na instituição retórica a ideia de “arte”, no singular, mas artes regradas segundo gêneros. Assim, enquanto essa instituição retórica permaneceu, encontramos a presença de técnicas que constrói no caso do discurso determinadas ordens, ornamentos segundo gêneros e modos de agir publicamente quando o discurso é dramatizado pelo orador para atingir o público de modo eficaz. Na oratória, há técnicas para fazer elogios, mas também censurar e vituperar.

Sendo assim, Hansen faz uma distinção importante entre o orador e o poeta. Enquanto aquele produz um discurso retoricamente ordenado, seguindo preceitos, tratando temas e assuntos particulares de uma cidade, este trata do universal. Assim sendo, as duas artes – a retórica e a *poiética* – uma abordando particularidades imediatas e a outra o universal, respectivamente, se cruzam porque se pensa que ambas são técnicas e que nesse sentido o poeta se inclui também na retórica, pois ele também utiliza as técnicas retóricas visando eficácia na persuasão do seu público.

Diante disso, no século XVIII um grande escritor é aquele que consegue fazer uso das técnicas retóricas e imitar com perfeição cada um dos gêneros, portanto, a escolha da materialidade dos gêneros não é aleatória, trata-se de uma escrita regrada, que será direcionada pelo efeito que escritor deseja produzir, podendo ir do “mover” ao “deleitar”.

Até os setecentos as técnicas retóricas regrarão e serão aplicadas as formas que irão determinar a produção dos efeitos desejados. Dessa maneira, o trabalho do pesquisador é situar o leitor a partir de uma leitura histórica dos gêneros situando-os em seu tempo para atribuir-lhe os sentidos que lhes são próprios. É a maneira como foram produzidos que dará significação aos gêneros, pois os sentidos veiculados pelos escritos só poderão ser analisados a partir “[...] do exame de procedimentos previstos e aplicados pelas convenções letradas em vigência no período em que eles estão inseridos” (PÉCORA, 2001, p.12).

Este estudo é voltado, portanto, para a “máquina de gêneros” a que se refere Pécora (2001), a qual postula a forma de produção significativa de cada um dos gêneros. Para tanto, não consideramos o contexto como algo absoluto que dá verdade ao que a literatura expressa, pois o que consideramos realidade nesse momento não é tomado como tal em tempos passados, o que para nós é real hoje é diferente do que um autor de séculos atrás pensa sobre o real. Por isso, o contexto interessa menos do que a forma.

Compartilhamos da “[...] crença de que os diferentes *gêneros retórico-poéticos* não são formas em que se vazam conteúdos externos a elas, mas determinações convencionais e históricas constitutivas dos sentidos de cada um dos textos” (PÉCORA, 2001, p. 11, *grifos do autor*). Para tanto, estudar historicamente os gêneros literários requer que observemos a forma e não apenas o contexto,

pois é a forma literária que é determinante e que contém os elementos históricos mais importantes, estando “irreversivelmente ligados” (PÉCORA, 2001, p. 14). É a forma, que compõe o significado da história e não os elementos exteriores a ela. Dessa maneira, a história literária está exatamente na constituição convencional de cada gênero. Considerando a importância da forma no estudo dos gêneros literários de séculos passados Carvalho afirma que:

os poemas se encontram absolutamente subordinados aos gêneros tradicionais e os poetas buscam realizar seus fazeres o mais possível dentro das convenções genéricas, o que significa no interior do que as retóricas e a poéticas definiam como apropriados ao gênero escolhido para a realização do poema (CARVALHO, 2013, p. 113).

Dessa maneira, nesta pesquisa, chamamos de retórico-poéticos os gêneros que obedecem a regras de escrita instituídas pela Retórica e pela Poética posto que na formulação destes gêneros recorrem ao uso de técnicas, procedimentos e artifícios retóricos que são utilizados na composição poética desde a Antiguidade Clássica.

O resgate da história desses gêneros é importantíssimo para esse trabalho, pois estamos lidando com gêneros que obedecem a protocolos de escrita desconhecidos de muitos pesquisadores que lidam com esses objetos sem perceberem a teia histórica que envolve esses gêneros e lhe conferem significação. É preciso percebermos que esses gêneros obedecem a preceitos genéricos e indicativos do que deveria ser um bom discurso: a imitação, o decoro, o engenho, a proporção e a verossimilhança (HANSEN, 2013).

Em crítica aos poetas do seu tempo, Verney em *O verdadeiro Método de estudar*, afirma que os seus contemporâneos não sabiam os princípios da poesia e, portanto, desconheciam o engenho. O termo engenho, do latim *ingenium*, e tê-lo “consiste em saber unir ideias semelhantes, com prontidão e graça, para formar pinturas agradáveis” (VERNEY, 1991, p. 127). O autor divide-o em três espécies: o verdadeiro, o falso e o misto e distingue-as da seguinte maneira

O verdadeiro engenho é uma semelhança de ideias que diverte e eleva. Pelo contrário, o falso engenho consiste na semelhança de algumas letras, na semelhança de algumas sílabas e alguns consoantes insulsos e/ou palavras, além de composições inteiras que aparece com diferentes figuras ou pinturas. Da união das duas espécies anteriores se compõe uma terceira, a que chama de engenho misto consiste parte na semelhança das ideias e parte das palavras. (VERNEY, 1991, p. 127).

Para Hansen o engenho é a “faculdade intelectual de produzir o discurso”. (HANSEN, 2013, p. 35). O engenho retórico, seria pois, a capacidade de produzir variações de uma mesmo assunto a partir de algo já existente, de modo que, nada é novo. Esse conceito irá se contrapor a noção de gênio criado pelo Romantismo e que baseia-se na ideia de individualidade do talento imaginativo do

escritor. Hansen retoma a classificação feita por Emanuele Tesauro e divide o engenho em três espécies: o natural, o furioso e o exercitado. O engenho natural

aplica a técnica com a perspicácia e a versatilidade do talento espontâneo [...] sua versatilidade tem a memória das palavras da *elocutio* e encontra velozmente as adequadas para transformar as definições dos conceitos em argumentos proporcionados elocutivamente ao gênero do discurso (HANSEN, 2013, p. 35-36).

O engenho natural é, pois quase uma predisposição inata, mas nem por isso deve deixar de ser exercitado. O engenho furioso

segundo os gregos, engenho afetado pela bile negra ou melancolia, a atra bile latina, é atrabiliário ou *furiosus*, “furioso”, na tradução que Cícero. [...] esse tipo produz *phantasiai*, imagens, que não seguem regra do juízo; por isso, muitas vezes é conveniente que o orador finja a fúria, fingindo o tipo furioso na *actio* ou dramatização do discurso (HANSEN, 2013, p. 36).

Esse estilo advém então do estado racional alterado, seja pelo vinho, pelo amor ou pelo sono. O engenho exercitado é “o que imita escolarmente as autoridades. O exercício da imitação delas também é chamado de *meditatio*, meditação” (HANSEN, 2013, p. 36). Como o próprio termo já supõe, essa espécie de engenho, remete ao que se alcança pela repetição, ou seja, pela imitação incessante daqueles que não foram agraciados pelo dom divino. Todavia, isso não quer dizer que os privilegiados pelo dom divino não devam também exercitar.

O decoro ou *decorum*, segundo Hansen (2013, p. 25) que “articula-se a uma doutrina do *mésos*, *proportio* ou *commensuratio*: enfim, doutrina da medida, como proporção que regra os efeitos dos estilos, adequando-os aos preceitos dos gêneros, aos *topoi* ou lugares comuns das matérias tratadas, aos destinatários e às circunstâncias”. Dessa maneira, o decoro se entrelaça a ideia de proporção. Verney (1991, p. 127) apresenta uma ideia de decoro ao conceituar juízo que para ele é a “faculdade da alma que pesa exactamente todas as ideias, separa uma das outras, não deixa enganar da semelhança, e atribui a cada uma o que é seu”. O filósofo ao diferenciar engenho de juízo afirma que este serve “para saber inventar e unir ideias semelhantes e agradáveis” e aquele “para saber aplicar onde se deve” (VERNEY, 1991, p. 127). Quintiliano no livro VI da obra *Instituição Oratória* ao discorrer sobre o jocoso nos apresenta uma ideia semelhante. Para ele “tudo quanto o homem bom vier a dizer, di-lo-á dentro dos limites da dignidade e do respeito” (QUINTILIANO, 2015, p. 481). Ao fazer essa afirmação, o orador, traz incutida a ideia de que o discurso na oratória e na retórica está limitado, a adequação e proporção as circunstâncias, as regras que regem os estilos de escrita, aos preceitos dos gêneros e aos destinatários, portanto, é um discurso que obedece a protocolos e que deve ter como limites a dignidade e o respeito.

Já a imitação “não é reprodução servil, mas, como disse, a *emulatio*, emulação, imitação que compete com o modelo excelente, fazendo variações engenhosas e novas de seus predicados” (HANSEN, 2013, p. 34). Todavia, a emulação deve ser feita seguindo regras para não trazer uma mera reprodução e ganhar o status de cópia. Lembrando que para os homens das letras do século XVIII a imitação e a cópia eram práticas comuns, pois ainda não havia a noção de plágio e de autoria estabelecidas.

Por fim, temos a verossimilhança que pressupõe o verdadeiro. Segundo Hansen (2013, p. 24) “o verossímil é uma relação entre discursos operada como semelhança de 2º grau que sempre pressupõe a comparação do discurso efetuado com outro já existente, que é considerado *endoxon*, verdadeiro. Há tantos verossímeis quantos são os gêneros”. O verossímil é, portanto, resultado da harmonia entre as ideias dos discursos, o que lhe confere a veracidade.

Para entendermos as temáticas e as técnicas retóricas empregadas pelo editor e colaborador do folheto lusitano foi fundamental para a pesquisa compreendermos esses preceitos, pois é considerando são esses preceitos que regem a escrita desses homens das letras.

No próximo capítulo apresentaremos os gêneros retórico-poéticos catalogados no *Folheto de Ambas Lisboas* conforme o quadro 1, apêndice A, considerando, para tanto, o hibridismo que permeiam esses gêneros, pois acreditamos com Pécora que “a tendência histórica básica dos mais diferentes gêneros é a de desenvolver formas “mistas”, com dinamicidade [...] que impedem definitivamente a descrição de qualquer objeto como simples coleção de aplicações genéricas (2001, p. 12). Assim, ao mesmo tempo em que há a permanência de gêneros antigos existe a possibilidade da criação de novos, coexistindo as formas. Nos periódicos, por exemplo, é comum encontramos no corpo dos escritos outros gêneros, ou seja, a hibridização, revelando sua plasticidade, já que os gêneros poderiam está no início, meio e fim do Folheto bem como contido no corpo de outros gêneros.

De acordo com Carvalho (2013) na poética antiga o conceito de gênero está relacionado a “modelo”. Assim os gêneros poéticos eram criados a partir de modelos a serem imitados por poetas. Imitar os seus antecessores era prerrogativa para todo artista, fosse ele: poeta, escultor, arquiteto, músico ou pintor. Nesse sentido, um bom poeta aquele que imitava os melhores poetas antigos (CARVALHO, 2007). Isso só deixou de existir a partir da Revolução Romântica quando o poeta passa a ser considerado um indivíduo burguês e a cultura uma mercadoria que deve competir com outras mercadorias, de acordo com a lógica capitalista. É nesse contexto que surge a categoria de originalidade, um conceito burguês sobre a arte no qual o indivíduo não segue mais modelos, mas é dotado de um gênio, uma inspiração e exaltação do “eu poético” (HANSEN, 2012).

Na antiguidade, era inconcebível o poeta falar de si mesmo, pois haviam assuntos mais urgentes, como a religião ou a guerra, devia-se seguir modelos elegidos pelas tradições, pelos valores de uso sedimentado pelo costume e delimitado pelos juízos e opiniões. A valorização desses gêneros se dá, sobretudo, pelo fato de eles já terem sido “[...] testados em suas eficácias junto à audiência, pois se tratam de poemas que alcançaram os efeitos indicados pelas finalidades retóricas de seus gêneros discursivos” (CARVALHO, 2013, p. 114-115). Não é à toa que existiam vários secretários como o *Secretario portuguez ou methodo de escrever cartas* (1746) de Francisco José Freire e o *Novo secretario portuguez ou Codigo espistolar* (1846), de José Inácio Roquete²⁰ e manuais de retórica e poética como o *Compêndio de Retórica e Poética*, de Manoel da Costa Honorato ou ainda as *Lições de Eloquência Nacional, tomos I e II*, do Padre Miguel do Sacramento Lopes Gama, entre outros manuais que regiam a escrita dos poetas antes da Revolução Romântica.

A descrição das formas/ modelos requer a análise dos procedimentos retóricos nos quais se inscrevem cada gênero, lembrando inclusive que a tendência histórica dos gêneros é desenvolver formas ‘mistas’, ou seja, formas híbridas com dinamicidade relativa nos distintos períodos (PÉCORA, 2001).

Apesar dessa propensão a hibridização, as formas ‘mistas’ não eram bem vistas pelos acadêmicos, pois não seguiam os preceitos retóricos para serem “puros” (CARVALHO, 2013), ou seja, precisavam obedecer a protocolos de escrita determinados para cada gênero. Quando os editores, a partir das regras da retórica e da poética, criavam gêneros mistos eram renegados pelos acadêmicos, mas ainda assim, admirados e consumidos pelo público. Por “gênero misto” entendemos aquele que “é o antagonista da convenção, um coadjuvante da composição discursiva que acabou por ofuscar a norma, assumindo seu lugar na maior parte dos gêneros poéticos praticados no Seiscentos” (CARVALHO, 2013, p. 114), mas ainda assim, forçados por regras, artifícios e protocolos inscritos na instituição retórica.

No *Folheto de Ambas Lisboas*, o jocoso está presente em todos os gêneros retórico-poéticos, seja vituperando ou satirizando defeitos e características físicas das personagens, rindo-se delas. É sobre esse estilo de escrita que discorreremos no capítulo a seguir, visualizando-o nos gêneros retórico-poéticos do *Folheto de Ambas Lisboas*.

²⁰ Esses dois secretários são mencionados e utilizados nos estudos sobre cartas da Professora Socorro de Fátima Pacífico Barbosa no artigo *Códigos, regras e ornamentos nos secretários, manuais e métodos de escrever cartas: a tradição luso-brasileira*, publicado em 2011 pela Revista Veredas.

3 O JOCOSO NOS GÊNEROS RETÓRICO E POÉTICOS NO FOLHETO DE AMBAS LISBOAS

O poeta deve ser guiado pela consciência comum dos homens instruídos, sensatos e polidos (HONORATO, 1879, p. 207)

O olhar sobre os gêneros literários da primeira metade do século XVIII nos fez aguçar os sentidos para as práticas de leituras e de escrita que regiam os escritos da época. Dito isto, percebermos que o poeta do século setecentista não estava relacionado ao conceito de originalidade, tal qual a conhecemos. Honorato (1879) afirma, que ordinariamente, denomina-se originalidade às singularidades manifestadas no procedimento de um indivíduo, ou seja, que são próprias dele e não valem em qualquer outro. Como exemplo, o autor menciona os ingleses, criticando-os, por possuírem um gênio particular de mania que os homens sensatos não podem nem devem imitar, porque não passam de tolices.

A ideia de originalidade é nessa perspectiva combatida, dado que o bom poeta, nos setecentos, era que que sabia imitar engenhosamente. O escritor nessa época estava, pois, inserido em contexto em que práticas de escrita interligavam-se a tradição da Retórica Clássica. Nesse sentido, este poeta escrevia por modelos e através de técnicas que visavam a *imitatio*. Para tanto “*não é só o engenho ou talento somente que deve guiar o poeta na expressão dos seus sentimentos; porque ele deve observar algumas regras para que seu poema não seja um aborto, cuja deformidade aborreça ao invés de deleitar*” (HONORATO, 1879, p. 211-212).

Cabe-nos dizer, contudo, que o ato de emular não se configurava em cópia, tendo em vista que os escritores se apropriavam através da imitação das produções dos mais experientes e que, portanto, possuíam uma técnica mais apurada, para então produzir os seus próprios discursos. Isso culminava em reformulações que tornava único o objeto produzido.

Sendo assim, um dos conceitos fundamentais para o nosso estudo é o de apropriação, cunhado pela História Cultural. Por apropriação entendemos “[...] uma história social dos usos e das interpretações, referidas a suas determinações fundamentais e inscritas nas práticas específicas que as produzem” (CHARTIER, 1991, p. 180). Assim sendo, trata-se de perceber, como um objeto pode ser recebido de maneiras diversas por públicos diferentes em um mesmo período ou em épocas distintas e como ao longo dessas transmissões ele é investido de significações diferentes. Ao contrário

da apropriação, a cópia não pressupõe inovação, há a reprodução tal qual o original, diferentemente da apropriação, que não visa reproduzir, mas recriar. Cabe-nos dizer, que era comum a prática dos periódicos se apropriarem dos escritos de outros jornais ou até mesmo de escritos contidos em obras, como é o caso da *Xácara* pertencente ao *Auto da Imperatriz Porcina* e contida no *Folheto de Ambas Lisboas* de número vinte e cinco. Essa prática era de acordo com os interesses e necessidades, oferecendo uma espécie de releitura, atribuindo-lhes novos significados e sentidos e, portanto, criando algo novo.

Desse modo, podemos dizer que os redatores do *Folheto de Ambas Lisboas* se apropriam da *Gazeta*, bem como de práticas de escritas regidas pela Retórica e a Poética, as quais os poetas de seu tempo estavam submetidos para fazer circular notícias fictícias dos mais variados gêneros. Assim sendo, observa-se que o *Folheto* reproduz o mesmo mecanismo de apropriação, identificado por Roger Chartier (1999, p. 20) nos folhetos da Biblioteca Azul francesa, que consiste em “beber no repertório de textos consagrados, aqueles que mais parecem convir às expectativas do grande público que ela vai atingir”.

Inscritos em um tempo, os gêneros retórico-poéticos tinham que, concomitantemente, seguir os preceitos retóricos, agradar aos gostos e instruir como veremos mais adiante. Não à toa nos primórdios do tempo, a poesia estava a serviço da religião, afinal foi através da poesia que

os homens se domesticaram, os costumes se aperfeiçoaram; e reverenciava-se a divindade, regulavam-se as famílias e as nações, fazendo-as sentir as doçuras da sociedade. As leis antigas eram escritas em verso, e era por meio da poesia que os animos se elevavam para a guerra e se moderavam na paz (MORAES, 1856, p. 13).

Ao longo dos séculos a poesia desempenhou um papel muito importante nas sociedades, percebê-la e inseri-la em seu contexto de enunciação se torna fundamental, para podermos construir uma história dos gêneros literários, conferindo espaço àqueles que não foram inseridos nos quadros da historiografia lusa.

Dessa maneira, ao lidarmos com os gêneros retóricos e poéticos de Portugal setecentista devemos nos desvencilhar da visão romântica de que existe um eu romântico que fala pelo poeta, dotado de originalidade, um estilo próprio e que apenas os escritos possuem significação, prezando pela imanência do escrito. É preciso perceber antes de tudo, que o poeta fala de um tempo específico, que sua prática de escrita está relacionada a outras práticas de leitura e de escrita que foram sendo apropriadas ao longo do tempo, e mais, em se tratando do século XVIII os escritos mais do que regidos por preceitos retóricos estavam sob vigilância dos órgãos censórios.

Todavia, é preciso compreender também, que ao folhearmos as páginas dos jornais dos setecentistas, dos oitocentistas e do novecentos iremos nos deparar com gêneros literários completamente desconhecidos de nós hoje (HANSEN, 2013; CARVALHO, 2007; BARBOSA, 2007) bem como com autores de que nunca ouvimos falar, posto que não foram considerados nos estudos da historiografia literária. Além disso, iremos perceber que os gêneros retórico-poéticos vão sequer constar nos manuais que regiam a escrita na época dado que os gêneros têm tendência a desenvolver formas mistas sofrendo um processo de hibridização (PÉCORA, 2001) visível nas páginas dos jornais, de modo que esses manuais não darão conta dessas modificações. Além disso, os suportes também irão influenciar nas apropriações, pois são neles que esses gêneros irão circular se adequando ao espaço destinado a escrita e ao gosto dos leitores que também irão ditar modos de escrever (MCKENZIE, 2004). Dito isto, passemos a conhecer o jocoso nos gêneros literários que circularam no *Folheto de Ambas Lisboas*.

3.1 O ESTILO JOCOSO

A Bíblia, livro influente na história da sociedade ocidental, possui passagens²¹ que levam a condenação do humor e do riso. Assim, por séculos o humor não fora bem visto e lhes fora atribuído um caráter frívolo que o deixou as margens dos estudos acadêmicos por muito tempo junto com os escritos literários que produziam esse efeito.

No entanto, pesquisas feitas por antropólogos, historiadores, filósofos, e sociólogos possibilitaram que o humor e o riso fossem ganhando respeitabilidade como objetos de investigação. Segundo Jerônimo “apesar de o humor constituir uma parte praticamente inseparável da nossa vida quotidiana, não é habitual determo-nos sobre a sua complexidade de sentido, o que representa e o que abarca” (JERÔNIMO, 2015, p. 1), isso nos leva a desconhecer o humor enquanto um fenômeno essencialmente social, já que ele assim como o riso são resultantes de manifestações partilhadas nas interações sociais de modo que muitas vezes são moldados e situados no tempo e no espaço.

O humor e o riso estão intrinsecamente ligados posto que nenhum pode existir sem o outro, o riso e consequentemente o humor possuem “significado e alcance sociais” de modo que “a comicidade exprime acima de tudo certa inadaptação particular da pessoa à sociedade” (BERGSON, 2004, p. 99-100), mas para que tudo faça sentido é preciso um contexto social.

²¹ Deus repreende Sara quando esta se ri de uma boa piada (GÊNESIS, 18:11-13) e os sábios deixam bem claro que o riso é assunto dos tolos (PROVÉRBIOS, 14:9; ECLESIÁSTES, 7:3-4).

Considerando esses aspectos, o jocoso de que tratamos nesta investigação está relacionado ao humor e ao riso e será tratado, neste trabalho, pela perspectiva de três autores: Silva (1789), Braren (1992) e Quintiliano (2015).

No *Diccionario da língua Portuguesa composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado e acrescentado por Antonio de Moraes Silva*, o lexicólogo afirma que o jocoso se trata de um “assunto cômico, e ridículo, podendo ser contado ao modo das composições sérias” (SILVA, 1789). Essas considerações têm sua valia, mas na busca por uma conceituação mais aprofundada, encontramos nos estudos de Braren (1992) sobre as epístolas morais do filósofo Sêneca, um conceito que vai além do humor e do riso. Para o pesquisador o jocoso é:

todo registro que tem no conteúdo da palavra ou na sequência dos atos descritos o elemento surpresa, cuja principal característica é apanhar-nos por uma sensação de estarmos subitamente diante de fatos da própria vida. Daí a importância das manifestações jocosas. Elas informam. [...] o jocoso consiste em empregar humor, e [...] ter humor é ter disposição para descrever espirituosamente certos fatos tais como se apresentam porém com minúcias e graça como só um espírito agudo pode ver em termos reais (BRAREN, 1992, p. 35).

Nesse sentido, o escrito jocoso consiste em representar o cotidiano das pessoas de modo a revelar uma verdade de maneira engenhosa e que cause surpresa quando ele perceber que o que está sendo revelado é algo do seu conhecimento. O professor ainda revela que

o jocoso é empregado nos limites que ficam entre o jogo de palavras e certa escamoteação de uma determinada realidade, de modo a se tomar divertimento quando deparamos agudos diagnósticos de eventos da vida particular ou pública: esses eventos querem, com suas alusões, fazer-nos vislumbrar o surgimento de uma verdade revelada por tal perspicácia de espírito que terá efeito agradável (BRAREN, 1992, p. 35).

É a surpresa da verdade escondida revelada, que causa o divertimento, pois são feitas severas considerações ou críticas sobre determinado fato da vida particular ou pública. No *Folheto de Ambas Lisboas*, percebemos críticas severas a situações ou personagens. Contudo, vale frisarmos que mesmo quando é feita a um determinado personagem a crítica não se restringe só a ele, geralmente esse particular reflete o público, a fama que dada sociedade tem ou boa parte dela.

Os escritos jocosos ao lançar luz sobre determinados fatos, casos, tipos sociais, conduz o espectador a gargalhada. O riso provocado tem uma função muito importante, visa corrigir a distração e retirar o sono daquele que não ficar atento ao que o cerca ou que não siga o modelo imposto pela sociedade ou ainda aquele que evite fechar-se em seu caráter. Caso desvie do comportamento esperado de acordo com o padrão social, será alvo da correção pelo menos na perspectiva de uma humilhação que, mesmo sendo leve, não deixa de ser temida (BERGSON, 1992). O riso busca pela comicidade corrigir por meio da humilhação se constituindo em uma “espécie de trote social”

(BERGSON, 1992, p. 101). Quem ouve ou ler percebe que ali está contido uma crítica e certamente não irá querer ser alvo dela. Nesse sentindo, o jocoso, o humor e o riso estão interligados e possuem um papel muito importante na sociedade: provocam, censuram e corrigem comportamentos considerados inadequados perante os padrões sociais vigentes.

O *Folheto de Ambas Lisboas*, adota o estilo jocoso, no entanto, apesar de geralmente entendido como o contrário de sério, Quintiliano (2015) no livro “Instituições Oratorias” (Instituição Oratória) revelam o contrário. O orador e professor de retórica considera essa concepção de jocoso muito restrita, pois tanto fingir como amedrontar e prometer são gracejos.

Para o retor “o gênero jocoso está mais relacionado com o colorido do estilo e com certa refinada elegância” (QUINTILIANO, 2015, p. 473) e para usá-lo é preciso certo decoro, pois como afirma o próprio autor “tudo quanto o homem bom vier a dizer, di-lo-á dentro dos limites da dignidade e do respeito” (QUINTILIANO, 2015, p. 481). O autor ainda acrescenta que o jocoso é “um tipo de fala que tem como uma arma de ataque o riso” (QUINTILIANO, 2015, p. 473). Assim sendo, na oratória, o jocoso de acordo com o professor se aplica de três modos: ou solicitando o riso dos outros, ou de nós mesmos, ou das coisas intervenientes.

As solicitações ao riso, dos outros, são feitas através da reprovação ou refutação, enfraquecimento, recusa ou esquivas. As nossas solicitações ao riso, indicamos de modo risível, dizendo algo meio absurdo. Todavia, é preciso cautela, pois caso essas solicitações recaiam sobre pessoas desprevenidas, são idiotas, mas se a disfarçarmos, são aceitas como graciosas. Podemos solicitar o riso ainda das coisas intervenientes, frustrando as expectativas, usando palavras tomadas em outro sentido e outros meios, que não afetam nenhuma pessoa, sendo consideradas intermediárias (QUINTILIANO, 2015, p. 474).

No folheto lusitano, o riso é causado através das mais diversas estratégias, seja satirizando tipos sociais e as academias que começavam a proliferar em Portugal ou através da plebe lisboeta na medida em que a representa no escrito fictício, ao mesmo tempo que se contrapõe ao estilo de escrita e as temáticas que envolvem a *Gazeta de Lisboa Occidental*. A sátira a tipos sociais lisboenses é presente em todo o folheto, conforme verificaremos nas análises dos gêneros retórico-poéticos. Por isso, procuramos esclarecer, por meio de alguns estudiosos, o que entendemos por sátira. Dada a complexidade do termo sátira, já que nem sabemos ao certo sua origem, adotamos nesta pesquisa, o conceito de sátira será visto a partir da ótica de três autores (HODGART, 2010; FRYE, 1973; HANSEN, 2004).

Muitas histórias que permeiam a origem e uso da palavra, porém podemos dizer que o termo possivelmente é um “adjetivo latino ‘satur/ satura/ saturum’, que significa completo, misto” (MARTINS, 2017, p. 114). Isto porque pode estar presente em todas as temáticas da literatura: o heroico, o maravilhoso, o religioso, ou moral, o histórico e o amoroso (MARTINS, 2017).

O termo pode ter vários usos tendo em vista que seu significado original é uma “obra literária de tipo especial, na qual vícios, insanidades, estupidez e abusos/injustiças são expostos ao ridículo e desprezo” (HODGART, 1969, p.7, tradução nossa)²⁴. Essa ridicularização da personagem, não é feita aleatoriamente, tem um propósito, ataca-se o que não é certo perante os padrões da época, logo, instrui-se. Para o professor Matthew Hodgart a sátira é um instrumento de ataque, pois

toda boa sátira contém elementos do ataque agressivo e da visão fantástica do mundo transformado: é escrita para o entretenimento, mas contém comentários ferrenhos e reveladores sobre os problemas do mundo em que vivemos²² (HODGART, 2010, p.12 apud AZEVEDO, 2015, p. 51).

A sátira serve para o “deleite”, mas também critica os mais diversos problemas sejam eles de ordem religiosa, política ou social. O autor compara a sátira a “jardins imaginários com sapos reais”²³ (HODGART, 2010, p.12 apud AZEVEDO, 2015, p. 51). Nesse sentido, o contexto de escrita pode ser ou parecer fictício, porém os personagens, seus vícios e costumes remetem ao real e são passíveis de críticas.

O uso da sátira vem desde a literatura clássica grega e romana, todavia, devido seu caráter jocoso foi vista nos estudos literários como um gênero menor, pois “buscava, pelas técnicas do maldizer, por meio de versos, provocar o riso e o escárnio” (AZEVEDO, 2015, p. 52). Por isso, os estudiosos não a levavam em consideração já que rompia com as convenções morais.

Para (MACHLINE, 2004) é no século XVIII, por razões desconhecidas, que o humor ascende a categoria de *sui generis* convertendo-se em algo que está mais relacionado com o sério do que com alegria. Frye corrobora desse pensamento quando afirma ser a sátira o gênero “mais afastado da ‘alta seriedade’, ainda que nem sempre” (FRYE, 1973, p. 157). Essa afirmação nos faz pensar que apesar de ser concebida como o oposto do sério, a sátira pode também lhe está próxima.

²² All good satire contains an element of aggressive attack and fantastic vision of the world transformed: it is written for entertainment, but contains sharp and telling comments on the problems of the world in which we live. (HODGART, 2010, p. 12)

²³ “imaginary gardens with real toads in them”. (HODGART, 2010, p. 12)

Essas considerações são importantes para refletirmos sobre nosso objeto de estudo, já que nele a sátira que nos é dada a conhecer é aquela que por meio dos escritos com tom de seriedade, nos leva ao encontro do risível. Isso nos leva a concebê-la enquanto aquela que *castigat ridendo mores*²⁴ estando a serviço da moral.

Hansen (2004) em suas pesquisas sobre a sátira barroca de Gregório de Matos, compreende a sátira pela ótica do engenho. Para isso, considera os dois sentidos que carrega a palavra: tanto o que se refere aos engenhos de cana de açúcar e aos seus respectivos senhores pertencentes ao contexto histórico e social da Bahia quanto a linguagem articulada da qual o poeta seiscentista se utiliza para criticar os sujeitos que atentavam contra o bem-estar e a moral baiana (AZEVEDO, 2015). Nesse sentido, há na sátira uma “[...] crítica feroz de toda veleidade de ação isolada” que age “advertindo contra a tirania” (HANSEN, 2004, p. 275). Desse modo, toda ação ou tipo que fuja aos valores morais da sociedade são atacados.

No *Folheto de Ambas Lisboas*, a sátira é utilizada no ataque aos tipos sociais mais diversos (a mulher negra, o avarento, o mestiço, a mulher feia e fétida, o acadêmico), conforme veremos mais adiante. As temáticas encontradas também são as mais variadas: a vaidade, a falta de higiene, a feiura, a morte, as festas religiosas como o batizado entre muitas outras.

Com a temática da morte nos é apresentado vários relatos fúnebres, contudo, os editores preferem o estilo jocosério ao sublime. Dito isso, passemos a entender as motivações desses autores para preterirem um estilo ao outro.

O estilo sublime, do latim *sublimis* ou robusto trata-se daquele que serve de toda sorte de palavras e expressões valentes, animadas e próprias a dar força e grandeza aos pensamentos (HONORATO, 1879). O seu objetivo é mover, por isso, em sua composição, escolhe-se os *tropos* mais atrevidos e as figuras mais enérgicas como as amplificações, as hipérboles, as exclamações, as apóstrofes, as prosopopeias, e tudo quanto possa despertar o patético que obriguem o ouvinte, ainda que relutante, a comover-se. Deve ser usado em assuntos grandes, nobres e interessantes porque seria ridículo usá-lo para exprimir com ênfase assuntos triviais e comuns (HONORATO, 1879). Em contraste, o objetivo do folheto como já mencionamos é “divertir com graça”. Sendo esse o objetivo, o estilo sublime não é apropriado a abordagem do assunto, posto que *Folheto de Ambas Lisboas* traz diversas notícias fictícias e gêneros que mesmo tendo aparentemente certa seriedade são jocosos, os assuntos tratados são do cotidiano, não havendo assuntos elevados, para tanto as personagens são

²⁴ Expressão cunhada pelo poeta Jean de Santeuill e que significa “rindo castiga os costumes”.

tipos sociais que haviam na sociedade. Dessa maneira, o estilo sublime não é adequado, mas o jocoso se enquadra nos propósitos dos escritores.

Assim, os relatos fúnebres, assim como outros gêneros, apresentam um estilo próprio de escrita, o jocoso, na medida em que exalta não as qualidades apresentadas pelo morto em vida, mas seus defeitos. Isso é proposital posto que ao mesmo tempo em que faz rir tece críticas e atinge as classes nobres da sociedade se utilizando das camadas inferiores e dos gêneros e estilos apropriados. Estas escolhas são regidas como já mencionamos neste trabalho por regras instituídas pela Retórica e pela Poética. Nessa última, ao discorrer sobre a poesia imitativa e o objeto da imitação, os homens, Aristóteles afirma:

[...] como os imitadores imitam homens que praticam alguma acção, e estes, necessariamente, são indivíduos de elevada ou de baixa índole (porque a variedade dos caracteres só se encontra nestas diferenças [e, quanto a caráter, todos os homens se distinguem pelo vício ou pela virtude]), necessariamente também sucederá que os poetas imitam homens melhores, piores ou iguais a nós (ARISTÓTELES, 2003, p. 105).

Isto quer dizer que dada a índole dos indivíduos (elevada ou baixa) e o caráter (distinguido pelo vício ou pela virtude) o poeta imita os homens melhores do que nós, iguais ou piores. Seguindo este raciocínio, o filósofo afirma que a comédia é “[...] imitação dos homens inferiores; não, todavia, quanto a toda espécie de vícios, mas só quanto àquela parte torpe do que é ridículo. O ridículo é apenas certo defeito, torpeza anódina e inocente” (ARISTÓTELES, 2003, p. 109). Assim, os escritos cômicos, jocosos dotados de humor que levam ao riso têm como personagens os homens inferiores em condição e situação piores, suas imperfeições e seus vícios. Na obra *Compêndio de Retórica e Poética*, o Retor Honorato ratifica:

Comédia é a representação dos caprichos, prazeres, fraquezas humanas. Seu fim moral é mostrar as loucuras dos homens, expor os vícios ao ridículo e apresentar os incômodos, que podem causar a sociedade polida e morigerada [...] Devem os seus personagens ser pessoas plebeias, em contraposição à tragédia, cujas ações são representadas pelas ilustres: aquelas para ser desprezadas, e estas admiradas.

O *Folheto de Ambas Lisboas* traz nas notícias e gêneros poéticos, personagens pobres, ridicularizando-os. De acordo com as técnicas retóricas esses gêneros não poderiam ser escritos em estilo sublime. Por isso, a escolha pelo estilo jocoso, aquele que discorre sobre um assunto sério de modo a levar ao riso. A esse estilo, que leva ao deleite, Honorato (1879) denomina estilo temperado, o qual também se serve de metáforas, *tropos* e figuras, mas o objetivo é atribuir graça ao discurso.

No que concerne a presença da temática da morte nos gêneros retórico-poéticos, esta é justificada pela ascensão vertiginosa e feérica dos ritos de passagem que Portugal assiste do século XVII ao XVIII. Nesses rituais é possível perceber:

[...] atitudes, símbolos religiosos e profanos, cortejos e cerimónias, preparavam a incorporação do morto no além, mas aquietavam, por outro lado, as existências angustiadas, saudosas e enlutadas de parentes e amigos. O mesmo se diga dos discursos e da retórica setecentista, notáveis instrumentos encomiásticos, que ao relembrares a vida e obra do defunto em orações fúnebres, perpetuavam na memória colectiva – pela palavra e pela escrita – a imagem exemplar do homem e da mulher, separada para sempre do cadáver morto e corruptível (LOURENÇO, 2003, p. 579).

Assim, há nos elogios e orações fúnebres o uso da retórica para exaltar o morto, principalmente quando se trata de pessoas da alta nobreza como reis, rainhas e princesas. No folheto lusitano os relatos fúnebres são chamados de alaridos jocofúnebres²⁵. O termo alarido quer dizer “gritaria”, não exaltam as qualidades pessoas da alta nobreza, mas os defeitos de pessoas comuns apontando-lhes, inclusive os comportamentos daqueles que estão a velar o corpo do morto.

De acordo com Quintiliano “a matéria para os ditos jocosos é fornecida pelos gêneros, pelas espécies, propriedades, diferenças, contradições, causas, efeitos e comparações de coisa iguais, maiores ou menores; da mesma forma cabem bem em todo tipo de figura” (2015, p.499). No Folheto, percebemos que mesmo tratando da temática da morte, assunto que de acordo com as normas retóricas poderia ser tratado em estilo sublime, em um gênero como o panegírico por exemplo, os redatores optam por gêneros que permitem tratar da temática utilizando um estilo jocoso. O assunto é sério, mas o relato é jocoso e esse é um dos artifícios que levam o público ao riso. A seguir, partimos para o conhecimento propriamente dito dos gêneros retórico-poéticos e do estilo jocoso presente nesses gêneros.

3.2 DO EPITÁFIO, ENDEXA, SONETO, GLOSA, REDONDILHA, COPLA

O primeiro gênero retórico-poético que encontramos no *Folheto de Ambas Lisboas* é o epitáfio. Este gênero faz parte da poesia elegíaca, a qual não possui origem específica, mas foi praticada dos gregos aos latinos. O termo elegia vem do grego e significa “pranto”. De acordo com o Retor Manoel da Costa Honorato, a poesia elegíaca é

dedicada a celebrar sentimentos dolorosos; ou melhor, é a lamentação de um assunto triste. Seu assunto é tudo quanto possa ser sentimental: a ausência de um amigo, um amor mal correspondido, a perda da pátria, finalmente a morte de uma pessoa que nos mereça dedicação

²⁵ Alarido é um “clamor que se levanta ao travar a batalha” (SILVA, 1789, p. 50)

e amor. Sua forma se assemelha a ode e é consagrada ao movimento do coração, porém se limita aos pensamentos doces, quer sejam tristes ou alegres (HONORATO, 1879, p. 311).

No *Folheto de Ambas Lisboas*, os gêneros retórico-poéticos correspondem boa parte a poesia elegíaca, dado que os gêneros muitas vezes são dedicados a morte de algum amigo. Ainda de acordo com Honorato (1879), a poesia elegíaca não pode abordar todas as espécies de sentimentos, pois isso está reservado a ode e conseqüentemente rejeita os pensamentos sublimes e as imagens pomposas. O estilo da poesia é médio, mas o poeta deve ter talento e erudição para produzir uma boa elegia. A sensibilidade da alma deve ser auxiliada por um gênio fácil que dê uma certa delicadeza ao poema; o coração fornece os sentimentos, a imaginação os acolhe e orna com suas graças. Assim, o poeta pode usar de frases familiares, delicadas e ingênuas. Os versos usados na elegia são ordinariamente hendecassílabos rimando alternadamente e formando tercetos. São espécies de elegias: a nênia, o epicédio, o epitáfio e a endexa.

Pertencente a poesia elegíaca, como já mencionamos anteriormente, o epitáfio é

[...] uma inscrição posta sobre a campa de um morto, para recordar suas virtudes, qualidades e merecimentos; mas pode também ser colocado em qualquer outro lugar apropriado, como pyrâmide, cenotáfio, pórtico, átrio ou mesmo no livro ou objeto domestico. – Sua construção está ao arbítrio do poeta, sem comtudo esquecer-se do objeto, nem do sentimento que o deve acompanhar (HONORATO, 1879, p. 318).

Moisés acrescenta ainda que se trata:

[...] No Antigo Egito, o epitáfio continha apenas breves notícias sobre o morto (data de nascimento e morte, nome, profissão), mas os latinos concederam ao epitáfio estatuto literário, oferecendo um elogio ao morto em forma de verso. O tom do epitáfio pode ser desde o mais trágico até o mais jocoso ou mesmo satírico (MOISÉS, 1974, p. 194).

A temática da morte é visível nos epitáfios e nos gêneros joco-fúnebres como os laridos e alguns romances que não fogem à pena do editor. No epitáfio, entretanto, é comum exaltar as virtudes, as qualidades e os merecimentos da pessoa morta, seja de forma jocosa, de elogio, sátira. No *Folheto*, o gênero está contido em uma notícia fictícia no folheto de nº 3.

Vale dizermos que o hibridismo é característica notável nos gêneros encontrados, não sendo exclusividade do epitáfio. A notícia que abriga o epitáfio trata sobre a morte de João de Almeida, o careca das cozinhas, nela o epitáfio diz o seguinte:

Aqui jaz o gram Careca,
que tão somente por selo,
a vida, como o cabelo
tem já levada da breca.

(FOLHETO DE AMBAS LISBOAS, 08/09/1730, Nº 3, P.02)

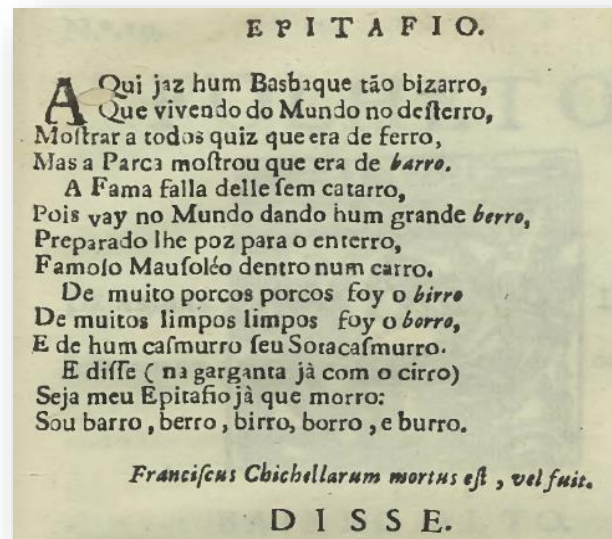
Como percebemos, o tom do epitáfio é mais jocoso, dado que não se procura exaltar a figura do morto, mas satirizá-la a partir de um defeito físico, a falta de cabelo. De acordo com o Retor Quintiliano (2015) nos escritos jocosos os risos são provocados, dentre outros elementos, pelo defeito físico daquele contra quem nos pronunciamos. Além disso, podem ser “demonstrados ou descritos ou sintetizados por uma palavra” (QUINTILIANO, 2015, p. 481), conforme observamos no epitáfio quando o defeito da personagem é realçado pelo uso adjetivo “gram”, “grande”.

Na mesma notícia há referências jocosas a vestimentas e comportamentos. Os personagens fazem uso de vários provérbios. Dentre eles, Domingo esparteiro diz o seguinte: “Cada porco tem seu São Martinho”, Joseph de Santa Clara afirma “Mas vale que me invejem do que me chorem”, Manoel dos enterros afirma “Lá vai tudo quanta Marta fiou” e Joseph Cassapo acrescenta “Donde vós estais compadre não faço eu falta”. O lamento pela morte de João de Almeida dá lugar a uma satisfação dos que ali permanecem por ainda continuar a viver. Quintiliano (2015) afirma que os provérbios quando bem adaptados são fontes de ditos jocosos.

Os provérbios “apresentam uma circunstância recebida do que há de mais familiar na vida humana e que deve ser tomado em sentido mais geral” (HONORATO, 1879, p. 343), portanto, são ensinamentos resultantes da sabedoria de um povo. Para o autor, se desenvolvidos, os provérbios, podem se tornar fábulas ou apólogos, tratando-se de um gênero intermediário. O jocoso também é percebido nos nomes das personagens, alguns inclusive, relacionados a nomes de santos católicos “Santa Clara” e personagens bíblicos tais como Manoel, João e Marta.

Notamos ainda que apesar de existirem preceitos retóricos que regem as práticas de escrita da época, essas práticas são algumas vezes subvertidas para atender sejam as necessidades do suporte sejam dos leitores. No *Folheto* de nº 18, encontramos um epitáfio que obedece ao formato de um soneto, por exemplo, observemos:

Figura 14 – Epitáfio em forma de soneto



Fonte: Folheto de Ambas Lisboas (1731).

O epitáfio é composto em ocasião da morte de Franciscos de Chellas e lhe atribui qualidades jocosas “basbaque”, “bizarro”, “burro”. Além do caráter jocososo dado o trocadilho com as palavras “barro”, “berro”, “birro” e “burro”, o epitáfio não corresponde, totalmente as preceptivas retóricas, pois sua estrutura é a de um soneto, apresentando dois quartetos e dois tercetos, conforme veremos mais adiante.

A endexa ou endecha também faz parte da poesia elegíaca e diz respeito a poesia com que se pinta o estado melancólico do coração, por causa de alguma adversidade, ou sucesso que promoveu a tristeza. Por antifrasede, também se acomoda aos assuntos amorosos e alegres. Seu estilo é brando, e carece de imagens apropriadas e seus versos são líricos, maiores ou menores, em quadras, quintilhas e etc. (HONORATO, 1879). Vejamos, essas endexas a seguir presente no *Folheto de nº 20*:

ENDEXAS

De terceira cabeça.

SEnhora Baba, ou he notado
(y no lo he notado ayer)
que em vós ou le llega a ver
El Amor enamorado.
Y si Amor sin mas primor
te há enamorado a si mismo,
Também se ama en el abismo,
Ni Amor se libra de amor.
Vuestra Dama em su locura

que estais El Galan fantasma
lindamente El parecido.
Llegamos a conocer,
que es vuestra muger prejura
en la sealdad, y locura
La mas constante muger.
Ya me vino al pensamiento
que ay como vos, otros pocos,
Cuerdos, que pareceu locos,

Em sus ira, y furores
 Os rinde armadas de horrores
 Las armas de la hermosura.
 Quando furiosa se inclina,
 Os haze, no fin espanto,
 El encanto sin encanto,
 Fiendo ella La Celestina
 Trae dote, q es muy bastante,
 Poruqe pra su marido,
 De muy lexos há venido
 con uma Trampa a delante.
 Vos nos amaveis su belleza,
 Tan poco ella no os amava,
 Peor està do que estava,
 Firmeza contra fineza.
 Nada tiene la coitada
 Y intetanto darlo todo,
 Si casó hallando el modo
 De Dar todo, Y no dar nada.
 Aqui havemos dicurrido,
 Y es cosa, que a todos pasma

que assin Un bobo haze ciento.
 Como fois un animal,
 mostrais por diversos modos,
 a mi , a aquel, a est, y todos.
 La fuerça del natural.
 Casado estais con primor,
 y solo en vòs pudo haver,
 querer por solo querer,
 Affectos de ódio, y de maior.
 En vòs ya se vè complicado,
 si aborrecido os casais,
 despues de amado, que estais
 Amado, e aborrecido.
 En ambos la suerte es una,
 que ambos pudistes hallarla
 La ventura sin buscarla,
 Los hijos de la Fortuna.
 Aunque os desparlates ayer,
 mirad que al querer favores,
 vuestra muger con furores
 dirá que No puede ser.

(FOLHETO DE AMBAS LISBOAS, 4/05/1731, N° 20, P. 09)

Escrita em castelhano, tanto essas endexas como outros gêneros retórico-poéticos (sonetos, liras, glosas, romance e contradança) foram compostos em razão do casamento do acadêmico Francisco, o Baba do Socorro, com a escalavrada formosa insolentíssima senhora, a estrangeira doida. Esses gêneros estão contidos em outro, o epitalâmio que se trata de

uma poesia semelhante ao dithyrambo²⁶ com diferença de ser dedicada a celebrar as bôdas ou aniversário de um casamento. — A sua formação é toda baseada no júbilo e divertimento, posto que dependente de imagens elegantes e pensamentos elevados, próprio do heróico e maravilhoso. — Seos versos devem ser heróico-quebrados intermeados com o endecasyllabos (HONORATO, 1879, p. 267).

As endexas apresentadas no *Folheto* correspondem, portanto, a temática do casamento estabelecida pelo gênero fazendo jus também aos preceitos retóricos do epitalâmio em que está contida. As endexas são produzidas por antífrase “um tipo de ironia que exprime, para bom agouro, ideias funestas por palavras correspondes à ideias contrárias (HONORATO, 1879, p. 90), posto que logo nos primeiros versos o poeta afirma, ironicamente, não saber que o Francisco estava apaixonado.

A ironia de acordo com Lausberg (1967) é um tropo de pensamento que consiste em substituir um pensamento por outro, o qual interliga-se ao pensamento em causa por uma relação dos contrários. A ironia, portanto, se encaminha por todos os versos das endexas, pois o poeta mesmo sabendo do

²⁶ Poesia originalmente dedicada a Baco e tem por características um entusiasmo em excesso, a licença das expressões, a desordem das ideias e a irregularidade da versificação por denotar o canto da embriaguez e o delírio da orgia (HONORATO, 1879, p. 266).

relacionamento mostra não saber, mas vale dizermos que a ironia retórica tem por prerrogativa ser “entendida pelo ouvinte, como ironia, e, portanto, como sentido contrário” (LAUSBERG, 1967, p. 253). Para Quintiliano (2015) a ironia é bem próxima da jocosidade mesmo que se faça com máxima severidade. Para o Retor, as figuras como a ironia irão se configurar em elementos reguladores do assunto tratados.

O soneto é outro escrito jocoso encontrado no *Folheto*. Para entendermos melhor o assunto abordado nele é importante sabermos quais os preceitos poéticos o escritor deve seguir para compor essa espécie de gênero que

é uma espécie de poesia rimada, composta por quatorze versos hendecassílabos, formando no princípio dois quartetos e terminando por dois tercetos. – é bem importante esta poesia pela magnificência do seu assumpto, assim como é bem difícil na sua composição. Deve conter um raciocínio perfeito, cuja conclusão seja sempre bela (HONORATO, 1879, p. 357).

Se considerarmos as regras da poética, o assunto tratado nesta poesia deve ser magnífico e a conclusão bela. Sendo assim, o assunto de algum modo deve (co)mover o leitor. Para o padre Lopes Gama:

O vocábulo *belo* tem dois sentidos diferentes. Em um chama-se a todo objeto, que nos move agradavelmente de um modo desinteressado, e por qualquer causa. Em outro chama-se bello somente ao objeto, que nos move agradavelmente de um modo desinteressado, mas pela simpatia, que em nós excita o invisível que ele exprime, a natureza imaterial e viva que ele manifesta (GAMA, 1851, p. 6-7).

Podemos incluir os escritos jocosos do *Folheto* na segunda acepção, dado que além de objetivar mover, exprime críticas sociais e ao mesmo tempo que deleita, instrui, como veremos adiante. Todavia isso não é feito desinteressadamente, pois desde as primeiras páginas o redator afirma querer levar o leitor ao riso dizendo “galanterias com graça”. No *Folheto*, encontramos o seguinte soneto:

H Um Mons. Flamengo batizou um filho um dos dias passados com grande estrondo: todos os convidados foram do mesmo país; gastou-se tanto vinho, quanto é costume nesta nação. Um vizinho seu testemunha, que estavam já tais, que falavam em verso; e que hum pedira vinho em um Soneto, que aqui se translada.

SONETO

SE a morte anda de ronda, e a vida trota,
Aproveite-se o tempo, e ferva o Baco,
haja basofia, some-se tabaco,
vinha rondando a pipa, e ande a bota.
Seja já das tavernas a derrota,
E hoje a puro brindar se ateste o saco,
Faça-nos a razão pelo seu caco
Dom Fragatando Rim compatroita.
Ande sempre o licor, funda-se a serra,
Esgotem-se os tonéis, molhem-se os rengos,

Toquem tarará já, que o vinho berra:
 Isto cá se passou com tais mostrengos,
 Quando choveu tanta água sobre a terra
 como vinho inundou sobre os Flamengos.

(FOLHETO DE AMBAS LISBOAS, 27/10/1730, Nº10, P. 2-3)

O soneto acima encontra-se no Folheto de nº 10 e a temática é a festa de um batizado. O tema é anunciado por meio de uma espécie de exórdio que é “uma abreviada e viva noção da matéria, que se vai tratar no corpo do discurso, a fim de preparar o auditório, a ouvir o orador, com atenção e benevolência” (MORAES, 1856, p.281). Desse pensamento, corrobora o Retor Honorato que diz servir o exórdio para preparar e dispor os ouvintes a ouvi-lo favoravelmente (1879, p.28). Assim, o exórdio se constituirá como o início atrativo para boa aceitação. Nota-se, pois, que o exórdio introduz o soneto, contando ao leitor em qual situação ele foi composto e do que ele trata buscando cativar a atenção do público leitor do folheto português.

O assunto é abordado de modo cômico e visa o deleite, o riso, ou seja, mover o leitor. Nele, o costume satirizado é o ato de beber vinho em demasia em Portugal. Cabe-nos dizer que esse vício não era apenas da plebe lisboense, pois até a rainha “D. Maria Francisca, por exemplo, gostava de beber grandes quantidades de vinho, tendo sido por diversas vezes repreendida por D. Pedro, seu marido.” (MATTOSO, 2011, p. 171). Apesar de na época que circulava o *Folheto* ter se constituído “[...] um ambiente de puritanismo católico que se vinha instaurando em Portugal desde meados de quinhentos” (MATTOSO, 2011, 166). Percebe-se uma proliferação de vícios na sociedade portuguesa.

No soneto, notamos uma referência a um dos deuses da mitologia, Baco, conhecido como Dionísio (nascido duas vezes) na mitologia grega. Na mitologia romana representa o deus da orgia e de acordo com Moraes “foi o primeiro que plantou a vinha” (MORAES, 1856, p. 112). Por isso, ficou conhecido como deus do vinho. Alude-se também a um instrumento musical, o tarará, espécie de corneta, tambor ou ainda trombeta que reproduz o som apocalíptico. Nisto, percebemos a referência ao profano em contraste com o sagrado. Esses elementos fazem parte, portanto, da festa profana que aconteceu em comemoração ao batizado.

Em Portugal, era comum o uso de festas religiosas como pretexto para as festas profanas, como afirma Souza “a predominância das festas católicas atraiu para a sua órbita eventos que, até então, eram vistos como profanos” (SOUZA, 2013, p. 16). Devido as festividades serem raras, eram concebidas como um momento oportuno para a confraternização e conseqüentemente a bebida. No Folheto, temos a alusão a várias procissões, as quais tinham o cortejo relatado de modo jocoso. A título de ilustração, temos a menção no Folheto nº 2 à procissão de Santo Aleixo, não deixando

contudo, inserir um tom jocoso satirizando os tipos sociais e comportamentos daqueles que dela participam. É importante frisarmos que participar dessas procissões significava se incorporar a vida em sociedade bem como consistia em uma obrigação posto que “a Câmara de Lisboa multava os habitantes que, cumpridos os ofícios do conselho, não acompanhavam as procissões” (SERRÃO, 1978, p. 396 apud SOUZA, 2013, p. 54). Assim, o religioso e o profano passaram a ser incorporados a vida em sociedade.

No soneto, há ainda a presença de uma prosopopeia ou personificação “o vinho berra”. Para Lausberg (1967) a personificação é uma variante da alegoria e consiste na introdução de coisas concretas e noções abstratas e coletivas como pessoas que aparecem a falar e a agir. Assim, atribui-se a seres inanimados características humanas.

O uso da personificação confere ao soneto um tom de exagero, concernente ao costume português de consumir em demasia a bebida. O exagero é ainda acentuado pela hipérbole construída nos dois últimos versos “choveu tanta água sobre a terra como vinho inundou sobre os Flamengos”. De acordo com Honorato, a hipérbole é uma figura de pensamento “exagerando-se além dos limites da verdade, se engrandece um objeto fora de suas proporções naturais” (HONORATO, 1879, p. 69). Todavia, conforme o Retor afirma, não se trata de um exagero mentiroso, tendo em vista que estando imersos em um pensamento pode nos faltar expressões para exprimi-lo, o que levará a elevá-los por meio da linguagem de tal modo que o leitor reconhecerá o que queremos dizer, compreendendo a força que queremos dar a expressão. O consumo exagerado do vinho terá como justificativa o alento para as dificuldades encontradas na vida.

Cabe-nos acrescentar que o soneto é uma das quatro espécies de poematos – madrigal, o soneto, o rondó, a redondilha – que está intimamente ligado ao epigrama, porque tem em comum com ele o não ser mais que um pensamento apresentando engenhosamente (MORAES, 1856). Segundo Honorato:

o epigrama é uma poesia breve, simples, sem arte, que versa sobre ideias contrapostas. É de pouca importância, e composta por pequeno número de versos, ora da mesma, ora de diversa medida, dedicada a enunciar um pensamento engenhoso, e delicado, algumas vezes crítico e mordente, concluída sempre por uma expressão aguda ou picante (HONORATO, 1789, p. 357).

Ainda sobre o epigrama, Coelho diz ser

uma das mais raras formas poéticas gregas que tem nas literaturas românicas, incluída a portuguesa, imitações válidas. Foi originalmente uma legenda lapidar que, sob forma mnemônica, lembrava um feito, uma vida, ou até uma simples oferta votiva. Encontram-se as mais antigas inscrições deste gênero, que eram anônimas no século VII a.c., constituídas por um só verso ou por uma parelha (COELHO, 1984, p. 294).

Foi na época alexandrina, quando se buscou catalogar o legado literário dos séculos anteriores que o epigrama ganhou popularidade e adquiriu status de gênero poético, de modo que, foram designadas assim, quaisquer composições muito curtas, de ritmo marcado e trabalhadas na virtuosidade. Não havia limitações de assunto, além das indicadas pelas características formais. Foram os Romanos que pelo traço de temperamento saliente, imprimiram ao epigrama o caráter mordaz, vazando nesta forma, de preferência, ao lado dos temas eróticos e os seus versos satíricos. No século XVIII, desenterraram-se todas as formas poéticas helênicas, ganhando o gênero grande destaque no período. Entre as mais rigorosas formas de epigrama o autor cita dois gêneros românicos: o madrigal e o soneto (COELHO, 1984).

Dessa maneira, o soneto possui características do epigrama como a engenhosidade e a crítica social e mordente como podemos perceber desde o exórdio que critica a cidade de Lisboa “gastou-se tanto vinho, quanto é costume nesta nação” (FOLHETO DE AMBAS LISBOAS, 27/10/ 1730, Nº10, P. 02). O ataque neste caso, é feito de forma explícita a toda a nação, todavia em outros gêneros esse ataque é feito de forma velada.

Em outro *soneto*, a temática é a vaidade de uma mulher negra que também não foge à pena do redator:

Hontem pelas nove horas da manhã estava a uma janela das desta rua uma celebra negra, vendo-se com muita curiosidade a um espelho, e pondo cor na cara: o que vendo um sujeito, que passou acaso, subiu pela escada acima, e disse à negra o Soneto seguinte.

SONETO.

Quem chegar a este cristal, se hás de ver só
 uma cara talhada para hum dó,
 um corpo, que nasceu para o cumbé ?
 Considera, que es filha de Guiné, e que te hás de tornar em negro pó;
 não queiras que te diga a gente tó,
 vai te ser presumida a São Thomé.
 Que gentio nascido no Pará,
 vendo o feitio desse corpo nu,
 deixa de te hospedar cum passa lá ?
 Pois se a ver te ao espelho chegas tu,
 dizem logo: essa negra que se vá
 bailar com mil diabos o gandú.
 Ficou muito satisfeito o Poeta, e a negra muito picada, descompodo-lhe a autoridade do
 bico do pé até a cabeça.

(FOLHETO DE AMBAS LISBOAS, 27/10/1730, Nº10, P. 4-5)

Neste outro soneto, também notamos a presença do exórdio que introduz o gênero retórico-poético que vem adiante. O pecado satirizado no soneto é a vaidade: a negra que está à frente do espelho “colocando cor na cara” é atacada por um sujeito com palavras.

O sujeito a chama de “cachorra bujamé”. A expressão remete ao mestiço, filha de mulata com preto. Afirma ainda que seu corpo nasceu para o “Cumbé”, dança de origem africana praticada na época pelos negros em Lisboa, assim como o Gandú²⁷. A mestiçagem e a difusão da cultura africana por meio da dança eram comuns se considerarmos que nos setecentos a escravidão ainda não havia acabado em Portugal. A justificativa para o ataque é a negra estar a se embelezar quando deveria considerar que é originária de Guiné, irá voltar ao negro pó, desse modo a beleza é algo irrelevante.

Baseando-se em Quintiliano e outros retores, Hansen afirma que na sátira “[...] frequentemente se invoca a beleza como prova da luxúria” (HANSEN, 2004, p. 393). A vaidade ia contra os preceitos bíblicos fortemente difundidos pela religião católica em Portugal.

No século XVIII “as modas femininas chegam de França e já então chocam os seus mais ferventes adeptos pela rapidez com que variam levando a resultados ridículos” (SILVA, 1982, p. 161). Isso irá resultar em cabelos empoados montados em penteados extravagantes e um visual aristocrático carregado de *rouge* que só será abolido após a Revolução Francesa tendo em vista que ela trouxe consigo a “ideia de exaltação do aspecto natural, de uma fisionomia sincera e transparente” (BURNAY, 2011, p. 66). O exagero nos penteados foi tema inclusive de um poema bastante conhecido, *o colchão dentro do toucado*, do poeta Nicolau Tolentino. Ainda sobre os penteados da época, Oliveira Martins em seu livro *História de Portugal* reitera

[...] os penteados em piras, estrelas, cestos, polvilhados de amido ou diamante, com laços, flores, fios de pérolas e colchetes, fitas, plumas, e belezas ornando a testa ou as fontes, acusavam a extravagância pretensiosa e de mau-gosto, do pensamento da literatura e da moda, em uma sociedade em decomposição pobre (MARTINS, p. 385).

Os exageros que acometiam a sociedade da época eram refletidos em vários campos um deles era a moda que fora importada. O ataque a vaidade contido no soneto do folheto lusitano reflete os “desvios” de uma sociedade que não sem motivo tem seus vícios e tipos satirizados.

Se considerarmos que a sociedade portuguesa da época se importava em demasia com a moda e a beleza podemos associar a crítica feita a uma personagem periférica (a negra) às mulheres lisboenses que cultivavam os exageros. Quintiliano ao discorrer sobre o jocoso afirma

²⁷ O cumbé e o gandú são “danças de que os brancos europeus não se mostravam dispostos ainda a apropriar-se (como aconteceria depois com a fofa, o lundu e o fado)” (TINHORÃO, 2006, p. 36).

não se provoque a quem seja perigoso prejudicar, [...] a fim de que não se dê ocasião ao surgimento de inimizades profundas ou a necessidade de uma vergonhosa reparação. Também não se diz corretamente aquilo que é atribuível a muitos, caso se acuse o conjunto de nações ou as ordens e as condições sociais ou as inclinações de muitos (2015, p. 481).

Os editores dependentes das licenças que autorizavam a circulação do folheto, portanto, não poderia fazer uma crítica explícita as mulheres portuguesas. Era mais conveniente satirizar o pecado capital da vaidade, na representação de uma mulher negra do que criticar a personagem uma mulher branca da elite. Isso poderia gerar severas consequências para os redatores, homens que exerciam profissões que dependiam do bom relacionamento com o povo e com as instâncias governamentais.

Na terceira estrofe do soneto é possível observarmos o uso do termo “gentio” que significa aquele não civilizado, selvagem ou ainda pagão (não batizado). Em seus estudos Hansen afirma que na sátira costuma-se fundir “características raciais e religiosas próprias do topo ‘nação’, sendo um deles o de classificação teológico-jurídico ibérica de povos e indivíduos como ‘gentios’ e ‘hereges’, os quais se opõe ao católico” (2004, p. 314). Assim o índio ou o negro semiccatequizados eram chamados de acordo com o autor de gentios.

Outro aspecto que devemos considerar é a menção ao local de origem do mestiço, porque não trata-se de qualquer mestiço, mas aquele nascido no Pará. De acordo com Lahön (2011, p. 85) “o Pará, em particular, não gozava duma boa reputação em Portugal. Era considerado uma região Selvagem, ainda pouco civilizada no melhor dos casos, cujos costumes eram, no imaginário da época, comparáveis e comparados a África”. Portanto, o ataque aqui não é feito só a figura da negra, mas também ao gentio, modo pejorativo de chamar não batizada, não quisto pela sociedade portuguesa. A mulher negra mestiça é colocada em grau inferior ao gentio já que nem mesmo ele irá lhe querer sabendo de sua vaidade.

O próximo gênero retórico-poético, a *glosa*, é acompanhado do seguinte o exórdio que dá introdução ao assunto “tocaram-se quantidade de pipias; e acabada a Sonata, nomeou o Secretário o segundo assunto, que foi glossar-te esta trova do Auto da Menina Formosa”. Em seguida, para que seja desenvolvida a glosa ao poeta é dado o seguinte *mote*:

MOTE.
Isabel, e mais Francisca
Ambas vão lavar ao mar,
se bem lavam, melhor torcem,
namorou-me o seu lavar.
(FOLHETO DE AMBAS LISBOAS, 24/11/1730, Nº 14, P. 03).

O *mote* é um pequeno escrito “desenvolvido verso a verso na sequência das novas estrofes dele derivadas” (CARVALHO, 2007, p. 244). Esse *mote* lembra o estribilho da *Xácara* do *Auto da Imperatriz Porcina* presente no folheto de nº 25, conforme vemos abaixo:

Zabelinha se lavares,
Seja na borda do rio,
que não quero vos ofendam
as águas dessa ribeira.

Estribilho

Se uma bem lava
Outra melhor torce,
Namorou-me seu lavar.
(FOLHETO DE AMBAS LISBOAS, 08/06/1731, nº 25, p. 7)

A apropriação ocorre, portanto, em várias instâncias. Primeiro, o redator se apropria do *Auto da Menina Formosa* para criar este *mote*. Isso revela que, possivelmente, pode ter existido outra apropriação entre os dois autos mencionados, os quais são obras perdidas no tempo. Depois, usa o *mote* para criar uma glosa (ocorrendo a apropriação da apropriação) e posteriormente, apresenta a *Xácara* na íntegra. Nas apropriações presentes no Folheto, é possível perceber que o gênero ganha contornos diferentes, pois sua significação e sentidos mudam, devido o suporte em que está inserido e os leitores serem outros, bem como a configuração estrutural que recebem. No caso do *mote*, é apropriado apenas o estribilho da *Xácara*, adaptando-se ela ao *mote*.

Na glosa, os versos adquirem outras significações, pois lá são produzidos novos versos criando-se uma nova história e na *Xácara* que devido a contextualização apresentada no exórdio também adquire novo significado. A partir do *mote*, é feita a seguinte glosa:

GLOSSA PREMIADA

E Ram duas lavadeiras
uma arisca, outra amorosa,
ambas com caras de rosa,
"e gesto de feiticeiras:
As mãos cheias de frieiras
tinha a amorosa; e a arisca
tinha uma certa rabisca
sobolos dentes queixais;
eram os nomes destes tais
Isabel, e mais Francisca.
Para estarem muy cheirosas,
e quererem recender,
comeram a mais não poder lavar,
jasmins, cravos, goivos, rosas:
Depois todas preciosas,
foram as tais flores lançar
nuns papagaios ao ar,
com chuvas, trovões, e raios;

Tanto q os foram entornar,
começaram-se a trocar,
pois lhe começou a feder,
o que esperavam cheirar.
Mas começando a lavar,
como se elas outras fossem,
com o fedor escarram, e torcem,
e fazem três mil mominhos;
lavam, torcendo os focinhos,
Se bem lavam , melhor torcem.
Eu deponho, q se as vira
naquela postura escassa,
e torcer com graça,
dois requebros lhe impingi
Digo q não lhe fugira, (
antes me havia chegar,
e para me desculpar ,
dizia aquém vinha a ver:

e aqueles tais papagaios,
ambas vão lavar ao mar.

agradou-me o seu trocar,
Namorou-me o seu lavar.

(FOLHETO DE AMBAS LISBOAS, 24/11/1730, Nº 14,

P.4).

Essa glosa faz parte de um conjunto de gêneros retórico-poéticos que foram premiados através de um certame. De acordo com Carvalho (2007) a glosa é assim chamada porque para que o poeta a desenvolva lhe são impostas razões antecedentes contidas no mote de modo que o seu remate seja genuíno e natural. Na glosa, observa-se a repetição dos versos do mote, porém com outro sentido.

As personagens da glosa são duas mulheres lavadeiras que resolvem comer flores para ficarem cheirosas, mas mesmo assim enquanto lavam os papagaios²⁸ começam a cheirar mal. A figura da mulher na glosa é daquela que seduz “caras de rosa”, mas também de feiticeira. Nelas, o mau cheiro e a feiura são evidenciados e atacados revelando deformidades físicas. De acordo com Hansen é pela tópica da *habitus corporis* (constituição física) que “os tipos satirizados são qualificados e, principalmente, é por ela que se efetuam as deformações das anatomias horrorosas” (HANSEN, 309). Assim, as mãos de uma das lavadeiras são qualificadas como “cheias de frieira” relacionando a deformidade a uma infecção de pele contagiosa. Hansen afirma que a *habitus corporis* considera que “o belo e o bom são harmônicos, prudentes e discretos, dando-se a deformação como falta de uma dessas virtudes” (HANSEN, 2004, p. 397). Por meio desses defeitos as personagens vão sendo satirizadas e levadas ao ridículo visto que não se adequam aos padrões sociais vigentes.

O mau cheiro é outro defeito relacionado a falta de higiene das mulheres lavadeiras “pois lhe começou a feder, o que esperavam cheirar” talvez isso esteja relacionado aos costumes que se cultivava na época. De acordo com Burnay

no século XVIII, logo após a primeira refeição e da oração, seguia-se a hora da toilette. O conceito de higiene, tal como é conhecido nos dias de hoje, não existia então. Homens e senhoras efetuavam uma limpeza seca ao seu corpo, depois de acordar. A operação era feita com um simples pano branco. Nesse tempo, a limpeza seca era efetuada apenas nas extremidades visíveis, como a cara, mãos e peito, que eram esfregadas com água perfumada. Cabia esconder ou camuflar os maus cheiros utilizando perfumes, quase sempre em excesso. A cosmética, aplicada na face a fim de esconder a sujidade, para além de embelezar, era considerada um fator de proteção (BURNAY, 2011, p. 31).

Como observa-se, o hábito de higienizar-se tal qual conhecemos hoje não era comum. Nota-se na glosa, que conforme os costumes da época as lavadeiras buscam esconder o mau cheiro, mas de

²⁸ Nesse contexto, papagaio não se refere ao que comumente conhecemos por uma ave que imita bem a voz humana, mas se trata de uma Fralda triangular de pano (DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2008-2013). Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/papagaio>. Acesso em 10 agos. 2019.

forma bem inusitada, ingerindo flores. Isso talvez esteja relacionado, ao costume português, da época, de esconder o mau cheiro até porque como Burnay menciona os perfumes eram a forma de disfarçar e as flores constituem ingredientes de suas fragrâncias.

No folheto de nº 14 temos além da glosa, outro gênero, a *redondilha*. Este gênero é “uma espécie de rondó, cuja beleza consiste na repetição dos mesmos versos para fazer parte de novos pensamentos” (MORAES, 1856, p. 109). Assim como a glosa, a redondilha faz parte de uma lista de assuntos e obras que foram premiados em um Certame celebrado pelos acadêmicos fleumáticos. Em tom jocoso, os editores dizem que o certame foi realizado “a tanto de tal mês, e de tal ano” (FOLHETO DE AMBAS LISBOAS, 24/11/1730, Nº 14, P.1), não há, portanto, certeza sobre o dia e ano em que o concurso foi celebrado. Vejamos a *redondilha*:

REDONDILHA.

EM perna de cristal, ou prata pura,
 Elemento voraz abrir brazante,
 Hum caminho ao achaque destilante.
 Por onde se alambique a formosura.
 Matizar rubi brando a prata dura,
 Causar moléstia a concha penetrante,
 E por ser de outras fontes semelhante,
 Ter a gala de neve na atadura.
 Papel, chumbo, encerrado, cove, e era,
 Grão de fiado cru deste horizonte,
 Grão de bico, sabugo, lírio, e cera.
 Correr fétido humor de monte, a monte,
 E tresandar desde uma a outra esfera,
 Eis aqui, meus Senhores, uma Fonte.

(FOLHETO DE AMBAS LISBOAS, 24/11/ 1730, Nº 14, P.7)

O rondó é uma espécie de poemeto composto por treze versos e dois estribilhos. Estes últimos devem estar sempre ligados com o pensamento que precede, e terminar-lhe o sentido de modo natural; e sobretudo agrada quando, apresentando as mesmas palavras, apresenta ideias um pouco diferentes. A ingenuidade é o que determina o caráter do rondó. Admite passagens gaulesas, que parecem conservar ainda o ar rude e franco que caracteriza os antigos. Esse gênero é composto por treze versos e dois estribilhos. Os versos são sobre duas rimas: oito masculinos e cinco femininos ou sete masculinos e seis femininos (MORAES, 1856, p. 109). No caso da redondilha acima o autor opta por sete versos de rimas masculinas e seis femininas. O verso é redondilha maior composto por oito sílabas das quais a sétima é sempre aguda e a última grave. Desta espécie de versos há dramas, comédias, poesias lyricas e décimas (HONORATO, 1879, 216).

O folheto de nº 16 traz uma carta que demorou dois anos para chegar ao país. O jocoso está justamente na demora e no motivo dela, pois o postilhão²⁹ a cada lugar que passava demorava de três a quatro meses contando a tragédia que havia acontecido. A carta dá notícia do enterro de João Martins, o Gordo. Do enterro faz-se uma narração acompanhada de uma copla. Esse gênero trata-se de um “quarteto de versos hendecassílabos, ou octonários consoantes, ou assoantes” (SILVA, 1789, p. 328). Vejamos:

Dava princípio a este fúnebre aparato o celebrado Lambedine, traste tam celebrado nas palestras de Coimbra, como conhecido entre as excelências de Lisboa, coberto o seu corpo de uma mantilha de retalhos, servindo o esfrangalhado da vestidura de significativo, e o esfarrapado de sentimento: ia pois este traste, ou já entoando funeraes endechas, ou já tocando tristes charamellas, prendas porque se faz tam divertido, como celebrado: levava pendente do derengado pescoço para a parte das costas, em meya tampa de barril, esta sentidíssima copla:

Triste de mim, que sem ti
Fico das penas o alvo,
Que sempre abranda as tristezas
Companhia nos fracazos.
Volta.
Porque dous em companhia
He muy grande refrigerio
Para qualquer agonia.

(FOLHETO DE AMBAS LISBOAS, 6/04/ 1730, Nº 16, P. 6)

Nesta notícia, vários elementos exprimem o caráter jocoso do escrito desde as vestimentas das personagens até os versos que cada um deles proferem ou carregam durante a cerimônia. No que se refere a copla, notamos que o Lambedine não está triste pela morte do amigo, mas por si mesmo que agora ficará sozinho. Notemos que esses versos estão estampados em meia tampa de barril que está presa ao pescoço de Lambedine e o corpo coberto por uma mantilha de retalhos em meio a cerimônia elementos que conferem um tom jocoso ao escrito.

Em seguida, na mesma carta, há a referência a outros tipos que estavam no enterro, entre eles João Tollo que [...] levava no braço direito escrito em um trapo de baeta com letras de mataborrão, um quebrado” (FOLHETO DE AMBAS LISBOAS, 6/05/1730, Nº 16, P. 6). O verso quebrado é o princípio de um verso, e talvez a metade de um heroico (Silva, 1789). É composto por cinco sílabas, das quais a quarta é aguda e a última grave. Este não foi usado pelos antigos, mas tem sido pelos modernos (HONORATO, 1879, p.217). Observemos essa copla escrita no braço de João Tollo:

²⁹ O postilhão é um homem empregado no serviço da posta, seria uma espécie de mensageiro o que conhecemos por carteiro nos dias atuais. In: **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**, 2008-2013. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/postilh%C3%A3o> Acesso em: 15 agos. 2019.

O dano que padeceis,
sinto com grande pesar;
porque sei que há de passar
por mim.

(FOLHETO DE AMBAS LISBOAS, 6/05/1730, Nº 16, P. 6)

O jocoso é evidente por João Tollo não sentir a morte de João Martins, mas por ter que passar por ela. Os nomes das personagens também são elementos importantes: João Martins, o gordo e João Tollo. Os esses nomes são na verdade epítetos criados pelo editor. O epíteto de acordo com Honorato é uma figura de pensamento que

que serve para marcar a qualidade ou atributo de qualquer pessoa ou cousa. - Dividem-se os epítetos em gramáticos e oratórios: os primeiros são meros adjetivos indispensáveis para determinar ou modificar os substantivos; os segundos servem para dar força e ornato ao discurso. Os epítetos mais notáveis são os que formam certa contraposição entre o substantivo e o adjetivo, não em palavras, mas em pensamento (HONORATO, 1879, p.71).

O epíteto o gordo remete a constituição física da personagem ao passo que tolo qualifica a outra. Epítetos como esses são usados ao longo de todo o *Folheto de Ambas Lisboas* entre eles “a entrageira douda”, “cassapo”, “careca das cozinhas”. Cabe-nos dizer ainda que esses nomes antecipam o estilo e o assunto tratado nos escritos, porque dado os epítetos não podemos pensar que se trata de uma notícia verdadeira ou de um escrito que deva ser levado seriamente. Percebemos assim, que os gêneros retórico-poéticos mencionados nos relatos fúnebres são cômicos e beiram o ridículo.

O enigma é último gênero retórico-poético que iremos tratar nessa seção. De acordo com os preceitos retóricos

O enigma é a exposição, que faz-se de um assumpto, em termos obscuros e metafóricos; de sorte que comum dos ouvintes ou leitores não entre no verdadeiro sentido que se quer dizer. _Há ocasiões na poesia, em que se deve falar misteriosamente, ou para dar-lhe uma pompa verdadeiramente poética, ou para deixar os outros na ignorância (HONORATO, 1879, p. 362).

O gênero faz partes das poesias ligeiras e é encontrado no Folheto de nº 14 em forma de pergunta, vejamos: “Qual é a cousa, que tem duas orelhas e meia? (FOLHETO DE AMBAS LISBOAS, 24/11/1730, Nº 14, P. 8). Esse enigma é proferido em uma das assembleias dos fleumáticos e é respondido por Francisco Chellas, um dos seus componentes, todavia, ele não o elucida. Contudo, ao lermos o enigma, logo o associamos ao que chamamos de charada. De fato, a charada também aparece nos manuais de retórica e é “uma espécie de enigma em que a palavra que se dá para adivinhar é partida em duas, raras vezes em três, que se tornam conhecidas por suas

definições” (HONORATO, 1879, p. 368). Apesar da semelhança, percebemos que o enigma não corresponde a uma charada, pois não se divide nenhuma palavra, apenas apresenta um mistério a ser resolvido.

3.3 UMA ACADEMIA FICTÍCIA: A ACADEMIA DOS FLEUGMÁTICOS

No *Folheto de Ambas Lisboas* alude-se uma academia, a dos Fleugmáticos. Trata-se de uma academia fictícia criada pelos redatores que ao que nos parece satiriza as academias da época. Por academia se entende

o lugar, em que florescem as ciências, ou artes, e a todo o ajuntamento de homens doutos, que especulam, ensinam, e adiantam as mesmas artes ou ciências Os Gregos foram os primeiros inventores delas, e causa de que os Romanos, que foram seus discípulos, fundassem depois muitas, a que também na Europa chamaram Universidades, deixando o nome Academia como próprio só para as Juntas dos homens doutos, que não ensinam discípulos, e só cuidam no adiantamento das ciências, artes, ou verdade das histórias com os estudos, e escritos” (AHI, TOMO7, C16, p. 191)³⁰.

O excerto pertence Academia dos Humildes e ignorantes, uma academia fictícia criada por Frei Joaquim de Santa Rita e revela bem o papel que as academias desempenhavam, se constituindo como como um local de compartilhamento de saberes e opiniões.

Nos finais do século XVII nota-se um acentuado crescimento de academias em Portugal. A essas academias estava relacionado o nome de pessoas ilustres, eruditas, que se reuniam em por amor ao conhecimento e às letras e à arte que buscavam elucidar os mistérios da vida, da humidade e do universo, inspiradas na *Academia* de Platão (LUIZ, 2009), na qual não havia uma hierarquia a ser obedecida, um professor para ensinar, apenas um mentor que media a maturidade de reflexão de seus discípulos. Nisso, ver-se crescer junto às academias os grupos de intelectuais que visavam retomar a tradição da Grécia Antiga compartilhando ideias, reflexões, saberes dotados de um pensamento iluminista de que o conhecimento de nada valia se não houvesse com quem compartilhar. É partir disso, que vamos ver proliferar salões de leitura, Tertúlias, livrarias, bibliotecas, universidades, academias, entre outros espaços que vão se consolidar como locais de sociabilidade intelectual. Dentre as várias academias que vemos florescer nessa época academias, algumas de nome bastante sugestivo como a academia: dos Singulares, dos Ocultos, dos Juvenis e dos Aplicados, Academia Real da História Portuguesa, dos Generosos, dos Solitários, dos Melancólicos, dos Enredados, dos

³⁰ A sigla AHI se refere a Academia dos Humildes e Ignorantes.

Uniformes, dos Fantásticos, dos Negligentes, dos Anônimos, dos Sagrados Concílios, dos Aplicados, dos Infecundos entre muitas outras (GOMES, 2006, p. 37). Essas academias vão contribuir, portanto, em um processo de vulgarização do saber, no qual divulgava-se os mais diversos assuntos. Junto com as academias cresciam os homens que a elas se dedicavam, o homem das letras, o erudito (ou o douto) que conquistava um lugar explícito na sociedade (MOTA, 2003).

Assim, a sociabilidade intelectual setecentista portuguesa foi transportada para a ficção através do engenho literário dos homens das letras e começou-se a criar as academias fictícias como a *Academia dos Humildes e Ignorantes* e a *Academia dos Fleugmáticos*.

Conforme afirma Mota “no início do século XVIII as Academias tornam-se numerosas em Lisboa (2005, p.586), mas eram academias dos e para os eruditos, pois estavam restritas apenas a elite social imbuídas de um elitismo intelectual que contrariava um dos objetivos da “filosofia do esclarecimento, o de levar as luzes da razão a todos” (LUIZ, 2009, p. 5). Poucos tinham acesso a esses conhecimentos visto que restringia-se a participação dos que pertenciam as camadas mais pobres da sociedade. Se considerarmos que para participar efetivamente dessas academias havia “todo um programa para uma associação científica e literária. Uma associação organizada pelos seus estatutos, dirigida e dinamizada pelo seu secretário” (MOTA, 2005, p. 587) chegaremos à conclusão que não eram qualquer pessoa que podia se associar. Dada a rede de sociabilidade estabelecida entre os acadêmicos ficava fácil transmitir as notícias da Europa visto que os intelectuais trocavam missivas com contatos residentes nos diferentes países bem como o recebimento de jornais estrangeiros em domicílio ficava fácil transmitir as notícias (MOTA, 2005).

Assim sendo, “a proliferação de Academias, mesmo em zonas periféricas do reino, poderá representar uma difusão de conhecimentos literários e científicos pelo país” (DIAS; AMARAL; COBOS, 2012, p. 125). No que se refere as academias do setecentos em Portugal, uma de suas funções era

difundir notícias literárias e científicas provenientes da Europa, e alguns dos seus membros realizavam viagens pelo velho continente, de que regressavam com as novidades apreendidas, contribuindo para a circulação da informação e tentando implementar entre nós os novos modelos (FERREIRA, 2011, p. 1276).

Em um tempo que as notícias demoravam a chegar devido à dificuldade de locomoção, principalmente, de um país a outro, as academias assim como os jornais desempenhavam um papel muito importante na sociedade portuguesa. Na Gazeta de Lisboa Ocidental encontramos o seguinte anúncio (ver também anexo c):

O Conde da Ericeira querendo fazer comunicável a sua universalidade em toda a literatura, e dirigir os corações, e os discursos às virtudes morais, e às ciências, tirando destas as especulações inúteis, instituiu no seu palácio um congresso de pessoas eruditas, com o título de Academia Portuguesa, cujas leis se compreendem em vinte e dois preceitos. As assembleias começarão em 26 do mês de maio, e se continuam todas as quartas feiras de tarde. Em cada uma há sempre uma lição de Filosofia moral, outra de Filologia. Assuntos para dissertações, Matemáticas, físicas, Moraes, e Críticas, e para versos. Questões sobre a língua Portuguesa, e um extrato das notícias literárias da Europa. Na primeira fez o mesmo Conde com o Secretário dela um erudito discurso sobre a sua introdução, em que também explicou a sua forma. Na segunda sessão, diz a mesma notícia, "houve vários discursos e versos, argumentos, e experiências (GAZETA DE LISBOA OCCIDENTAL, 10 jun. 1717).

D. Francisco Xavier de Menezes, Conde de Ericeira, o conde Ericeira, foi um importante patrocinador das academias lisboetas. No relato acima, percebemos que as assembleias promovidas pela Academia Portuguesa, eram sistematizadas, pois obedeciam a uma série de preceitos que os eruditos que ali participavam estavam subordinados. Dela podiam participar “pessoas eruditas” que iriam discutir de filosofia à literatura.

Mesmo diante desse elitismo intelectual que envolviam as academias, as que se destinavam ao público em geral também foram criadas, ao menos de forma fictícia, como é o caso da *Academia dos Fleugmáticos*. No *Folheto de Ambas Lisboas* de nº 9 a *Academia dos Fleugmáticos* é apresentada pelo redator como aquela que

[...] achará o pobre a Trova para pedir, o rico a Décima para ferrolhar, o fidalgo a Quintilha para se divertir, o rustico a Silva para se recrear, o discreto o Soneto para a harmonia, o apaixonado o Romance para a explicação; e finalmente todos encontrarão a parvoíce com tempo para o gosto, ou sem tempo para o rizo. Nefta Assembleia veio às prensas hum trabalho, aos cegos uma fadiga, às feiras uma algazarra, aos tolos uma postilha, aos jarros uma contemplação, aos estudantes uma lesão, e aos contemplativos hum e asneira, aos de divertimento. Este Mundo Comedia papeis bem são galantes, Dama e como a graciosa é precisa, vai agora este a fazer as suas vezes (FOLHETO DE AMBAS LISBOAS, 20/10/1730, Nº 9, P. 3)

A academia como bem percebemos é destinada a todos que assim venham ter interesse abrigando os gêneros retórico-poéticos mais diversos e para os mais variados gostos. Passemos a partir de agora a conhecer a academia fictícia dos Fleugmáticos. De acordo com o redator, o papel da academia é “representar o mundo” e como “não há Comédia sem título, nem figura sem nome, seja o desta triste figura a Assembleia Fleumática ou dos Fleumáticos” (FOLHETO DE AMBAS LISBOAS, 20/10/1730, Nº 9, P. 3). A capa do Folheto traz também o frontispício que representa a academia:

Figura 15: Frontispício da Academia dos Fleugmáticos



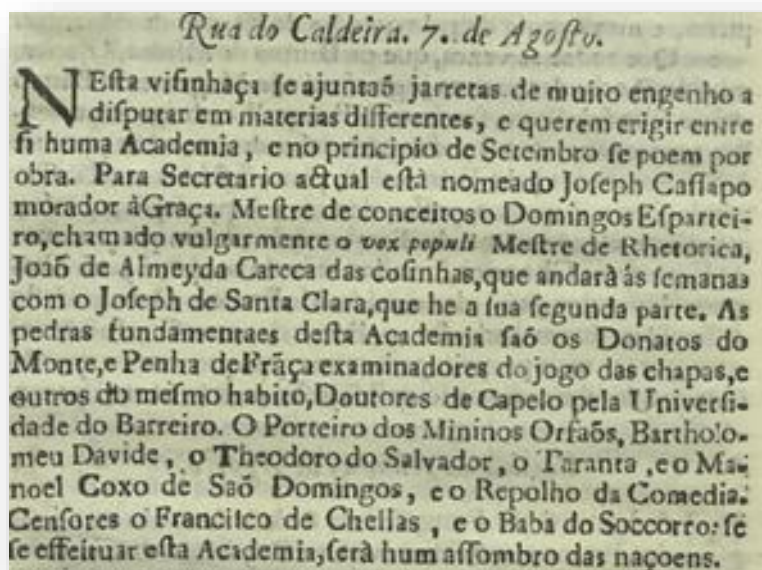
Fonte: Folheto de Ambas Lisboas (1730).

O folheto traz uma leitura dos elementos que compõem esse frontispício quem tem “por Armas, timbre, empresa ou o que lhe quiserem chamar, uma águia com um copo nas garras, e pendentes do bico duas fardinhas de espinha com esta letra: *Ex sale & Substantia*, indicando as sardinhas, o sal da galantaria; e o vinho, a substancia das obras” (FOLHETO DE AMBAS DE LISBOAS, 20/10/1730, Nº 9, P. 3, *grifos do autor*). A águia representa poder, força. É uma ave considerada mística e mensageira divina que carrega tanto o desejo de poder quanto o de elevação espiritual, ambos simbolizados pelos altos voos do pensamento e da fantasia. Essa significação que possui o símbolo da águia no frontispício denota uma relação com o Folheto que traz os escritos até o povo se colocando como uma espécie de mensageiro quanto com a própria academia que dissemina o conhecimento a todos quanto com a atividade exercida pelo poeta que trabalha com a imaginação e o engenho. O vinho seria então o alimento para o exercício desse engenho.

O termo fleumático, por sua vez, é de acordo com Silva um adjetivo e diz respeito a aquele que é o que tem “o pachorrento, vagaroso nos negócios ; remisso, que não se agasta facilmente” (SILVA, 1789, p.620). Assim, a Academia dos Fleugmáticos, seria a academia dos preguiçosos.

A primeira referência no *Folheto de Ambas Lisboas* à Academia dos Fleugmáticos encontra-se no folheto de nº 2:

Figura 16 – Folheto nº2 -primeira alusão a Academia dos Fleugmáticos



Fonte: Folheto de Ambas Lisboas (1730).

Notemos que neste folheto o editor dar a conhecer os acadêmicos que farão parte da academia fictícia, cada um deles possui uma função na academia. Percebam que o que confere o caráter jocoso do escrito são justamente os epítetos dos integrantes da academia: cassapo (homem baixo e gordo), *vox populi* (voz do povo), careca das cozinhas, Porteiro dos meninos órfãos, coxo, baba (saliva)³¹. Em seguida, só vamos ter uma nova referência a academia no Folheto de nº 3 quando dá-se a notícia da morte de João de Almeida, o careca das cozinhas.

O Folheto nº 9, que trata da primeira assembleia dos fleumáticos, em que foi assunto sua abertura e o presidente eleito secretário Joseph Cassapo. O soneto dar as boas vindas a academia:

Sejas bem vinda, ilustre academia,
Desse excesso país donde vieste
Como vens gorda: dize o que fizeste?
Que quantos tempos há que não te via.
Vens com feliz saúde? Que alegria?
Tiveste por lá chuva? Sim? Tiveste?
Se queres enxugarte que te prestes,
Vai-te deitar ao sol da Cotovia.
Porém não te retires; que primeiro
Quero, já que viste da outra banda,
Me des novas do vinho do Barreiro;

³¹ Os significados foram extraídos do dicionário <https://dicionario.primeram.org/>. Acesso em: 15 agost. 2019.

Anda conosco em célebre demanda,
 Algum tempo nos dava o doce cheiro,
 Mas desandou já tanto que trezanda.
 (FOLHETO DE AMBAS LISBOAS, 20/10/1730, Nº 9, P. 2)

Percebemos que há no soneto uma personificação da academia, a qual é recebida como se fosse uma pessoa. A ela são relacionados sentimentos humanos como “alegria” “feliz” e qualidades “ilustre” “gorda” e estados “saúde”. A qualificação da academia poderá ser atribuída também aos que dela participam, inclusive, como veremos mais adiante, um de seus acadêmicos tinha por epíteto “o gordo”.

Neste soneto, notamos uma alegoria. O Retor Honorato conceitua alegoria como sendo o tropo pelo qual exprimem as palavras coisa diversa do que se pensa, se empregando, contudo, para designá-la, outra que com ela se assemelhe. O fundamento é a relação de semelhança. A diferença entre a metáfora e a alegoria é que enquanto na metáfora a mudança é feita em uma palavra e o sentido literal está próximo na alegoria várias palavras sofrem alterações e o sentido está ou pode estar distante (HONORATO, 1879, p. 88). Isso faz com que a alegoria seja uma metáfora continuada, segundo autor. Desse modo, a academia fictícia criada no soneto e em muitos outros gêneros do *Folheto de Ambas Lisboas* trata-se de uma alegoria das academias que proliferavam na época.

O folheto de número quatorze o editor traz uma lista de autores e de obras que foram premiados no certame dos acadêmicos fleumáticos. Um soneto ganha o concurso e o prêmio é um “instrumento de várias peças de ferro, ou outro- metal, algumas das quais entram na boca do. cavalo, e nele prendem as rédeas, para governar” (SILVA, 1789, p. 636), conhecido como freio.

Para a surpresa e divertimento de todos, o ganhador do freio com arreios brancos é a mesma pessoa que deu o prêmio. Ele então o transfere para o Secretário da academia e este o agradece com a uma cantiga. De acordo com Silva a cantiga é “copla de versos menores para se cantar” (SILVA, 1789, p. 227). Vejamos a cantiga:

CANTIGA

PArece senhor que é erro,
 E cai em vosso desdouro,
 Dizendo eu bocados de ouro,
 Dar-me bocados de ferro:
 Dará no Mundo um grão berro
 favor, que é tão soberano;
 que abarca o gênero humano;
 mas eu, que não sou mui tolo,
 Quero o que forjou Apollo,
 deixo o que fundiu Vulcano.
 (FOLHETO DE AMBAS LISBOAS, 24/11/1730, Nº 14, P. 3)

Na cantiga temos o lamento jocoso do personagem que pede a Deus ouro e lamenta que receba ferro, material do prêmio. O jocoso está na avareza do personagem que diz não ser tolo e fazendo a referência a dois deuses da mitologia grega, Apolo e Vulcano, diz querer o que forjou Apolo, deus da Beleza, e não o que fundiu Vulcano, deus do fogo, responsável por fundir os metais como o ferro.

No folheto de número nove está o próximo gênero, a décima que foi difundida em Portugal a partir do século XVII e era composta por versos octonários e obedeciam ao tipo de rima ABBAACCDDC. Seus temas podem variar do satírico ao romântico (CASCUDO, 1985). A décima a seguir foi feita em louvor do presidente e diz o seguinte:

Do domingos Esparteiro o Vox Populi, Acadêmico jurado

DECIMA

EU não vi dizer tão guapo
pois arrumais sem canseira
a cada nome uma asneira,
a cada verbo um castapo:
quando orais, falai de papo
entre os que são mais doutores;
e nos excelsos louvores,
que da ciência hoje cantais,
não dais uma honra, dais
dez honras aos oradores.

(FOLHETO DE AMBAS LISBOAS, 20/10/1730, Nº 9, P.4)

A décima é assim chamada porque é composta por dez versos de redondilha-maior (HONORATO, 1879, p. 358). A décima dedicada ao presidente tem como assunto o acadêmico jurado, Do Domingos Esparteiro, que ao que consta que fala muita asneira, faz louvores excessivos de modo que não dar “uma honra” mais “dez honras” aos oradores. Sabemos que Jerônimo Mascarenhas de Távora participava das academias de seu tempo, sendo assim, ele conhecia todo a cerimônia que se realizava nas assembleias. Este soneto leva os leitores ao riso pelo exagero de Domingos Esparteiro ao louvar os oradores.

Logo em seguida, outra décima é apresentada e trata do mesmo assunto, contudo, refere-se agora a Bartolomeu Davide:

NA elegância que oraste
na academia, ao ouvila
por não poderes abri-la,
parece-me que a arrombaste:
sois por centro o melhor traste,

que a nossa assembleia veio,
 e nesta tarde receio,
 que livre de confusões
 com a força das razões
 a rachásseis pelo meio.
 (FOLHETO DE AMBAS LISBOAS, 20/10/1730, Nº 9, P. 4-5)

Ao contrário da décima anterior, nesta elogia-se o orador. Em seguida, temos um soneto de Francisco de Chellas que continuará tratando do mesmo assunto:

SONETO

Tal prosa! Tal falar de esfolagato!
 Isto é língua vascona, ou Sarracena?
 Mau grado tenha a mãe, que não te ordena,
 Quatro dúzia de açoures com sapato;
 Vem cá: não é melhor um fácil trato,
 Deixar correr a seu arbítrio a pena;
 e não por cerimônia, que condena
 teu discursar ao ler de mentecato?
 Cassapo, com bem ância encarecida
 te peço me componhas muito liso
 e não escreva frases sem medida.
 Falemos nós agora aqui de siso,
 Podem me fazer mal por minha vida,
 Que posso rebentar talvez de riso.

(FOLHETO DE AMBAS LISBOAS, 20/10/1730, Nº 9, P. 5)

Neste soneto, a crítica ao modo como os oradores fazem as orações nas assembleias continua. Critica-se a maneira de falar do orador, aconselha-se a escrever livremente, mas “não escreva frase sem medida”. Ao que nos parece reivindica-se uma escrita mais simples, numa língua que todos entendam, mas sem deixar de escrever na medida. Talvez o editor esteja se referindo ao uso dos preceitos retórico-poéticos que ditavam as práticas de escrita da época.

Sobre o mesmo assunto, Donato do Monte compõe um romance. Esse gênero Silva afirma que é uma “composição poética em que não há rimas, mas toantes, ou rimam-se os versos, terminando as duas vogais últimas dele semelhantes (SILVA, 1789, p. 355). O conceito de romance dado por Silva diverge do conceito moderno tão conhecido por nós, uma composição em prosa.

De acordo com os preceitos retóricos aludidos pelo retórico Manoel da Costa Honorato (1879) romance é o conto de aventuras e de paixões imaginárias. E um quadro da vida moral, cujos acontecimentos interessam nossa imaginação e nossa sensibilidade por uma mistura de realidade e de ficção. Todos os estilos acham igualmente emprego neste gênero, que, no século presente, tem sido muito cultivado. Em seguida, o Retor fará uma distinção entre conto e romance, enquanto aquele

segundo ele é o termo empregado para narrações fictícias sejam curtas ou pequenas, este é usado para designar sempre narrações mais extensa. Ainda de acordo com o retórico, o romance

além das regras literárias supra-mencionadas, existe uma que é moral, e que apesar de sua importância tem sido desprezada por grande número de romancistas, que é a instrução do espírito e a correção dos costumes, na bela frase de Huët, bispo d'Avranches. – O escritor deve instruir sob o véu da ficção, polir o espírito e formar-lhe o coração apresentando um quadro da vida humana; censurar os ridículos e os vícios, mostrar o triste efeito das paixões desordenadas, inspirar amor a virtude e fazer sentir, que só ela é digna de nossas homenagens, só ela é a fonte de nossa felicidade (HONORATO, 1879, p. 152)

O suporte jornal, nesse contexto, se constituía como legitimador da palavra escrita, dado que os escritos por ele veiculados tinham de ser lidos e aprovados, não só pelo escritor, editor, mas também por órgãos censórios em Portugal, como a Real Mesa Censória. No *Folheto de Ambas Lisboas*, por exemplo, há a afirmação que saiu “com todas as licenças necessárias”, porque são justamente essas legitimações que dão aval para circulação oficial da palavra escrita na época, mesmo que saibamos que muitos escritos circulavam clandestinamente. Dessa maneira, o jornal se constitua como legitimador dos escritos e também formador de gostos na medida que selecionava os escritos dignos de serem lidos pela sociedade. Isso se estendia, portanto, aos gêneros retórico-poéticos que abrigava enquanto suporte, como o romance, por exemplo. O que nos interessa então, é perceber o gênero enquanto aquele que instrui, corrige, censura e ridiculariza.

Segundo Honorato (1879) o romance divide-se em várias espécies, podendo ser: de costumes, íntimos, de intrigas, histórico, de educação, fantásticos e poéticos. Este último é o que nos interessa, pois é esse que o *Folheto de Ambas Lisboas* nos dará a conhecer em suas páginas. Para o Retor o romance poético é “aquele em que os acontecimentos tem alguma coisa de heroico, e em que sobretudo, o autor afeta em prosa as formas de estilo e as ideias geralmente reservadas à poesia” (ROMANCE, 1879, p. 153). Vejamos o romance sobre a abertura da Academia dos Fleugmáticos:

A Briu-se a assembleia? Abriu-se,
sim senhor, é coisa certa:
creio, porque o estou vendo,
e se não o vira, o não crera.
Sérias pessoas a habitam,
que graves, e circumspectas:
lá está o nosso Domingos
numa principal tripeça.
Tolle garavato tui

ó Domingos eu quizera
apostar, te prejudicas
na tua roda, ou seis chetas.
Quantos quartetos insígnies
farás, que bem te pareçam

com aquele, que disseste no adro da Magdalena.
 O Bartholomeu Davide
 Também cá está, que de Endechas
 fará à sombra do prazo
 à sua Dona Lucrecia!
 Naquele canto está o Baba
 Com os seus punhos à Francesa,
 Que qualquer deles, por grande
 Pode ser de lona pesa.
 Ai, senhor, estou perdido,
 cá o Donato da Penha!
 Virgem da Penha de França,
 tende conta com as moedas.
 Acaso é jogo das chapas?
 Porque motivo vieram
 as escadas do Rocio
 para a rua da Caldeira?
 Hão de fazer graves obras,
 Pois são sujeitos de prendas,
 insignes na mendicância,
 e prodígios na toleima.

(FOLHETO DE AMBAS LISBOAS, 20/10/1730, N° 9, P. 5-6)

Percebam que o romance, ao contrário, do que Honorato afirma não é escrito em prosa, mas em versos. Nele fala-sobre a abertura da academia e apresenta-se de forma jocosa os acadêmicos fleugmáticos de modo que o assunto tratado não é heroico. Portanto, a classificação imposta pelos preceitos retóricos não atende a esse gênero.

Em seguida, temos um Romance Esdruxulo do Baba do Socorro que trata sobre o mesmo assunto:

SAhi poetas lacifugos
 Sai tontos acadêmicos,
 Que espera o mundo com júbilos
 Vossos desalinhos metricos.
 Sai sábios macarrônicos,
 Sai pedantes famélicos,
 Que em quanto se não faz público,
 Perde estimações o mérito.
 Sai Nomes estrombóticos,
 sai delírios poéticos,
 sai, porque de ridículos
 seguros tendes os créditos.
 Ocupai do mundo os âmbitos,
 Toscos relinchos do Pégaso,
 Se não como acento harmônico,
 como irracional estrépito.
 Mas não tema o orbe escândalos
 do vosso furor frenético;
 pois quisesses ser Fleumáticos,
 por vos livrar de coléricos.
 Dessa empresa, desta epigrafe

sois defensores acérrimos,
 como famosos discípulos
 de Baco, este pai dos bêbados.
 Por vos livrares de hidrópicos,
 trocastes com brio explêndido,
 da Aganipe o cristal líquido
 de Creta no licor fervido.
 Nela expusestes um símbolo,
 Em que se advertem idênticos
 Dos copos a melhor prática,
 dos versos o melhor método.
 O astro, a quem desse pássaro;
 se adivinha o voo intrépido,
 se no Olimpo é Febo lúcido,
 é no Pindo Apolo Delfico.
 Esse eficaz Bezoartico
 (de rubi glorioso emulo)
 Não só é calor do estômago,
 Também é furor do cérebro.
 As suas salgadas pílulas
 Afirma certo Galenico,
 Que hão de ser o vosso antidoto,
 Pois tem para o insulto o préstimo.
 E aqui fazem os esdrúxulos
 Ponto final, requerendo-vos,
 Que deis á luz um catálogo
 Dos modos de falar crêspico.
 (FOLHETO DE AMBAS LISBOAS, 20/10/ 1730, Nº 9, P. 6-7)

Esdrúxulo quer dizer esquisito, extravagante, mas também pode ser a uma das formas que os gregos e latinos usavam para fazer a medição dos versos por pés, sendo este um adjetivo de quatro sílabas (HONORATO, 1879). Diz do verso que tem “acento predominante na antepenúltima sílaba, tendo na penúltima e na última acentos graves” (1838, p. 178)³². Honorato afirma que “na língua portuguesa não se usa desta medição” (HONORATO, 1879, p.214), se referindo a medição por pés. No entanto, é só observarmos o romance acima que circulou no *Folheto de Ambas Lisboas* em 1730 para percebermos que isso não é verdade. Todos os versos terminam em palavra proparoxítone com acento predominante na antepenúltima. Além disso, é visível as referências a figuras mitológicas como: “Pégaso”, “Baco” e “Apolo” o conhecimento dos redatores sobre mitologia.

O próximo gênero retórico-poético que iremos tratar, é o oráculo. O Dicionário do Padre Bluteau reformulado por Antônio Moraes Silva nos apresenta a seguinte definição de oráculo: “resposta, que os sacerdotes do Paganismo davam a quem consultava as suas divindades sobre coisa ignorada presente ou futura” (SILVA, 1789, p. 136). No Folheto nº 11 é possível encontrar vários

³² A citação está contida no *Compendio de poetica: extrahido de Fonseca, Soares, Blair, e outros authores*. Par uso das escholas de Retórica. Typographia de Santos & Companhia. Pernambuco. 1838.

oráculos jocosos que tentam elucidar o significado da palavra *certame* que segundo eles, à primeira vista, parece significar “bulha, guerra, contenda”, entretanto, o secretário da academia afirma que para que isto exista é preciso “iras”, “cóleras”, “raivas” e em se tratando de indivíduos que se intitulam “flegma”, “paxorra” “quietação” que é o que dizer a palavra “fleumáticos” então o que se diz sobre o significado não condiz com o que representa os acadêmicos. As respostas desvendam o que significa cada letra da palavra “CERTAME” desmistificando-a:

Pelo E, que é a segunda letra de *Certame*, começa E (*Esparteiro*, que é o nosso digníssimo Mestre de Conceitos, por antonomásia o *Vox Populi*. Também por E, tem princípio *Estafermo*, e *Escarramão*, que é uma espécie de pastel, assim como um *Escarramão*, Ouçamos o Oráculo.

O *Esparteiro* neste E,
também entra sem defeitos,
dizendo-vos os conceitos,
de que a Cadeira Vos ler.
Estafermo sempre faz
às avessas, bamboleado,
quando todo está untado
do unguento de *Fera Braz*.
E quando o ver de algum modo
Escarramão, e escarrar,
é para forte pegar
até tolda-lo de todo.
(FOLHETO DE AMBAS LISBOAS, 3/11/1730, N°11, P. 10).

O oráculo acima é um dos sete oráculos que explicam cada letra da palavra “*Certame*”. Trata-se do oráculo da letra E. As respostas são dadas em versos compostos pelos acadêmicos. Ao final dos sete oráculos o escritor conclui que o *Certame* da academia tem por significado grande parte de seus componentes e suas propriedades. As rimas obedecem ao seguinte esquema ABBACDDCEFFE.

Vários são os gêneros que estão presentes nos folhetos destinados a anunciar as assembleias da Academia dos *Fleugmáticos*. Contudo, se entendermos que essa academia fictícia e seus membros são uma representação das academias e acadêmicos que proliferaram em Lisboa, podemos dizer que nos escritos referentes a essa academia estava agregada uma crítica severa ao elitismo intelectual que regiam essas academias bem como aos acadêmicos, possuidores de grande saber, mas que compartilhavam apenas entre os seus, passando distante do que pregava o pensamento iluminista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, priorizou-se as fontes primárias, a saber, o conjunto de vinte e seis folhetos que formaram o *Folheto de Ambas Lisboas* que circulou na Lisboa (Portugal) setecentista, que revelaram uma variedade de escritos nos mais variados gêneros bem como um conjunto de notícias fictícias que se assemelham a pequenas narrativas dada a estrutura e o conteúdo tratado.

A catalogação nos revelou um número significativo de gêneros retórico-poéticos no *Folheto de Ambas Lisboas*, negligenciados pela historiografia literária portuguesa. É o caso da endexa, o epitáfio, o romance poético, a copla, a xácará, a redondilha, um epitalâmio e o oráculo que foram objeto de nossas análises neste estudo.

Para compreendermos melhor esses gêneros, foi essencial inseri-los em seu contexto histórico, visto que eles são resultantes de práticas de leitura e de escrita que os escritores utilizavam largamente, principalmente, devido a formação do ensino que haviam recebido pelos jesuítas que haviam recebido.

Sabemos que muitos gêneros retórico-poéticos circularam no suporte jornal, a exemplo das, as décimas, sonetos, enigma, glosas, lirás, entre outros, obedeciam a preceitos da Retórica e da Poética que os escritores se apropriavam para compor os gêneros selecionados. Os gêneros que circularam em jornais, como o *Folheto de Ambas Lisboas*, eram frutos de uma forte tradição de escrita e foram amplamente apropriados pelo suporte jornal. Assim, foi importante percebê-los no suporte que os acolheu e lhes deu significação, observando esse suporte, como espaço de experimentação, no qual os leitores/escritores construíam os escritos narrativos, poéticos e ficcionais, que cada vez mais, ganhavam importância e espaço no rol de produções escritas da época.

No que as características prescritas a cada gênero elencadas por manuais e preceptivas retóricas de autores como Gama (1846), Hansen (2004;2013), Honorato (1879), Mello Moraes (1856), Quintiliano (2015) entre outros, percebemos que não se aplicavam, em sua totalidade, às produções veiculadas no *Folheto*, pois encontramos divergência entre os preceitos retóricos e poéticos elencados a cada gênero não correspondendo aos encontrados nos gêneros retórico-poéticos, isso porque muitos destes gêneros eram híbridos, ou seja, dotados de formas mistas (PÉCORA, 2001), de modo que é possível encontrar um epitáfio em formato de soneto, uma endexa contida em um epitalâmio, compartilhando características de ambos os gêneros. Outros sequer encontramos menção nesses manuais, é o caso da voltilha e a contradança e por isso não foram abrangidos em nossas análises.

Essas singularidades revelam o suporte folheto como um espaço no qual a presença de um escrito respondia a necessidades como às estratégias editoriais, às exigências do suporte e às demandas próprias dos leitores, tanto que foi possível percebermos em um dos folhetos a referência aos tipos de leitores e a gêneros a eles associados. Todavia, não podemos afirmar que essas regras fossem totalmente dispensáveis dado que elas regiam práticas de escrita da época e é possível encontrá-las em vários gêneros no *Folheto*.

Sabemos que o suporte jornal influi no funcionamento estrutural e estético dos escritos, pois os gêneros precisam se adequar ao espaço e formato do suporte. Assim, pensando na pluralidade de comportamentos e práticas de escrita bem como na íntima relação entre os gêneros retórico-poéticos e o suporte jornal é que podemos construir a história dos gêneros e das práticas de leitura e de escrita, as quais eram prescritas e propagadas por manuais, compêndios, secretários, entre outros materiais que buscavam conceituar e classificar esses gêneros.

Para além, nos importava perceber como um editor e seu colaborador, homens das letras de seu tempo, se apropriaram não só preceptivas retóricas e poéticas, mas também de um periódico oficioso, muito conhecido na época, a *Gazeta de Lisboa Ocidental*, para criarem um periódico jocoso que assim como muitos inscritos de sua época buscavam o deleite e a instrução. Um *Folheto* que publicado anonimamente revelou muito sobre seus redatores na medida em que buscavam se resguardar tendo em vista que mesmo sendo homens das letras de seu tempo assumiam postos importantes na sociedade, sendo um advogado e outro padre.

Percebemos ainda que mesmo havendo uma relação entre o *Folheto* e a *Gazeta*, eles possuíam conteúdos e gêneros diferentes. Assim, enquanto a *Gazeta* trazia notícias da corte portuguesa devido ao seu caráter oficioso o *Folheto* trazia notícias fictícias e os mais diversos gêneros retórico-poéticos dada a sua intenção de deleitar o público leitor. Os escritos do *Folheto* jocoso visavam o riso das mais diversas formas, seja satirizando tipos sociais ou disseminando notícias fictícias através das mais diversas técnicas de escrita ditadas pela retórica e a poética evidenciados nos epítetos, os ornamentos expressos nas figuras, o ataque a defeitos físicos e os atentados contra a moral, mas ao mesmo que essas regras regiam a escrita, elas podiam ser subvertidas como podemos perceber no hibridismo presente nos gêneros.

Constatamos ainda a presença da autoria compartilhada entre o redator e os personagens fictícios criados por ele, os acadêmicos da Academia dos Fleugmáticos. Essa academia fictícia se configurou em nossos estudos como uma espécie de alegoria das academias que proliferaram na época em Portugal. Além disso, as academias se constituíram como espaços sociabilidade intelectual,

produzindo e propagando conhecimento, algumas vezes, atuando de forma sistemática como era o caso da Academia Portuguesa, mas que ao mesmo tempo se afastava dos ideais iluministas que pregava, por não permitir que as camadas mais pobres, os não eruditos, compartilhassem desse conhecimento.

Muitas desses gêneros retórico-poéticos, conforme visto anteriormente, possuem criações históricas antigas, que remontam aos gregos e romanos, tais como o romance e o epitáfio, porém receberam no jornal espaço e novas configurações devido, sobretudo, a frequência com que podiam ser publicados, lidos e reinventados. Considerando a multiplicidade de práticas de escritas, aos gêneros foi agregado o estilo jocoso dada a matérias do assunto tratado. Além disso, esses gêneros são resultantes de apropriações dos preceitos retórico e poéticos, mas como podemos perceber, não se restringem só eles, algumas vezes os subvertem. Numa época em que a figura do autor não estava consolidada, o anonimato era largamente utilizado e a concepção de cópia era totalmente irrelevante, pois se escreviam por modelos e por meio da *imitatio*.

No que se refere a esse aspecto inventivo, podemos dizer que o Folheto se apropriava de outros gêneros, de maneira que encontramos em suas páginas o estribilho de uma xácara pertencente ao *Auto da Imperatriz Porcina*, inspirado na obra *História da Imperatriz Porcina*, de Baltasar Dias. Ressaltamos, que estamos entendendo apropriação, neste trabalho, como aquela que Chartier (1999) menciona em seus estudos, não considerando esses escritos como meras cópias, mas como resultado de práticas de escrita que visavam, não a reprodução, mas por meio da emulação, criar algo diferente e talvez “melhor” do que o objeto “original”.

Diante desses apontamentos, podemos dizer, que estudos que priorizem as fontes primárias, entre elas, o jornal, se tornam imprescindíveis para inserção dos gêneros retórico-poéticos na historiografia literária, concebendo esse suporte, como espaço por excelência, no qual diante das práticas de leitura e de escrita podiam ser readequados, reformulados e ressignificados, de acordo com os suportes os faziam circular e com os leitores que os dava a ler.

Assim, acreditamos que outros estudos possam ser levantados a partir dessa fonte e do *corpus* instituído nesta pesquisa e ainda que nossos estudos acabaram por lançar luz sobre gêneros desconhecidos e desconsiderados pela história da literatura tradicional, mas que fizeram parte da cultura letrada vigente no século XVIII.

REFERÊNCIAS

Academia dos humildes, e ignorantes: no sitio de Nossa Senhora da Consolação sua protectora, dialogo entre hum theologo, hum letrado, um filosofo, hum ermitão, hum estudante, e hum soldado. Tomos VII e VIII, Oficina de Miguel Manescal da Costa. Lisboa, 1765 e 1770. Disponível em: https://books.google.com.br/booksid=VloDAAAAMAAJ&pg=PA425&lpg=PA425&dq=ACADEMIA+DOS+HUMILDES+E+ignorantes+TOMO+VII+e+VIII&source=bl&ots=7EwmIsO4bL&sig=ACfU3U3PrKGCs5wLKjw2HdeSkv_B5zQtJg&hl=ptBR&sa=X&ved=2ahUKEwil6bum5Y3kAhWbGbkGHSCkA28Q6AEwBnoECAkQAQ#v=snippet&q=NOME&f=false. Acesso em: 17 ago. 2019.

Alvará de D. João V pelo qual divide a cidade de Lisboa em Senado da Câmara de Lisboa em Senado de Lisboa Ocidental e Senado de Lisboa Oriental – 15 de janeiro de 1717. In: **Cadernos do arquivo municipal**. Coord. Hélder Carita. série II, nº 1 janeiro-junho Disponível em: <https://issuu.com/camara_municipal_lisboa/docs/cad_2s_n1/247 >. Acesso em: 15 maio 2018.

Alvará de D. João V pelo qual extingue a divisão da cidade em Lisboa Ocidental e Lisboa Oriental – 31 de agosto de 1741. In: **consultas e decretos de D. João V do Senado Ocidental, n.º 16 f. 132 - 133. Disponível** em: <http://arquivomunicipal.cm.lisboa.pt/fotos/redator2/Cadernos/num1/documenta06.pdf>. Acesso em: 15 maio 2018.

ALVIM, Luíza. Os jornais, o romance e o folhetim. In: **6º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho**. 2008. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/6o-encontro-2008-1/Os%20jornais-%20o%20romance%20e%20o%20folhetim.pdf>. Acesso em 15 maio 2019.

ARISTÓTELES. **Poética**. 7. ed. Tradução, prefácio, introdução, comentário e apêndices de Eudoro de Sousa. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.

BARBOSA, S. F. P. **Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX**. Nova prova: Porto Alegre, 2007.

BARBOSA, S.F.P. **Romance e dissimulação na escrita dos periódicos luso-brasileiros do século XIX**: Adelaide de Sargans, Asarce e Ismênia e Cartas de uma Peruviana. *Miscelânea*. Assis, v. 18, p. 59-79, 2015.

BARBOSA, S. F. P. José Daniel Rodrigues da Costa e a imprensa periódica jocosa de Portugal do século XVIII. In: **Revista Gragoatá**, Niterói, v.22, n. 43, p. 672-695, mai.-ago. 2017. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:http://www.gragoata.uff.br/index.php/gragoata/article/viewFile/736/666>>. Acesso em: 5 abr. 2018.

BELO, A. **As gazetas e os livros: a Gazeta de Lisboa e a vulgarização do impresso (1715-1760)**. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2001.

BERGSON, H. A comicidade de caráter. In: **Ensaio sobre a significação da comicidade**. Trad. Ivone Castilho benediti. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 99-145.

BRAREN, I. O jocoso nas epístolas morais de Sêneca. In: **POLIS, Revista de ideias y formas políticas de la Antíquidad Clásica**, 1992, p. 33-42.

BUGARDT, C. M. **Prosa de ficção oitocentista: revisando práticas de escrita literária da imprensa paraibana**. João Pessoa, 2018, 223 f.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Tradução de Sergio Góes de Paula. 2. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BURNAY, M. J. V. C.B.M. **Utilidade e gosto na corte portuguesa: a higiene e toilette nos séculos XVIII e XIX: estojos com serviços de toucador e escritório do Palácio Nacional da Ajuda**. Tese de Mestrado, Arte Património e Teoria do Restauro, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/5729>. Acesso em 10 ago. 2019.

CARVALHO, F.A.L. O que há de novo sobre os velhos objetos da história da literatura? In: **Livros e periódicos nos séculos XVIII e XIX**. João Pessoa: Editora UFPB, 2013, p. 13-17.

CARVALHO, M. S. F. **Poesia da agudeza em Portugal: estudo retórico da poesia lírica e satírica escrita em Portugal no século XVII**. São Paulo: Humanitas Editorial; Edusp; Fapesp, 2007. Disponível em:
<https://books.google.com.br/books?id=u2Wo7cVP4QEC&pg=PA424&lpg=PA424&dq=Arg%C3%BAcias+Humanas&source=bl&ots=5ZUmH-jRn0&sig=ACfU3U0nW_lm9VCQ3WDaA67poLrL0sxVnw&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwjmuV6_DjAhXYKrkGHYh_DuUQ6AEwA3oECAgQAQ#v=snippet&q=f%C3%BAnebre&f=false>. Acesso em 18 jul 2019.

CHARTIER, R. **A história cultural. Entre práticas e representações**. São Paulo: Difel, 1990.

CHARTIER, R. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

CHARTIER, R. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XVI e XVIII**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

CHARTIER, R. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: Ed. Unesp, 2004.

CHARTIER, R. O mundo como representação. In: **Estudos Avançados**, Vol.5, nº 11. São Paulo Jan./ Abr. 1991. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141991000100010 >. Acesso em: 20 out. 2017.

CASCUDO, C. **Dicionário da Cultura Brasileira**. São Paulo: Zahar editores. 1985.

COELHO, F. S. Recessão da obra Os patriarcas de Lisboa. Lisboa: Alêtheia Redatores; Centro Cultural do Patriarcado de Lisboa, 2009, p 217. In: **Lusitania Sacra**. 2ª série, tomo XXV, janeiro-junho, 2012. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=_g9XksUKQRsC&printsec=frontcover#v=onepage&q&f=false. Acesso em 20/08/2018. 30 de maio de 2017.

COELHO, J.P (direção). **Dicionário de Literatura**: literatura portuguesa, literatura brasileira, literatura galega, estilística literária. Volume 1. Livraria Figueirinhas: Porto, Portugal. 1984.

Compendio de poetica: extrahido de Fonseca, Soares, Blair, e outros authores. Par uso das escholas de Retórica. Typographia de Santos & Companhia. Pernambuco. 1838.

DIAS, N; AMARAL, E; COBOS, J.M. Influência dos jesuítas no ensino em Portugal. In: **Revista de la Sociedad Española de Historia de las Ciencias y de las Técnicas (Llull)**. Vol. 35 (N.º 75) 1.er Semestre 2012 - ISSN: 0210-8615, pp. 111-128. Disponível em: <https://recyt.fecyt.es/index.php/LLUL/article/view/18897/15423>. Acesso em 15 maio 2019.

EAGLETON, T. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FERREIRA, Licínia - O papel das academias no desenvolvimento da ciência em Portugal: o caso do Instituto de Coimbra. In: **Congresso Luso-Brasileiro de História das Ciências**, Coimbra, 2011, Coimbra: IUC, 2011. p.1274-1286.

FOLHETO DE AMBAS LISBOAS. Lisboa Ocidental. Oficina da Música, 1730.

FRYE, N. **Anatomia da crítica**. Trad. de Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Editora Cultrix, 1973.

GAMA, M.S.L. **Lições de Eloquência Nacional**. Tipografia de Santos e Companhia. Tomo II, 1851.

GARCÍA, Juan-José Marcos. **Letras Capitulares: concepto, historia, evolución y uso tipográfico**. Espanha, 2007. Disponível em: <http://guindo.pntic.mec.es/~jmag0042/CAPITULARES.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2019.

GOMES, G. S. Vidas de artista: Portugal e Brasil. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 22 Nº 64, junho/2007. P. 133- 189.

GUERREIRO, E. O nascimento do Romantismo em Portugal. In: **Diadorim**, Rio de Janeiro, Revista 17, volume 1, p-62-82, julho de 2015.

HANSEN, J.A. Instituição retórica, técnica retórica, discurso. In: **Matraga**, rio de janeiro, v. 20, n. 33, jul/ dez. 2013.

HANSEN, J.A. **A sátira e o engenho: Gregório de Matos e a Bahia do século XVII**. 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, Campinas Editora Unicamp, 2004. Disponível em: <https://books.google.com.br/booksd=Yv2fx5ZrqgC&pg=PA275&lpg=PA275&dq=cr%C3%ADtica+feroz+de+toda+veleidade&source=bl&ots=MeSCpzVLK8&sig=ACfU3U3DOKTYGUG2ciggb>

Dk_ROJTWaYr9g&hl=ptBR&sa=X&ved=2ahUKEwj56f2O_rXjAhXeCrkGHeNOBe0Q6AEwAHoECAkQAQ#v=onepage&q=cr%C3%ADtica%20feroz%20de%20toda%20veleidade&f=false . Acesso em: 04 abr. 2019.

HODGART, Matthew John Caldwell. **Satire: origins and principles**. New Brunswick (U.S.A.) and London (U.K.): Transaction Publishers, 2010.

HONORATO, M. C. **Compêndio de Retórica e Poética**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Typographia Cosmopolita, 1879.

JERÔNIMO, N. A. Humor na sociedade contemporânea. Tese de Doutorado em Sociologia. Universidade da Beira Interior. 2015. Disponível em: https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/3974/1/TD_Nuno_Jer%C3%B3nimo.pdf. Acesso em: 05 maio 2019.

LAHON, D. Eles vão, eles vêm. Escravos e libertos negros entre Lisboa e o grão- Pará e Maranhão. (séc. XVII-XIX). In: **Revista de Estudos amazônicos**. Vol. VI, nº 1, 2011, p.70-79.

LAUSBERG, Heinrich. **Elementos de retórica literária**. Trad. R. M. Rosado Fernandes. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1967.

LE GOFF, J. Documento/ Monumento. In: **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão. 3ª ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1994 1994.

LORENÇO, M. P. M. Morte e exéquias das rainhas de Portugal (1640-1754). In: **Actas do II Congresso Internacional**. Porto: Universidade do Porto, 2003, p. 579-591.

LUIZ, P. F. C. **A academia dos humildes e ignorantes (1758- 1770): as letras e as luzes para o homem comum**. 2009. Dissertação de mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

MACHADO, D. B. **Summario da Bibliotheca Lusitana: histórica, critica, e cronológica**. Lisboa, Officina de Antonio Gomes, TOMO III, 1752. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=O2RoAAAACAAJ&pg=PA789&lpg=PA789&dq=bibliotheca+lusitna+victorino+jose+da+costa&source=bl&ots=tFShN2m8-&sig=pPnkrRbQJigf0Mhce22XRZeBIxk&hl=ptBR&sa=X&ved=2ahUKEwjLpo3hz6rdAhVEEZA KHRFVBnUQ6AEwBHoECAUQAQ#v=onepage&q=bibliotheca%20lusitna%20victorino%20jose%20da%20costa&f=false> . Acesso em: 25 set. 2017.

MACHADO, D.B. **Bibliotheca Lusitana: histórica, critica, e cronológica**. Lisboa: officina de Ignacio Rodrigues, Tomo II, 1746.

MACHADO, D.B; FARINHA, B. J. S. **Summario da Bibliotheca Lusitana**. Lisboa, Officina de Antonio Gomes, TOMO II, 1786. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=W5YDAAAAQAAJ&pg=PA231&dq=Jerônimo+tavares+mascarenhas+de+tavora&hl=ptBR&sa=X&ved=0ahUKEwjKweXT9PjbAhVDW5AKHTbkD8YQ6AEIOTAD#v=onepage&q=victorino%20jose%20da%20costa&f=false> > . 27 out. 2017.

MARTINS, P. L. **Ciberateísmo: sátira e humor na personagem do Pastor Adélio**. Dissertação em literatura. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina, 2017.

MATTOSO, J. Os espaços da vida privada em Portugal. In: **História da vida privada**. Lisboa: Círculo de Leitores, 2011.

MCKENZIE, D. F. **Bibliography and the sociology of texts**. London, The British Library, 2004.

MOISÉS, M. **Dionário de Termos Literários**. São Paulo, Ed: ultrix, 1974. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=0Pn4qAZQyoC&pg=PA3&hl=ptbr&source=gbs_selected_pages&cad=2#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 1 agost. 2018.

MOLINA, M. M. **História dos Jornais no Brasil: Da era colonial à Regência (1500-1840)**. v.1. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MORAES, A.J.M. **Elementos de Literatura: contendo a arte poetica, a mithologia, a idiologia, a grammatica, a logica e a rhetorica**. Rio de Janeiro, Typographia Americana de José Soares de Pinho, Rua da Afandega, 1856.

MOREIRA, L.S. **Imprensa e política: Espaço público e cultura política na província de Minas Gerais 1828-1842**. Dissertação de Mestrado Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2006.

MOREL, M; BARROS, M. M. **Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MOREL, M; BARROS, M. M. Da gazeta tradicional aos jornais de opinião: metamorfoses da imprensa periódica no Brasil. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P. das. (Org). **Livros e impressos: retratos do Setecentos e do Oitocentos**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

MOTA, I. F. **A Academia Real da História. Os intelectuais, o poder cultural e o poder monárquico no século XVIII**. Coimbra: Edições Minerva, 2003.

PÉCORA, A. Á guisa do manifesto. In: **Máquina de gênero**. São Paulo: Edusp, 2001.

QUINTILIANO, M.F. **Instituição Oratória**. Tomo II. Tradução, apresentação e notas: Bruno Fregni Bassetto. Cmpinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2015.

SANTOS, M. J. M. **O folheto de cordel: mulher, família e sociedade no Portugal do século XVIII (1750 -1800)**. Dissertação de mestrado em História Moderna. Universidade do Porto, 1987.

SILVA, I. F. Dicionário **Bibliographico Portuguez: estudos de Innocencio Francisco da Silva aplicáveis a Portugal e ao Brasil**. Lisboa: Imprensa Nacional, TOMO TERCEIRO, 1859.

SILVA, I. F. Dicionário **Bibliographico Portuguez: estudos de Innocencio Francisco da Silva aplicáveis a Portugal e ao Brasil**. Lisboa: Imprensa Nacional, TOMO SEPTIMO, 1862.

SILVA, A. M. **Diccionario da língua Portuguesa composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado e acrescentado por Antonio de Moraes Silva, natural do Rio de Janeiro**, Lisboa, Officina de Simão Thaddeo Ferreira, Tomo I, 1789.

SILVA, J.G. A situação feminina em Portugal na segunda metade do século XVIII. In: **Revista de História das Ideias**. Imprensa da Universidade de Coimbra, Tomo I, 1982. Disponível em:

SOUSA, J. P et al. **A Gazeta ‘da Restauração’: Primeiro Periódico Português - Uma análise do discurso**. Portugal: Labcom, 2011. Disponível em:

http://www.univale.br/sites/biblioteca/biblioteca_online_comunicacao/livrosbiblioteca/A%20gazeta%20da%20restaura%C3%A7ao%20-20primeiro%20peri%C3%B3dico%20portugues%20-%20uma%20an%C3%A1lise%20do%20discurso.pdf. Acesso: 10 jun. 2017.

SOUSA, J.P. **Uma história do jornalismo em Portugal até ao 25 de abril de 1974**. Universidade de Fernando Pessoa, 2008. Disponível em: <https://bdigital.ufp.pt/handle/10284/1163>.

SOUZA, R.L. **Festas, procissões, romarias, milagres: aspectos do catolicismo popular**. Natal: IFRN, 2013. 160p.

VERNEY, L. A. Carta sétima. In: **Verdadeiro método de estudar (cartas sobre Retórica e Poética)**. Introdução e notas por Maria Lucília Gonçalves. 1ª Edição. Lisboa: Editorial Presença, 1991.

VERNEY, L. A. Carta XVI. In: **Verdadeiro método de estudar (cartas sobre Retórica e Poética)**. Valença: Oficina de Antonio Balle, 1747. Tomo segundo. Disponível em: <http://purl.pt/118/4/>. Acesso em 10 maio. 2019.

ZILBERMAN, R. O jornal e a vida brasileira. 2006. In: **Jornal e Literatura: a imprensa brasileira no século XIX**. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

ANEXOS

ANEXO A – PRIMEIRA PÁGINA DO FOLHETO DE AMBAS LISBOAS

Notícia do Assunto

COSTUME louvável é nos reinos estranhos, introdução gostosa, em várias

nações do Mundo o uso do Folheto, que agora nesta Corte pretende introduzir a minha curiosidade, levado talvez do gracioso exemplo em tantos Impérios, com justificada razão bem avaliado; porém, antes que prossiga o assunto que pretendo, é necessário dar razão do meu dito: **venha ao teatro do Mundo o amigo FOLHETO, que há de fazer o seu papel de gracioso; queira Deus lhe achem pilhas em quantas ele disser graças.**

FOLHETO, senhores meus, é palavra estranha, natural de Itália, e vale o mesmo que bugiaria, é um rabo leva da Gazeta, é uma noticiosa chacorrice, é um desenfado por modo de novidade, é um sainete, como esgaravatador do apetite, palito no banquete da ociosidade lhe chamou um crítico de Romance o que eu seguro, é, que é uma causa, que a pouco custo faz rir a gente se ela quiser. **Usam-no em Franca como moda as Senhoras mães xarifas, cujos estrados são com o FOLHETO palestras de riso às quintas feiras, e há formosura, que lê mais por ele, que pelo livro das almas.** Não há chichisbeo, que viva tedioso, antes todos fazem gala de o usarem como regozijo: fazem-lhe cortesia os Palacianos, e dão queixas contra o Autor, porque não foi largo, e até se lê na casa de pasto, donde o mais gordo taverneiro bebe à saúde do xiste, e lhe faz a razão o maior piantíssimo alfaiate. Não menos decorosa estimação tem em Inglaterra pois no coche o **vai recitando a Madama, na cozinha o escuta a servente, no prado o lê o Adônis, e até como Oração Acadêmica o introduz o Mestre de meninos na escola.** Trata este FOLHETO novidades galantes; o mesmo referirá o nosso, deixando aos Leitores, ou ouvintes, os alvedrios livres para crer o que ele se refere; diz galantarias com graça; farei por imitá-lo na extravagância: nos fora a frioleira, em que tal vez tropece por descuido da energia, mas nisso mesmo acharam os curiosos a melhor graça, ao menos porque os divertirá a confiança. Esta é Senhores do FOLHETO a notícia; agora se conhecerá melhor vendo a tratada. (FOLHETO DE AMBAS LISBOAS, S/D, 1730, N° 1, P. 1-2, GRIFOS MEUS)

ANEXO B - RELATO DA CERIMÔNIA FÚNEBRE DO PRÍNCIPE CARLOS DA DINAMARCA

D I N A M A R C A.
Kopenbague 27. de Dezembro.

O Corpo do Principe Carlos que aqui morreu a 10 do corrente, em idade de hum anno 9. mezes. e 3. semanas, foy posto a 11. sobre hum leito de estado, na sala da audiencia, onde esteve tres dias, guardado de dia, e de noyte por duas Damas, e dous Senhores da Corte. A 15. que era o dia destinado para se levar o corpo a *Rotschild* onde está o jazigo da familia Real, o Graõ Chanceller o tirou do leito para o meter em hum cayxão, e quatro Gentishomens da Camara o levãrão ao coche de luto q̃ estava no claustro do Palacio. Começou a marcha pelas sete horas da noyte por hum destacamento das guardas a cavallo com o seu Capitão. Seguia-se Monf. *Blome* Conselheyro privado, e Gram Marechal da Corte, com o bastão de Marechal na mão, e logo o coche em que hia o tumulo; em cuja circumferencia marchava a guarda dos Trabantes vestidos de negro com as suas partazanas arrastradas pela terra, e 16. lacayos delRey com tochas de cera branca; e depois ElRey, a Rainha, o Principe, e Princeza Reaes, o Gram Chanceller, os Condes de *Reventlan*, e de *Larwig*, muytos Conselheyros, e Gentishomens da Camara em coches a seis cavallos com os criados de pé, aos lados vestidos de luto com tochas de cera branca, e dava fim à marcha outro destacamento das guardas de cavallo com hum Tenente. Nesta ordem foy levado por diferentes ruas que estavam illuminadas, até hum sitio fóra da Cidade a que se dà o nome de *Accisebude*, donde Suas Magestades, e Altezas com a mayor parte dos Senhores se recolheram na mesma noyte, ficando alli somente o Gram Marechal, e alguns Gentishomens da Camara, que no dia seguinte acompanhãrão o corpo do Principe a *Rotschild*, onde se lhe deu sepultura.

Ratificou-se o Tratado de Commercio que se concluiu entre Sua Magestade, e ElRey de Prussia. Os Directores da nossa Companhia Oriental receberam avizo por Hollanda, que humas das suas naos, que voltavam de *Traquebar* para a Europa, se abriu à vista da Ilha de S. Thomé; porém que se salvou toda a equipagem, e a mayor parte das mercadorias.

Fonte: Gazeta de Lisboa Occidental (1730)

ANEXO C - ANÚNCIO DA ABERTURA DA ACADEMIA PORTUGUESA

150
 nhado do Marechal de Ville-Roy, seu Ayo, & dos seus primeiros officiaes, precedido de hú
 delitamento de 40 guardas do corpo com suas trombetas, & arabales. O Czar veyo rece-
 ber a S. Mag. no deito do coche, & o conduziu ao seu quarto, & depois á Galeria, & recolheu-
 do-se S. Mag. o recondozio até o lugar onde o recebera. A 11. depois do jantar o Czar acom-
 panhado do Principe Dolgorouchi, Tenente General das suas tropas, do Barão Schallfirow,
 Vice Chanteller do Principe Kurakin, & do Marechal de Telle, pallou ao Palacio das Tuyle-
 ries a pagar a visita a ElRey nos coches que lhe havia mandado. Sua Mag. o veyo bulcar no
 coche, & o reconduzio, & traçou com as mesmas ceremonias com que por elle foy tratado.
 O negocio da Constituição tivera foyto mais ruido, se o não alijara a prudencia do Duque
 Regente. O Cardeal de Noailles fez seguitar a sua appellação ao archivo do seu Arcebispo, mas ainda se não fez publica.

PORTUGAL.
 Lisboa 10 de Junho.

Domingo cumprio tres annos o Serenissimo Principe do Brasil. Os Ministros estran-
 geiros os congratrão nas loas melhores equipagens a dar os parabens á Rainha N. S.
 & a S. Ale. a quem todos os Titulos, Ministros, & Nobreza vestidos de gala beijarão
 as mãos. Sua Magest. que Deus guarde, veyo de Pedronços pela manhã, & se recolheu pelas
 oito horas da noyte.

Por hú navio Inglez, q' entrou neste porto segunda feyta, se recebeu cartas do Conde do
 Rio grande, elctas em 11. de Mayo, com a noticia de se continuando felicemente a sua via-
 gem para Levante em direitura a Malta, mas com muyto vagar por ser de taó má vela a
 charrua do transporte, que a levão ao reboque.

O Conde da Eucyra querendo fazer communicavel a sua universalidade em toda a littera-
 tura, & dirigir os cotagoens, & os discursos ás virtudes moraes, & as sciencias, tirando
 destas as especulaçoens nuteis, instituiu no seu palacio hum congresso de pessoas erudas,
 com o titulo de Academia Portuguesa, cujas leys se comprehendem em vinte & dous precei-
 tos. As assembleas começãto em 16. do mes de Mayo, & se continuãto todas as quartas
 feyras de tarde. Em cada huma ha sempre huma lição de Filofoia moral, outra de Filo-
 logia. Adumptos para dissertaçoes, Mathematicas, Phisicas, Moraes, & Criticas, & para
 versos. Queltosens sobre a lingua Portuguesa, & hum extracto das noticias literarias da Eu-
 ropa. Na primeira fez o mesmo Conde como secretario della hum estudo d' discurso sobre a
 sua introdução, em que tambem expou a sua forma; & o Marquez de Alegrete outro so-
 bre a mesma matetia muy elegante; & o P. D. Raphael Bluteau, Preposito da Casa da Divina
 Providencia propoz varias queltosens sobre a lingua Portuguesa, como deve fazer em todas as
 conferencias. Na 2. fez o Marquez de Alegrete huma dissertação sobre a origem das linguas,
 & o P. D. Manoel Caetano de Sousa huma lição de Filofoia moral: houve varios discursos,
 & versos, argumentos, & experiencias. O Emin. Senhor Cardeal da Cunha assistio em pu-
 blico em ambas as assembleas, em que se achãto tambem as pessoas mais illustres, & dou-
 tas da Corte.

Em 8. se ajustãto os Cambios na Praça desta Cidade, Amsterdão 46 $\frac{1}{2}$ à $\frac{1}{2}$ Paris
 Londres 47. $\frac{1}{2}$ Genova Lione Madrid 3000. Cadix.

*Estas não estãto embebidas ao bem publico, se da a saber, como se tem experimentado dum remedio
 para o curar mal da gista artetia: he topica, ou ext. erno, & applicada à parte tira em 12. horas 10.
 da a diti, & nos dous dias seguintes, continuando o dito remedio, tira a inchação, de foyte que fica
 a parte em sua proncyra ineyreça, obra o dito remedio exalando o mal para fora: seu Author o
 Doutor Merette, Medico e Brangeyro, que em outras fez aviso, curava a Gonorrhoea, ascidonea
 vertiginos, reumatismo &c. Mora ao Correio mór á entrada da rua da Lixa.*

*Na Lisboa Oriental no beco do Picão, antes de chegar á porta da Igreja de S. Jorge, abra effe-
 la de Latim outro Manoel de Ascanites, que procura á desempenhar o nome como seu metodo de
 ensinar a todos, es que se quizerem appoiar a este estudo.*

L. SILVA OCCIDENTAL, NA Officina de FRANCISCO DA SILVA, Impressor de S. Mage.
 Com todas as licenças necessarias, & Privilegio Real.

Fonte: GAZETA DE LISBOA OCCIDENTAL, 10 jun, 1717.

APÊNDICE

APÊNDICE A - QUADRO DE CATALOGAÇÃO DOS GENÊROS RETÓRICO- POÉTICOS DO FOLHETO DE AMBAS LISBOAS

Nº FOLHETO	GÊNEROS RETÓRICO-POÉTICOS DO FOLHETO DE AMBAS LISBOAS
3	6 provérbios, 4 epitáfios
9	2 sonetos, 2 décimas, 2 romances
10	2 sonetos
11	7 oráculos
14	Sonetos, 1 cantiga, 1 voltilha, 1 mote, décimas, 1 glosa, 1 redondilha, 1 romance, 1 enigma, sonetos.
15	1 Romance joco-fúnebre
16	1 copla, 1 quebrado,
17	1 Larido joco-fúnebre, 1 epitáfio
18	1 epitáfio
20	Epitalamio, 1 soneto, liras, 1 letra, endexas, 1 mote, 1 glosa, 1 romance, 1 contradança, decimas, 1 dedicatória.
21	Prática
22	Liras
24	1 romance,
25	1 xácará
26	1 soneto